

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Ciências Econômicas  
Departamento de Ciências Administrativas  
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração

RAQUEL DE OLIVEIRA BARRETO

**ENCONTROS E DESENCONTROS:** um olhar sobre a velhice em uma Instituição de Longa  
Permanência para Idosos

Belo Horizonte

2012

RAQUEL DE OLIVEIRA BARRETO

**ENCONTROS E DESENCONTROS: um olhar sobre a velhice em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos**

Dissertação apresentada ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (CEPEAD) da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de Concentração - Estudos Organizacionais e Sociedade.

Orientadora - Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Paes de Paula

Belo Horizonte

2012

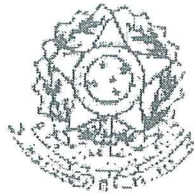
Ficha catalográfica

B273e  
2012 Barreto, Raquel de Oliveira, 1987-  
Encontros e desencontros : um olhar sobre a velhice em uma  
instituição de longa permanência para idosos / Raquel de Oliveira  
Barreto / Raquel de Oliveira Barreto , 2012.  
182 f.: il., gráfs.

Orientadora: Ana Paula Paes de Paula.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.  
Inclui bibliografia (p. 175-181) e anexos.

1. Velhice – Teses. 2. Idosos – assistência em instituições –  
Teses. 3. Idosos – Condições sociais – Teses. I. .Paula, Ana Paula  
Paes de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-  
Graduação e Pesquisas em Administração. III. Título.

CDD: 362.6042



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Ciências Econômicas  
Departamento de Ciências Administrativas  
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO da Senhora RAQUEL DE OLIVEIRA BARRETO, REGISTRO Nº 491/2012. No dia 25 de abril de 2012, às 15:00 horas, reuniu-se na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 30 de março de 2012, para julgar o trabalho final intitulado "Encontros e Desencontros: Um olhar sobre a Velhice em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos", requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Administração, área de concentração: Administração. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Paes de Paula, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVAÇÃO;

APROVAÇÃO CONDICIONADA A SATISFAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS CONSTANTES NO VERSO DESTA FOLHA, NO PRAZO FIXADO PELA BANCA EXAMINADORA (NÃO SUPERIOR A 90 NOVENTA DIAS);

REPROVAÇÃO.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 25 de abril de 2012.

NOMES

ASSINATURAS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Paes de Paula... *Ana Paula Paes*  
ORIENTADORA (CEPEAD/UFMG)

Prof. Dr. Antônio Moreira de Carvalho Neto... *Antônio Moreira de Carvalho Neto*  
(PUC/ MG)

Prof. Dr. Anderson de Souza Sant'Anna... *Anderson de Souza Sant'Anna*  
(Fundação Dom Cabral/MG)

*Dedico esta dissertação aos meus pais, os quais me ensinaram o incalculável valor dos estudos...*

*Vocês são TUDO pra mim, minha maior lição de vida!*

## AGRADECIMENTOS

Sempre idealizei esse momento em que estaria aqui escrevendo essas palavras... De fato são muitas pessoas a quem desejamos agradecer após esse longo percurso de construção da pesquisa. Quando chegamos ao final (que mais parece um começo), a constatação é ambígua: sentimos na pele o quanto o trabalho acadêmico é solitário, mas ao mesmo tempo sabemos que não seria possível realizá-lo sem a ajuda de outras pessoas. As contribuições são as mais diversas: seja na compreensão pela falta de tempo, nas palavras carinhosas em momentos de cansaço e dificuldades, pela orientação valiosa quanto aos caminhos a seguir ou ainda pela generosidade de nos deixar mergulhar em questões tão delicadas e profundas. Enfim, preciso muito agradecer:

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida que se renova a cada dia, pela Sua forma maravilhosa de nos mostrar o quanto devemos sempre permanecer humildes e abertos aos novos caminhos e possibilidades com os quais nos deparamos. Obrigada pelo aprendizado e pelo apoio que posso sentir intensamente a todo o momento.

À minha família – pai, mãe, Renata, Rodrigo, Rosane, Rafael e Vinícius – pelo amor e apoio incondicionais, sem os quais tenho certeza de que não teria conseguido realizar esse sonho. Vocês são muito especiais para mim!

Ao Fernando pelo amor e companheirismo que me tornaram uma pessoa melhor, mais corajosa e feliz. Às vezes palavras não são capazes de expressar...

À professora e amiga Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Paes de Paula, pela presença marcante e inspiradora em toda a minha trajetória acadêmica que se iniciou ainda no PET (Programa de Educação Tutorial), quando a conheci. Pela atenção, pelo carinho, pelos conselhos e pela maravilhosa orientação que possibilitou a concretização deste trabalho. Agradeço pelo exemplo e, principalmente, pela confiança, que me permitiu ousar, sempre reforçando a nossa condição de seres autônomos. Muito obrigada!

Aos professores da linha Estudos Organizacionais e Sociedade, pelas aulas sempre regadas de boas reflexões tão relevantes para a construção da pesquisa. Aos demais professores e funcionários do CEPEAD/FACE/UFMG, pelo conhecimento proporcionado, seja ele teórico ou para a vida.

Aos meus queridos colegas de mestrado, com o quais dividi dificuldades, expectativas, dúvidas e bons momentos de descontração. Em especial gostaria de agradecer às Anas de minha vida – Ana Luiza e Ana Paula, amigas que estiveram ao meu lado ao longo desse percurso, sempre me apoiando: como vocês são importantes pra mim! Muito obrigada Ana Lu por esta parceria tão intensa e verdadeira que está presente em cada palavra deste trabalho. Agradeço também ao Daniel (vovô), Felipe e Paulo Vítor (PV), amigos queridos que tornaram essa jornada mais leve e prazerosa.

Aos demais amigos do CEPEAD, em especial às meninas: Fernanda Tarabal, Glauce, Lílian, Ludmila, Mariana Mayumi e Renata Bicalho – amigas queridas, por vezes professoras, que me presentearam com amizades verdadeiras e muito carinho: obrigada por tudo! Aos meus eternos amigos de Divinópolis: Ana Paula, Fernanda, João Paulo, e Mariana, pelo apoio e confiança: eu adoro vocês!

Gratidão especial aos sujeitos de pesquisa, por me darem a honra de adentrar em suas vidas e subjetividades. Agradeço imensamente pelo aprendizado que em todos os aspectos superou minhas expectativas: vocês são histórias vivas, que prazer enorme conhecê-los! Obrigada pela transformação que provocaram em minha subjetividade, tenho certeza que conviver com vocês foi o principal benefício deste trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pela bolsa a mim concedida durante a realização desde curso de mestrado. Tal auxílio foi indispensável para que eu pudesse me dedicar integralmente ao curso, aproveitando melhor as possibilidades a ele atreladas.

A todos: muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como velhos que residem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos vivenciam subjetivamente a experiência da velhice, além de analisar como esta vivência dos sujeitos é percebida pela instituição e influencia suas práticas. Embora o crescimento da população idosa seja uma realidade mundial e tenha sido frequentemente utilizado como justificativa para realização de pesquisas sobre o tema, nosso interesse recai especificamente sobre o lugar que é atribuído ao velho na sociedade contemporânea. Nesse sentido, para além de questões numéricas, o fato é que o velho ainda pode ser considerado uma minoria, desprovida de participação política e social. A fim de compreender a dinâmica e os valores que marcam a sociedade atual recorreremos ao conceito de “sociedade narcísica”, desenvolvido por Lasch (1983). A partir desse conceito, discutimos como a velhice é incompatível com os ideais de beleza e jovialidade tão valorizados nos dias atuais, assim como o temor em relação à morte pode ser explicado pelo desejo narcisista de imortalidade. Partimos do entendimento de que o velho é considerado um ‘estranho’ com o qual não desejamos estabelecer laços de reciprocidade, pois ele nos lembra, a todo o momento, do nosso próprio processo de envelhecimento e morte inexoráveis. Tendo em vista nosso interesse especial na realidade dos idosos institucionalizados, buscamos compreender qual é o cenário destas instituições no Brasil e refletir sobre seus significados e papel na sociedade. A psicanálise foi utilizada nesta pesquisa como uma moldura teórica, capaz de oferecer elementos para a análise social. Adotando um posicionamento teórico-crítico, pautamo-nos na busca por desvelar e discutir condições de opressão que permeiam a realidade, contribuindo não só para a reflexão sobre a existência dessas desigualdades, mas também para o vislumbre de possibilidades de mudança. Diante desse arcabouço teórico realizamos um estudo de caso qualitativo no Lar dos Idosos, uma Instituição de Longa Permanência situada na cidade de Divinópolis, Minas Gerais. Várias técnicas de coleta de dados foram utilizadas para que pudéssemos alcançar o nível de profundidade exigido pela proposta da pesquisa: a imersão nas subjetividades. Nesse sentido, optamos pela realização de observação participante durante o período de seis meses, além de entrevistas com os profissionais da instituição e o recolhimento de trajetórias de vida. Para a análise, buscou-se lançar sobre os dados um olhar compreensivo hermenêutico, almejando não somente o conteúdo explícito das falas, mas, principalmente, o silenciado. Os resultados apontam para a existência de divergências

entre o olhar institucional e o dos sujeitos, o que culmina em prejuízos para a instituição – no que diz respeito ao alcance dos seus objetivos, mas principalmente para os sujeitos, os quais sofrem constantemente com o cerceamento de sua autonomia e com a negligência de aspectos que os afetam subjetivamente. Como possibilidades de amenizar os descompassos são discutidas questões como a necessidade de preparação dos profissionais que lidam com os idosos e a necessidade de que o envelhecimento seja ressignificado socialmente.

**Palavras-chave** – Velhice, Instituições de Longa Permanência para Idosos, Subjetividade, Psicanálise.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to understand how “old people” who live in a nursing home subjectively experience old age, and also to analyze how this experience of the subjects is felt by the Institution (Long Term Care Institution) and how this influences its practice. Even though the growth of the elderly population is a global reality and it's frequently used to justify researches about the theme, our interest is specifically on the position which is provided to the old people in a contemporary society. In this regard, besides numerical questions, the fact is that the elderly is still considered a minority, without political and social participation. In order to understand the dynamic and values which establishes today's society we based on the concept of “narcissistic society”, developed by Lasch (1983). From this perspective, we discuss how old age is incompatible with beauty ideals and youthfulness valued in today's society, as well as fear related to death can be explained by the narcissistic desire of immortality. We based on the understanding that the old is considered a stranger whom we don't want to establish reciprocal ties because he reminds us, every moment, of our own aging process and inevitable death. Taking into account our especial interest in the reality of the elderly in Long Term Care Institutions, we try to understand the scenario of the Brazilian nursing homes and to reflect about the meanings and the role in the society. The psychoanalysis was used in this research as a theoretical frame able to offer elements for a social analysis. We chose a critical-theoretical positioning; we directed our search to reveal and discuss the conditions of oppression which permeates reality, contributing not only to the reflection of the existence of inequalities but also to long for the possibility of change. Based on this theoretical layout we conducted a study in the qualitative case in the Lar dos Idosos, a nursing home located in the town of Divinópolis, Minas Gerais. Many techniques in data collection were used to allow us to reach a depth level required in the research proposal: the immersion in the subjectivities. In this sense, we chose to run a participant observation during a period of six months, and also the interviews of professionals from the nursing home and the recollection of life stories. For the analysis, there was a comprehensive interpretation in the data collected, aspiring not only the speech explicit content but also the silenced one. The results appoints to an existence of a distortion between the institutional look and the subjects' which results in a loss for the Institution in reference to reaching their objectives but especially for the subjects who constantly suffer with the restrain of their autonomy and with

the careless aspects which affects subjectively. With the possibilities to lessen the irregularities, questions such as the need to prepare professionals who are dealing with the elderly, and the need that the aging becomes socially re-modified are discussed.

**Keywords** – Old age, Long Term Care Institution, Subjectivity, Psychoanalysis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### 1 Lista de figuras

FIGURA 1 – Distribuição proporcional das instituições de longa permanência brasileiras por regime jurídico – 2007 - 2009.....	58
FIGURA 2 – Distribuição proporcional da população idosa, das ILPIs e de seus residentes, segundo as regiões brasileiras – 2007-2009. ....	60
FIGURA 3 – Distribuição proporcional das ILPIs por número de residentes – Brasil, 2007-2009. ....	61
FIGURA 4 – Composição percentual dos gastos das instituições de longa permanência – Brasil, 2007-2009.....	63
FIGURA 5 – Composição percentual do financiamento das instituições de longa permanência por natureza jurídica – Brasil, 2007-2009.....	64
Figura 6 – Esquema do percurso metodológico da pesquisa.....	82

### 2 Lista de quadros

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa .....	78
Quadro 2 – Quantidade de funcionários por cargo/função no Lar dos Idosos .....	91

## SUMÁRIO

1	PALAVRAS INICIAIS .....	12
2	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Problema de pesquisa .....	18
2.2	Objetivos.....	19
2.2.1	Objetivo geral .....	19
2.2.2	Objetivos específicos.....	19
3.3	Justificativa.....	20
3	POR UM PONTO DE PARTIDA: POSICIONAMENTO ONTOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO .....	22
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	29
4.1	Narcisismo na contemporaneidade.....	29
4.1.1	Narciso: o mito .....	30
4.1.2	A escrita freudiana sobre o narcisismo.....	31
4.1.3	A expressão patológica do narcisismo .....	35
4.1.4	Sociedade narcisista.....	38
4.1.5	Narcisismo e velhice.....	40
4.2	O Velho é o Outro! .....	43
4.2.1	Envelhecimento e velhice: entre perdas e ganhos .....	44
4.2.3	As consequências de uma morte social: aposentadoria e ociosidade .....	49
4.3	As Instituições de Longa Permanência para Idosos .....	53
4.3.1	De asilo a Instituições de Longa Permanência para Idosos: perspectiva histórica e legal ...	53
4.3.2	Um panorama das Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil .....	57
4.3.4	A ILPI como instituição total: presente ou passado? .....	65

4.3.5 O velho é o Outro que não quero ver: as ILPI's no bojo da sociedade narcisista .....	67
5 PERCURSO METODOLÓGICO .....	70
5.1 Por uma pesquisa qualitativa e crítica .....	71
5.2 A operacionalização da pesquisa: o <i>como</i> foi feito .....	73
5.2.1 Momento 1: Vivendo a Instituição .....	74
5.2.2 Momento 2: Olhando para a Instituição .....	75
5.2.3 Momento 3: Olhando para os Sujeitos .....	76
5.3 A análise dos dados .....	79
5.4 Sobre a realização da pesquisa: desafios do campo .....	83
6 ANÁLISE DOS DADOS .....	85
6.1 Eixo I – A Instituição .....	85
6.1.1 Um passeio pelo Lar: imagens e sensações .....	85
6.1.2 Lar dos Idosos: caracterizando a organização .....	90
6.1.3 Admissão de novos residentes .....	92
6.1.5 Hotel dos Avós .....	102
6.1.6 O olhar dos profissionais .....	104
6.2 Eixo II – Sujeitos e Subjetividades.....	118
6.2.1 O cotidiano no Lar: no compasso do relógio.....	118
6.2.2 Era uma vez.....	123
6.2.3 Um mergulho nas subjetividades.....	143
6.2.4 A experiência das oficinas de artes: escrevendo certo por linhas tortas.....	156
6.3 Eixo III – Sujeitos e Instituições: Encontros e Desencontros.....	162
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	172
REFERÊNCIAS .....	175
ANEXO A .....	182

## 1 PALAVRAS INICIAIS

*Viver é envelhecer, nada mais.*

*Simone de Beauvoir*

Reservei este espaço para esclarecer ao leitor alguns aspectos relevantes, falar de motivações e de expectativas em relação à pesquisa. O tema do envelhecimento há muito se tornou alvo do meu interesse, seja pela minha própria vivência familiar, seja pela admiração que sinto por essas pessoas que conhecem coisas da vida que somente posso imaginar. Em função disso, surpreendo-me e fico indignada quando vejo alguém tratar o velho de qualquer outra forma que não seja com respeito. Mas para que se preocupar com isso hoje, se ainda é tão jovem? Por várias razões. Somos responsáveis pela forma como se constrói o sentido do velho em nossa sociedade, pela demarcação do espaço que lhe é concedido, bem como pela maneira pela qual agimos em relação a ele.

As palavras de Beauvoir, citadas acima, expressam uma constatação que muitas vezes fazemos questão de ignorar: desde o dia que em que nascemos começamos a trilhar o caminho do envelhecimento. É um processo inexorável, que por um momento torna iguais todos os seres humanos, independentemente da cor da pele, da condição econômica ou do grau de escolaridade. Concordamos que a igualdade acaba por aí, pois cada um vai vivenciar esse processo de forma diferente, mas é certo que ninguém dele se isenta. Se essa constatação nos entristece é justamente porque estamos contaminados por uma determinada idéia do que é a velhice, mas quem disse que ela tem que ser assim ou de outra forma?

Dentro dessa mesma discussão acerca do que é ser velho, podemos destacar a conotação negativa que esse termo assumiu, estando ligado a uma imagem de decrepitude e sofrimentos. De forma mais específica, Peixoto (1998) explica que na França do séc. XIX os termos *velhote* e *velho* eram tradicionalmente usados para designar aqueles que não possuíam nenhum *status* ou riqueza, ou seja, o segmento da população ligado principalmente ao trabalho manual. Por sua vez, as pessoas de mais idade das classes abastadas eram denominadas *idosas*. No caso brasileiro, tal

distinção também se configurou e, como coloca a autora, “Ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres.” (PEIXOTO, 1998, p. 72).

Como qualquer categorização, esta também é responsável pela criação de preconceitos e de exclusão. Tendo em vista o nosso interesse de problematizar essas construções e suas consequências para a vida das pessoas, optamos por utilizar aqui estes termos sem qualquer distinção. Chamaremos aqui de velhos, idosos, pessoas de mais idade, esses sujeitos a quem nos referimos sem nos preocuparmos com as conotações anteriores que tais termos assumiram, pois, na realidade, somos nós que construímos esses sentidos. Ainda que pensemos que não, o simples fato de reproduzirmos de forma acrítica esses sentidos nos torna deles coprodutores.

Além disso, a quem estamos chamando de velhos? Essa é outra questão relevante para estudos que os elegem como sujeitos de pesquisa. Como expõe Coutrim (2010), não se pode negligenciar nessa definição os diferentes aspectos biológicos e sociais que influenciam na construção desse sujeito. No entanto, reconhece-se que a relação entre esses aspectos é complexa e varia significativamente de acordo com o contexto sócio-cultural e histórico.

Outro tema importante que compõe essa pesquisa — e que também nos é muito caro — é o da subjetividade. Partimos aqui do pressuposto de que não é possível pensarmos o mundo fora do registro da subjetividade, pois a todo tempo estamos falando de interações humanas. Desde já, adianto que não estamos tratando de subjetivismo, mas dessa rede de significações que emergem da relação dialética entre homem e sociedade. Nosso objetivo aqui nada mais é do que reconhecer algo que entendemos como inerente à dinâmica da vida social e que, portanto, deve ser considerado. Dessa forma, reconhecemos também o investimento de nossa própria subjetividade enquanto pesquisadores, o que de forma nenhuma deve ser entendido como um obstáculo à investigação.

Gostaria também de esclarecer uma questão que desde o início da elaboração desta pesquisa tem sido dirigida a mim: Porque fazer isso na Administração? Bem, sempre respondo com uma contra pergunta: Porque não fazer? Primeiro porque, especialmente dentro da linha dos Estudos Organizacionais e Sociedade, nossos interesses de pesquisa se voltam para um horizonte mais

amplo, em que todas as relações que permeiam a vida social, bem como as suas organizações — sejam elas econômicas ou não, constituem fontes de estudo para um entendimento mais profundo da própria realidade social. E se partimos de uma perspectiva crítica, esses estudos se fazem ainda mais relevantes pelo interesse em desvelar as condições de dominação e opressão existentes que impedem os sujeitos de alcançar a emancipação.

Por fim, em termos de expectativas, vislumbramos inicialmente essa pesquisa como uma possibilidade de viver uma experiência autêntica de aprendizado e de contribuir para a reflexão acerca do nosso próprio agir na construção da realidade social de que fazemos parte. De fato, foi isso o que aconteceu. Ao longo do processo vários desafios se impuseram, principalmente no que se refere à superação de preconceitos enraizados na nossa forma de pensar e agir em relação ao velho.

Esperamos que a leitura desse trabalho proporcione ao leitor o mesmo prazer que despertou na pesquisadora em sua realização.

## 2 INTRODUÇÃO

*Não nos iludamos, pois o que buscamos não é a vida eterna  
e sim a juventude eterna.  
Kovács*

“O envelhecimento populacional é uma realidade planetária indiscutível.” (CARVALHO, 2009, p. 1); “O processo de envelhecimento da população vem ocorrendo intensamente nos últimos anos [...]” (KELLY, RIBAS, COSTA, 2010, p. 1); “O envelhecimento tornou-se uma questão social e urgente.” (DEVIDE, 2000, p. 1). Vários são os trabalhos que iniciam o debate sobre o envelhecimento a partir da constatação do crescimento dessa parcela populacional no Brasil e no mundo. De fato esse crescimento é uma realidade. No entanto, para além de pensar a velhice como um acontecimento diante do qual se faz necessário reagir, esta pesquisa dedica-se ao entendimento de qual o lugar do velho na sociedade contemporânea, especialmente daqueles inseridos em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI’s).

Segundo Lasch (1983), podemos identificar na sociedade contemporânea a vivência de uma cultura narcisista, em que as lutas por mudanças sociais cederam espaço para as preocupações de cunho individual. Nas suas palavras:

**Desesperançados** de incrementar suas vidas com o que interessa, as pessoas convenceram-se de que o importante é o **autocrescimento psíquico**: entrar em contato com seus sentimentos, comer alimentos saudáveis, tomar lições de dança clássica ou dança-do-ventre, mergulhar na sabedoria do Oriente, correr, aprender a se ‘relacionar’, superar o ‘medo do prazer’. (LASCH, 1983, p.25, grifos nossos).

O resultado dessa equação são indivíduos excessivamente preocupados com o corpo e com as aparências, intolerantes quanto a não satisfação imediata dos seus desejos e extremamente angustiados pelo sentimento de vazio interior. Diante de uma preocupação exacerbada com o *eu* e com o *agora*, vivenciam um silenciamento da alteridade e um sentido de descontinuidade histórica, afinal, nada importa a esse sujeito a não ser a sua autopreservação psíquica. Ao não se importar com o futuro e nem com o passado, trata-se de uma sociedade que não encontra

qualquer sentido para o *tornar-se velho* e possui um verdadeiro pavor em relação à morte. (LASCH, 1983; BIRMAN, 2009).

Neste contexto de uma sociedade narcisista, empreende-se uma luta contra qualquer traço físico ou psicológico que deponha contra a tão valorizada juventude. Academias de ginástica, tratamentos estéticos, *best sellers* contendo a fórmula da existência saudável, mudanças de estilo de vida — todos os recursos estão disponíveis para que os indivíduos se adequem ao padrão desejado. Um padrão que não se limita ao físico, mas que se estende às subjetividades. (BIRMAN, 2009). Nessa perspectiva, ser velho, então, acaba por constituir-se uma opção de vida, a despeito de todas as condições objetivas resultantes do passar dos anos: cabe ao sujeito contornar os obstáculos.

Como expõe Birman (2009), se valorizamos aspectos relacionados à beleza e à jovialidade e, como coloca Lasch (1983), pouco valor atribuímos ao passado e não queremos vislumbrar e cooperar com as gerações futuras, torna-se compreensível a falta de identificação em relação ao velho na atualidade. Tal identificação, enquanto processo de se reconhecer no Outro e com ele estabelecer projetos em comum, acaba por se tornar problemática na relação entre o velho e as demais pessoas. Afinal, de que projetos o velho participa na contemporaneidade? Ou ainda, de que projetos permite-se ao velho participar? Segundo Beauvoir (1990, p. 266), isso se dá pela percepção do velho como uma “espécie estranha”, com o qual os demais não conseguem estabelecer laços de reciprocidade.

Diante dessa perspectiva em que o velho é esse Outro, com o qual não queremos nos deparar, pode-se mais uma vez questionar o lugar que é atribuído a ele na contemporaneidade. Sob o ponto de vista da subjetividade, inquieta-nos o questionamento a respeito de como é então vivenciar esse momento da vida em um contexto sócio-cultural que dita padrões nos quais eles não podem se encaixar. Nesse cenário em que imperam os valores da sociedade narcisista, esta pesquisa se volta especificamente para a realidade dos velhos que residem em Instituições de Longa Permanência.

As Instituições de Longa Permanência para Idosos são locais que oferecem atendimento de internato ao idoso que não possui laços sociais/familiares, ou em casos nos quais, por alguma razão, esses laços estejam fragilizados. Nesse sentido, tais organizações devem prover moradia, alimentação, saúde e convivência social a esses sujeitos. Frequentemente caracterizadas como Instituições Totais (GOFFMAN, 1974), a imagem das ILPI's é fortemente associada a aspectos negativos, assim como a figura do idoso institucionalizado. Mas o que significa a existência dessas instituições? Como elas funcionam? Como os idosos vivenciam subjetivamente a velhice nesses ambientes? São várias as questões que motivaram a investigação aqui apresentada.

Partindo desse cenário e das inquietações explicitadas, esta dissertação se orientou pelas seguintes questões: Como os velhos que residem em uma Instituição de Longa Permanência vivenciam subjetivamente a experiência da velhice? E como esta vivência dos sujeitos é percebida pela instituição e influencia suas práticas? Nesse sentido, buscamos ao longo da pesquisa entender a dinâmica da relação entre sujeitos e instituição, tendo como fio condutor os significados atribuídos por ambos à velhice e à morte.

A fim de refletir sobre essas questões, empreendemos um estudo de caso qualitativo no Lar dos Idosos, uma Instituição de Longa Permanência situada na cidade de Divinópolis, Minas Gerais. Eleita como *locus* de pesquisa, a instituição tem mais de 40 anos de existência e possui um papel representativo para a cidade e redondezas. A pesquisa empírica foi realizada durante o período de seis meses, em que várias técnicas de coleta de dados foram utilizadas visando abarcar tanto a esfera institucional quanto os sujeitos, além da identificação dos pontos de aproximação e distanciamento entre eles. Para a análise, buscou-se lançar sobre os dados um olhar compreensivo hermenêutico, almejando não somente o conteúdo explícito das falas, mas, principalmente, o silenciado. Assume-se que essa leitura somente se fez possível por meio da conjugação das diversas fontes de dados, as quais possibilitaram a constituição de um arcabouço contextual.

Também é importante ressaltar que a psicanálise foi utilizada nesta pesquisa como uma moldura teórica, capaz de oferecer elementos para a análise social (HABERMAS, 1984). Adotando um posicionamento teórico-crítico, o estudo se pautou na busca por desvelar e discutir condições de

opressão que permeiam a realidade, contribuindo não só para a reflexão sobre a existência dessas desigualdades, mas também para o vislumbre de possibilidades de mudança.

Sendo assim, esta dissertação está dividida em sete partes, incluindo as palavras iniciais e a introdução, abarcando também o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa. A segunda parte contém o posicionamento ontológico e epistemológico adotado na pesquisa, esclarecendo as bases sobre as quais repousam as discussões e análises realizadas. Apresenta-se em seguida (parte 3) a fundamentação teórica do estudo, que se inicia pelo aprofundamento no conceito de sociedade narcisista e da relação entre esse conceito e a velhice. Posteriormente, há uma discussão sobre o envelhecimento na sociedade contemporânea. Logo em seguida, dedica-se ao entendimento da realidade específica das Instituições de Longa Permanência para Idosos, assim como seus significados. Os procedimentos metodológicos da investigação, seus fundamentos, métodos e técnicas, além dos percalços encontrados ao longo do processo estão explicitados na parte 4. Na parte seguinte é apresentada a análise dos dados que foi dividida didaticamente em três eixos: o Eixo I - Instituição, o Eixo II - Sujeitos e o Eixo III - Encontros e Desencontros. E, por fim, as considerações finais e sugestão para novas pesquisas.

## **1.1 Problema de pesquisa**

Tendo em vista essa apresentação inicial, expõe-se aqui o problema que orientou esta pesquisa:

Como velhos que residem em uma Instituição de Longa Permanência vivenciam subjetivamente a experiência da velhice? E como esta vivência dos sujeitos é percebida pela instituição e influencia suas práticas?

Em outras palavras, buscou-se apreender como as pessoas idosas, que vivem em uma Instituição de Longa Permanência, significam a experiência da velhice e analisar como esta significação é percebida pela instituição e influencia o modo como esta organiza e concebe suas práticas.

## 2.2 Objetivos

### 2.2.1 Objetivo geral

Conforme explicitado na problemática do projeto, o objetivo do trabalho é compreender como velhos que residem em uma ILP vivenciam subjetivamente a experiência da velhice, e analisar como esta vivência dos sujeitos é percebida pela instituição e como influencia suas práticas.

### 2.2.2 Objetivos específicos

De forma específica, o trabalho se orientou pelos seguintes objetivos:

- Compreender como é o cotidiano da ILPI: funcionamento, papel dos profissionais, atividades desempenhadas;
- Identificar qual é o entendimento institucional a respeito da velhice e da morte e, principalmente, como este se traduz em ações e atividades;
- Compreender, através do recolhimento de trajetórias de vida, qual foi o percurso de alguns idosos até sua inserção na instituição, bem como conhecer o cotidiano vivenciado por eles;
- Ponderar sobre os significados atribuídos pelos idosos à velhice e questões subjacentes, a partir da moldura teórica psicanalítica.
- Confrontar a visão organizacional e a dos sujeitos sobre as questões que permeiam a pesquisa, de modo a problematizar o quanto estas visões se aproximam ou se afastam e refletir sobre as consequências e possibilidades frente ao cenário observado.

### 3.3 Justificativa

Nas últimas décadas, o envelhecimento populacional tem despertado atenção tanto das autoridades governamentais quanto da comunidade acadêmica. Os principais questionamentos relativos a essa mudança na configuração etária da população referem-se às suas consequências em termos econômicos e sociais. Segundo dados da “Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050 – Revisão 2008” realizada pelo IBGE (2008), enquanto em 2008 para um grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos se contabilizavam 24,7 idosos, em 2050 serão 172,7 idosos para a mesma proporção de crianças. Tais projeções foram confirmadas pelo censo 2010, o qual apontou que em 30 anos o Brasil deixará de ser reconhecido como um país jovem. (MENCHEN, 2010).

Os dados sobre o envelhecimento populacional por si só têm justificado a realização de inúmeras pesquisas sobre a temática; afinal, o que podemos esperar desse cenário? Como podemos reagir a ele? Nesta pesquisa, especificamente, este argumento não constitui a justificativa central. Isso porque, independentemente da quantidade de idosos, o que nos interessa aqui é o lugar que estes ocupam na sociedade capitalista contemporânea. Nesse sentido, assim como se discute o espaço social restrito atribuído às mulheres, aos negros e aos deficientes, o mesmo se pretende refletir em relação ao idoso. Esta parcela da população é percebida então como uma minoria, não em caráter numérico, mas em relação à participação social e política. Diante disso, a pesquisa se justifica pela possibilidade de reflexão diante de uma realidade social que vem sendo construída, com o intuito de possibilitar outras visões acerca do tema.

Quando a velhice está em questão são várias as abordagens possíveis, que vão desde as biológicas, psicológicas até as de caráter social e econômico. A imensidão do campo de estudo requer necessariamente um recorte, um ponto de partida e orientação. Pode-se pensar nos problemas de saúde associados à senilidade, na forma pela qual o velho é percebido e tratado na sociedade, nos custos relacionados ao aumento da população idosa, na falta de profissionais preparados para atendê-los, nas mudanças na estrutura familiar e consequentemente na rede de cuidados do idoso, os custos psicológicos e emocionais do envelhecimento, na explosão de

consumo da chamada terceira idade, dentre muitos outros. De fato, nenhuma das questões expostas pode ser considerada mais ou menos importante que as demais: são apenas opções de lentes e focos que a todo o momento se interceptam.

Em relação ao contexto sócio-histórico-cultural que contribui para a construção social do que é o velho na sociedade contemporânea, há os próprios sujeitos que vivenciam essa realidade, de forma a também contribuir para esse processo de construção. Posto isso, faz-se relevante apreender quais são os significados atribuídos por estes sujeitos em relação ao envelhecer. Optou-se neste caso, especificamente, pela realidade dos idosos residentes em uma Instituição de Longa Permanência. A opção por esse *locus* de pesquisa se deu por várias razões: pela possibilidade de vislumbrar paralelamente o sujeito e o grupo, pelo significado e importância dessas instituições diante de um contexto de envelhecimento populacional, pelo interesse em compreender o cotidiano dessas organizações e pela incipiência de pesquisas sobre o tema.

Por fim, a pesquisa também se faz relevante pelo entendimento da localização dos Estudos Organizacionais no campo das ciências sociais, colocando sob enfoque o aspecto humano e a possibilidade do desenvolvimento de uma visão crítica da realidade. Destaca-se o papel do estudioso das organizações de encontrar caminhos, dentro do seu campo de atuação e conhecimento, para amenizar os descompassos existentes na realidade em que é coadjuvante.

### 3 POR UM PONTO DE PARTIDA: POSICIONAMENTO ONTOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO

Esta seção dedica-se a esclarecer o posicionamento ontológico e epistemológico que orienta a realização desta pesquisa. Tal preocupação funda-se no entendimento de que o pesquisador sempre fala de um lugar: com uma visão de mundo, de homem, do conhecimento, da sociedade e, principalmente, da possibilidade de mudança. Nesse sentido, a compreensão deste ponto de partida é fundamental para acompanhar as discussões e análises que a partir de então serão desenvolvidas.

Do ponto de vista da ontologia da realidade social, concebe-se a existência de um real que é anterior à presença do sujeito no mundo, mas que é construído socialmente. Isso implica a ideia de que, embora o real se apresente ao sujeito, ele não é dado e imutável, mas é passível de transformações. Além disso, tal realidade é constituída tanto pela materialidade quanto por ideologias que estão em constante embate. Nesse sentido, reconhece-se a existência de relações de poder, opressão, dentre outros aspectos, que fazem com que o conhecimento acerca desse real deva ser constantemente questionado.

No que tange à ontologia do homem, concebe-se a ideia do ser humano como sujeito que constrói a realidade social e é também por ela constituído, em uma relação de caráter dialético. É importante destacar que tal sujeito não se resume à ideia do homem racional, mas é dotado de emoções, de imaginário, de desejos e de uma dimensão inconsciente. Tendo em vista esse sujeito multifacetado e o papel ativo que assume nessa perspectiva da realidade como uma construção social, pretende-se romper aqui com a dicotomia objetividade/subjetividade.

A dicotomia entre objetividade e subjetividade revelou-se uma das principais bases de estruturação da sociedade burguesa, pois, nesse contexto, o sujeito se diferencia da sociedade e cada qual é percebido como uma instância autônoma. Várias foram as consequências de tal dicotomia, dentre as quais a restrição do estudo do indivíduo à psicologia e o entendimento da realidade social como algo dado, que se impõe ao sujeito e sobre a qual ele nada tem a fazer. Essa

objetividade, que sob esta perspectiva marca a realidade social, torna desnecessária ao seu entendimento a análise dos sujeitos e de suas relações com o meio, cabendo essa preocupação apenas àqueles que se dedicam ao entendimento do indivíduo em si, como um ser a-histórico e de natureza predeterminada. (RESENDE, 2001; 2003).

Tal debate entre a objetividade e a subjetividade no campo científico tem origem longínqua, pois remonta à própria definição do que é a ciência e de qual é o papel do fazer científico. A partir da inauguração da chamada ciência moderna no Iluminismo, a visão positiva dos fatos se tornou preponderante no campo, de forma a determinar a busca por leis e verdades universais. Em tal visão, que se baseia na lógica cartesiana e consiste em uma reação ao pensamento filosófico, o cálculo matemático assume um *status* privilegiado, construindo-se um verdadeiro mito sobre as possibilidades da quantificação. Como consequência, impera nesta visão o ideal da objetividade, uma vez que cabe à ciência encontrar essas leis explicativas sobre um real que é dado.

Como exposto, tal discussão remete à percepção do real como algo independente do sujeito. Nesta perspectiva, a pesquisa científica enquanto uma busca por acessar esse real deveria se dar sem a intervenção do pesquisador, a quem caberia apenas a manipulação de instrumentos e a aplicação de técnicas de coleta de dados. Sendo assim, a subjetividade seria algo indesejável e não científico. Essa percepção é característica da corrente de pensamento positivista, inaugurada por Comte (1978)<sup>1</sup> e referendada por Durkheim (1976)<sup>2</sup> no campo da sociologia, a qual, ao se propor descobrir as leis que regem os fenômenos, limita o conhecimento do mundo à experiência sensível e à observação dos fatos.

Esta visão positiva dos fatos estendeu ao campo das ciências sociais o modo de pensar das ciências naturais: em todo fenômeno existe uma relação de causa e efeito. No entanto, essa positividade e a existência de leis acabam por exibir uma realidade que se impõe ao sujeito, cabendo a ele então conhecer essas leis, mas não modificá-las. Diante da imposição, caberia à sociedade apenas resignar-se a essa realidade. Marcuse (1978) expõe então a ideia de que o positivismo nega a possibilidade de negação do real, impedindo a refutação de qualquer realidade

---

<sup>1</sup> Original de 1842.

<sup>2</sup> Original de 1897.

que não seja condizente com a condição humana (uma vez que essa realidade é dada) e eximindo o sujeito da possibilidade de qualquer ação.

Nesse sentido, contrapondo-se ao positivismo, esta pesquisa tem como referência epistemológica a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Vários autores participaram deste projeto chamado de Teoria Crítica, tais como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, dentre outros. Como expõe Paes de Paula (2008, p.7), tal escola se baseia na filosofia da consciência, ou seja, “na idéia de um sujeito autônomo que é capaz de decidir o seu próprio destino” e emergiu do embate entre o positivismo e a dialética. A expressão ‘Teoria Crítica’ foi utilizada pela primeira vez no texto de 1937 ‘Teoria Tradicional e Teoria Crítica’, escrito por Horkheimer. Nessa época, o autor era também presidente do Instituto de Pesquisa Social, criado em 1923 e localizado em Frankfurt, na Alemanha.

O contexto histórico que marcou a construção e o desenvolvimento do Instituto foi bastante específico — Nazismo, Stalinismo e Segunda Guerra Mundial — o que explica em grande parte os interesses de pesquisa que orientaram seus componentes. Embora os autores frankfurtianos diverjam teoricamente em alguns pontos, o grupo desempenhou um importante papel nesse contexto histórico alemão apontado. Como explicita Nobre (2004), o grupo representou, prioritariamente, uma forma de intervenção político-intelectual — não partidária — na sociedade alemã do pós-guerra.

No que tange às bases teóricas, o Instituto de Pesquisa Social foi criado inicialmente para a realização de estudos de base marxista, sendo essa então uma das características que demarcam esses pesquisadores. (NOBRE, 2004). É válido destacar, entretanto, que ao longo do tempo outras bases foram sendo também agregadas de forma a pluralizar o campo. Paes de Paula (2008, p. 9) desenvolve uma síntese interessante acerca da fundamentação que marca a Teoria Crítica:

O que a teoria crítica faz é dialogar com a filosofia alemã, realizando uma síntese entre o idealismo alemão, que reduz o ser ao pensamento, considerando o espírito, a consciência, as idéias e a vontade como dados primários para resolver os problemas filosóficos e o materialismo dialético marxista, que critica a filosofia materialista a-histórica e mecanicista propondo uma concepção de história forjada pela atividade humana, ou práxis, dentro de determinadas condições materiais que variam no espaço e no tempo. Em linhas gerais, os

teóricos críticos são partidários do modernismo e trabalham nos marcos dialéticos de Hegel e Marx, recuperando também o humanismo do renascimento, que é antropocêntrico e afirma a autodeterminação humana.

Em termos dos pressupostos da Teoria Crítica, um primeiro aspecto importante ressaltado por Nobre (2004, p.9) refere-se à inseparabilidade entre teoria e prática. Segundo o autor “[...] o sentido fundamental (de crítica) é o de que não é possível mostrar ‘como as coisas são’ senão a partir de ‘como deveriam ser’. Nesse sentido, para a crítica não basta a construção teórica sobre o que é o real, seus problemas e potencialidades, sem que sobre ele sejam vislumbradas possibilidades de mudança. Sendo assim, um conceito fundamental para a crítica é o de práxis, o qual corresponde a esse agir no mundo que se relaciona a uma concepção de sujeito específico, o sujeito autônomo kantiano.

O sujeito kantiano é aquele que encontra na razão iluminista o caminho para sair do estado de menoridade. Adorno e Horkheimer (1985) trabalharam de forma profunda o conceito de esclarecimento, criticando a forma pela qual este foi usado em prol da dominação. Isso porque, na formação da sociedade administrada, o ser humano, ao invés de desenvolver seus sentidos em toda a sua potencialidade, acabou por sofrer um processo de regressão em que a sua experiência no mundo se limitou a um momento passageiro: o consumo. Nesse contexto, os autores propõem o delineamento de um conceito positivo de esclarecimento, que se livre dessas amarras de dominação e retome o valor da razão como via de emancipação.

No que tange às pesquisas situadas no registro da Teoria Crítica, Nobre (2004) expõe dois princípios fundamentais: (i) os teóricos críticos têm como orientação a busca pela emancipação humana, o que não se trata de um projeto utópico, mas um objetivo que encontra barreiras nas condições sociais vigentes; (ii) a Teoria Crítica não é descritiva, ela é a expressão de um comportamento crítico, o qual implica o questionamento das potencialidades e obstáculos à emancipação. É importante ressaltar que, ao contrário da teoria tradicional, a Teoria Crítica não se pretende neutra, pois tem claramente um posicionamento político.

Tendo em vista a relevância do projeto emancipatório para os teóricos críticos, faz-se aqui necessário explorar seu significado. Tal fenômeno não possui uma definição exata, pois, como

explicitam Misoczky e Amantino-de-Andrade (2005), sofreu alterações dentro das próprias fases da Teoria Crítica. As autoras, remetendo aos frankfurtianos da primeira geração e também a autores relevantes como Paulo Freire, delineiam os primeiros passos do conceito de emancipação do qual partilha esta pesquisa.

Para começar conceituamos, amplamente, **emancipação como a afirmação de relações totalmente radicalmente das condições anteriores e presentes de opressão e dominação**, de uma situação vivida negativamente, **onde se forjam as forças e identidades capazes de pretender outra vida** (MISOSCKY e AMANTINO DE ANDRADE, 2005, p. 225, grifo nosso).

Trata-se de uma emancipação libertadora. Libertadora no sentido do desvencilhamento das amarras que impossibilitam ao homem o autogoverno. As autoras se baseiam em Dussel (2002) para trazer a proposta de uma racionalidade ético-crítica, cuja defesa é de que a própria vida humana seja conteúdo da ética. Isto é, mover-se por uma racionalidade que tem como orientação defender a produção, reprodução e desenvolvimento da vida humana concreta, de cada indivíduo, devolvendo-lhe a dignidade retirada pela condição de exploração. “Esta postura ético-crítica está orientada pela possibilidade de transformar estruturas e relações que constituem e reproduzem a opressão e a exclusão.” (MIZOSCKY; AMANDINO-DE-ANDRADE, 2005, p.225).

A emancipação, nesta perspectiva, relaciona-se à ideia do sujeito kantiano que faz o uso da razão para sair do estado de minoridade, em que sua vida é governada por outro que não ele mesmo. No entanto, é importante ressaltar que o uso da razão não está dissociado da ideia da práxis, ou seja, não se dissocia do pensar e agir sobre a materialidade. Assim como explicitam Misoczky e Amantino-de-Andrade (2005, p. 225), “Recuperamos, aqui, a negatividade e a materialidade apontadas por Horkheimer (1990) como condições para a realização da crítica.”. Citando Dussel (2002, p. 374), as autoras prosseguem o argumento “Detectar empiricamente uma vítima [do sistema] é constatar ‘negatividades’: pobreza, fome, traumatismo, dor, patologias e muitas outras dimensões da negatividade.” (MIZOSCKY; AMANDINO-DE-ANDRADE, 2005, p. 226).

Além da importância atribuída à materialidade na questão da emancipação, o mesmo deve-se ressaltar no que tange à dimensão ideológica. Como explicitam Kincheloe e McLaren (1994, p. 140, tradução nossa):

Existe entre os pesquisadores críticos o reconhecimento de que ideologias não são simplesmente ilusões ou relações mentais imaginárias de que indivíduos ou grupos vivam independentemente de suas condições materiais de existência, mas são também intensamente inscritas na materialidade das práticas sociais e institucionais.

Retomando a oposição entre teoria crítica e positivismo, um ponto de partida básico para a compreensão das diferenças entre tais correntes teóricas é o modelo dos paradigmas sociológicos proposto por Burrell e Morgan (1979) para a análise das organizações. Neste observa-se claramente a aproximação da crítica em relação à dimensão subjetiva, e o funcionalismo, da objetiva. Paralelo ao paradigma crítico é apresentado o interpretativista que também é oposto ao funcionalismo, pois configura uma forma alternativa de se pensar a realidade organizacional. No entanto, entre esses dois paradigmas também existem diferenças importantes, dentre as quais uma relacionada à dimensão que os próprios autores usam na montagem do modelo: a perspectiva da mudança social. Enquanto o interpretativismo se aproximaria mais da regulação, a Teoria Crítica está comprometida com a transformação social. Embora o esquema proposto pelos autores tenha sofrido várias críticas por seu caráter reducionista, ele torna-se um instrumento útil para um entendimento inicial das diferenças entre os paradigmas. (PAES DE PAULA, 2008).

Nesse sentido, os estudos críticos se voltam para a discussão de que a sociedade capitalista, tal como ela se configurou e ainda se configura, é uma construção humana que pode, portanto, ser modificada. Nega-se diante disso a impossibilidade de alteração do sistema vigente e retoma-se o pensamento utópico como aquele que possibilita vislumbrar caminhos a serem trilhados, o vir a ser. Como expõe Paes de Paula (2008), definir quem é ou não um teórico crítico é uma tarefa complexa, no entanto, reconhece-se que esse posicionamento implica na adoção de pressupostos e visões. “É importante ressaltar que os críticos enfatizam principalmente a subjetividade, o sujeito e a ação.” (PAES DE PAULA, 2008, p.3).

Como expõe Rouanet (2001, p. 377) “a autonomia é o pressuposto e a força motriz da teoria crítica”. Retomando o que foi exposto acima, o autor argumenta que a reflexão dos teóricos críticos acerca da autonomia leva em consideração os “[...] mecanismos sociais e psíquicos que bloqueiam a autodeterminação humana.” (ROUANET, 2001, p.375). Já a concepção kantiana do

Iluminismo remete à saída do estado de minoridade influenciada prioritariamente pela vontade do homem de fazê-la, segundo o autor:

[...] o iluminismo da teoria crítica não é mais o de Kant. Se o impulso emancipatório é análogo, as estruturas da heteronomia se tornaram mais complexas. A definição de Kant foi relativizada por duas revoluções teóricas. A primeira, a marxista, **mostrou o condicionamento material da sujeição, desqualificando a pretensão idealista** de emancipar o homem no plano exclusivo do progresso espiritual. **A autonomia exige algo mais do que uma libertação ao nível da consciência.** A segunda foi a freudiana. **Depois que Freud revelou as raízes inconscientes da submissão, e os automatismos pelos quais o poder, introjetado, determina o comportamento dos indivíduos [...]** (ROUANET, 2001, p.375, grifos nossos).

É importante destacar que em suas construções teóricas esses autores, cada um ao seu modo, refletem um sujeito que é oprimido, mas que possui espaços de resistência e de possibilidade de transformação. Nesse contexto, é na aproximação entre as perspectivas da teoria crítica e da psicanálise que se inscreve essa pesquisa. Sobre tal aproximação, destacam-se as palavras de Rouanet (2001, p. 376, grifos nossos)

Pois **a razão crítica**, apesar de tudo, não renuncia a seu projeto. Nessa luta, ela não está desarmada, e entre os seus trunfos está exatamente o pensamento de Freud, que mais que nenhum outro cultivou o ideal Iluminista da maioria. [...] É esse exatamente o campo de atuação da psicanálise: **a esfera dos processos históricos que se transformaram em natureza, das forças psíquicas calcificadas, dos motivos que se petrificaram em causas.** Graças a Freud, a teoria crítica aprendeu a identificar, além da tutela externa, a interna, prolongamento intrapsíquico da primeira que prossegue, com outros meios, a mesma política: **a manutenção do homem em estado de minoridade.**

Sendo assim, argumenta-se que essas duas correntes teóricas estão comprometidas com o projeto Iluminista, em que a razão se afasta da perspectiva instrumental e se põe a serviço do esclarecimento e da saída da condição de minoridade.

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1 Narcisismo na contemporaneidade

Na obra “A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana numa Era de Esperanças em Declínio”, o autor Christopher Lasch (1983) esboça um panorama da sociedade capitalista a partir da década de 1970. De modo específico, o autor tece críticas a respeito das bases valorativas (culturais) nas quais se pautava essa sociedade, caracterizando-a então como narcisista. Embora o texto aborde especialmente a cultura norte-americana e já tenham se passado trinta anos de sua publicação, reconhece-se a riqueza de seu conteúdo para análise da cultura contemporânea. Isso se faz possível devido à inegável influência mundial da cultura norte-americana nas mais diversas dimensões: econômica, social, política, dentre outras. A denominada “americanização” da vida cotidiana nos permite perceber alguns de seus traços impressos em outros contextos, sem perder de vista as adaptações que se fazem necessárias.

Um primeiro ponto relevante na leitura de Lasch (1983) é a compreensão do uso do narcisismo como categoria de análise social. O autor desenvolve críticas ao uso indiscriminado do narcisismo que acaba por “esvaziar a idéia de seu significado clínico” (LASCH, 1983, p. 55). Dirigindo-se especificamente a Erich Fromm, Lasch repreende o uso que este faz do termo a fim de defender ideias, segundo o autor, de cunho religioso, como o amor fraterno. Segundo Lasch (1983, p. 56), há um grande perigo de “inflação moralista” quando da aplicação do conceito como metáfora da condição humana<sup>3</sup>. Para o autor, nada se ganha na atribuição de um rótulo psiquiátrico a uma ação humana egoística, pois “os homens sempre foram egoístas, os grupos sempre foram etnocêntricos.” (LASCH, 1983, p. 56). A questão residiria então no fato de que

[...] a emergência das desordens de caráter como as mais proeminentes formas de patologia psiquiátrica, junto com a mudança na estrutura de personalidade que este desenvolvimento reflete, derivam-se de mudanças bem específicas em nossa sociedade e cultura – da burocracia, da proliferação de imagens, de

---

<sup>3</sup> Sobre esta questão, Lasch dirige sua crítica à Shirley Sugerma, em sua obra “Sin ans Madness: Studies in Narcisism”.

ideologias terapêuticas, da racionalização da vida interior, do culto do consumismo e, em última análise, das mudanças na vida familiar, assim como de padrões variáveis de socialização. Tudo isso desaparecerá se o narcisismo tornar-se simplesmente metáfora da condição humana. (LASCH, 1983, p. 57).

Para Lasch (1983), a recusa dos críticos do narcisismo em retomar com precisão o conceito clínico refere-se a um temor de que ele perca seu potencial de explicação do social. Entretanto, segundo o autor, trata-se de um lamentável equívoco, na medida em que esse distanciamento do conceito acaba, pelo contrário, empobrecendo a análise social, já que encobre o vislumbre de “conexões entre o tipo de personalidade narcisista e certos padrões característicos da cultura contemporânea.” (LASCH, 1983, p. 57). Segundo o autor, a maior contribuição da psicanálise à compreensão do universo social se dá, justamente, no momento em que esta se dedica profundamente ao sujeito. A partir do entendimento de que “[...] a mente inconsciente representa a modificação da natureza pela cultura, a imposição da civilização sobre o instinto.” (LASCH, 1983, p. 59). A indissociação entre sujeito e social se faz evidente e frutífera.

Nesse sentido, antes de prosseguir na caracterização da sociedade contemporânea como narcisista, pretende-se aqui explorar – como sugerido pelo próprio Lasch (1983) – o conceito clínico de narcisismo. Entende-se que somente a partir desse percurso é possível compreender de forma mais consistente a argumentação que é fundamental nesta pesquisa. Não pretendemos ser exaustivos, mas sim estabelecer um panorama compreensivo do conceito.

#### 4.1.1 Narciso: o mito

Narciso é um personagem da mitologia grega bastante conhecido e comumente utilizado para designar pessoas egoístas e autocentradas. Tal atribuição é resultado do mito que o envolve, em que uma paixão pela sua própria imagem teria o levado à morte. Detentor de uma beleza excepcional, o filho do rei Céfiso e da rainha ninfa Liríope teria, desde o seu nascimento, sua existência condicionada ao desconhecimento de sua beleza incomum. (KURY, 1990).

Entretanto, enquanto caminhava pela floresta, Narciso decidiu refrescar-se em um lago de águas límpidas. Ao se aproximar da água, ele se surpreende ao se deparar com a sua própria imagem refletida. Primeiramente, tem-se a surpresa do não-reconhecimento, afinal, quem é este que nunca vi? O não reconhecimento dá lugar a um encantamento e fascínio pela beleza observada. Esse amor ilusório o torna prisioneiro, fazendo-o esquecer de todo o restante do mundo. Ao deixar de se alimentar, a contemplação ininterrupta o leva à morte. (KURY, 1990).

Para Narciso, abandonar aquela imagem refletida significaria abandonar algo ideal, ao qual não se encontraria correspondente no mundo real objetivo. Nesse sentido, é o amor desmedido por si mesmo que o condena à morte, um amor que não inclui o outro. Segundo o mito, um adivinha chamado Tirésias teria avisado seus pais sobre a possibilidade desse destino trágico do rapaz, o que fez com que eles evitassem a todo custo que Narciso conhecesse sua própria beleza incomum. (KURY, 1990). Fazendo referência ao mito, Freud desenvolveu sua teoria a respeito do investimento libidinal no próprio *eu*, a qual será explorada a seguir.

#### 4.1.2 A escrita freudiana sobre o narcisismo

O conceito de narcisismo é fundamental na teoria freudiana. Embora tal conceito tenha sido tratado por Freud em textos anteriores de forma difusa<sup>4</sup>, é com o escrito “Sobre Narcisismo: Uma introdução” (1914) que esse assume traços mais específicos. De acordo com Garcia-Roza (2008), apesar de existirem discussões acerca da divisão entre auto-erotismo, narcisismo primário e secundário, tal segmentação é capaz de ilustrar de forma clara o processo de constituição da subjetividade.

---

<sup>4</sup> O termo narcisismo foi utilizado pela primeira vez por Freud em 1909, em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena. Posteriormente, apareceu como nota de rodapé na segunda edição dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* e também é empregado nos artigos sobre Leonardo da Vinci e sobre Schreber, em 1910 e 1911, respectivamente. Por fim, foi trabalhado de forma mais extensiva em *Totem e Tabu*, no capítulo III.

A fase do auto-erotismo seria justamente a fase anterior ao narcisismo em que “a pulsão sexual encontra satisfação (parcial) sem recorrer a um objeto externo” (GARCIA-ROZA, 2008, p.46). Nesta, tem-se uma libido que não se destina a articular o eu e o mundo exterior, mas apenas se reserva à busca pela vivência do prazer. Nesse sentido, também não se liga à necessidade de conservação que se realiza, por exemplo, pela necessidade de nutrição. Trata-se apenas da tentativa de repetir a vivência da experiência prazerosa. Um exemplo desse processo é quando a criança leva o dedo polegar à boca e repetidamente exerce o movimento de sucção: não se trata aqui da busca pelo alimento, mas sim a extração do prazer dessa experiência. Nesse estágio, é importante ressaltar, não há nada comparável ao eu, o que existe é apenas um corpo fragmentado.

Nesse sentido, o que diferencia basicamente a fase auto-erótica do narcisismo primário é justamente o desenvolvimento dessa unidade: o eu. Nas palavras de Freud (1914) “[...] algo tem que se acrescentar ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua. O que se acrescenta ao auto-erotismo, para dar forma ao narcisismo, é o eu (Ich)”. Nesse momento, em que o eu passa a ser alvo do investimento libidinal, tem-se o chamado narcisismo primário. Nessa fase do desenvolvimento psíquico, há uma grande presença do próprio narcisismo dos pais que tendem a possibilitar ao filho os privilégios que foram impelidos a abandonar. Na tentativa de atender a todos os desejos e necessidades do filho, tem-se dos pais uma dedicação intensa e o bebê se transforma na “sua majestade: o bebê”. Essa imagem de perfeição passada pelos pais, associada à percepção de um corpo unificado pela criança, dá origem ao denominado *eu Ideal*.

A fase subsequente, conhecida como narcisismo secundário, “resulta de um retorno ao eu dos investimentos feitos sobre os objetos externos” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 49). Como explicita Nasio (1991), esse seria o narcisismo do eu e é composto por dois movimentos: o primeiro é o investimento da libido, que até então estava investida no eu, em algum objeto eleito; e o segundo, é o retorno desse investimento para o eu, ou seja, a libido toma o eu como um objeto. Entretanto, é válido destacar que esse investimento no objeto não é integral, ou seja, não se pode afirmar que toda a libido é retirada do eu, o que há é uma predominância de investimento, ora no eu, ora no objeto.

Uma questão interessante colocada pelo autor é “porque a criança sai do narcisismo primário?” (NASIO, 1991, p.51). Para compreender melhor esse processo, faz-se necessário destacar outro ponto fundamental: a criação do *Ideal de eu*. Enquanto o *eu Ideal* é resultado da junção entre o narcisismo nascente do bebê e a vivificação do narcisismo dos pais, o *Ideal de eu* é constituído externamente a partir das questões culturais e os imperativos éticos que marcam a vida social. Nesse sentido, esse *Ideal de eu* acaba por representar um padrão a ser buscado pela criança, como o próprio termo denota. A partir de então, a fim de conquistar o amor do outro e recuperar a perfeição narcisista, a criança sempre terá como mediador essa figura do *Ideal de eu*.

Como expõe Garcia-Roza (2008, p.73) “Creio que podemos admitir o narcisismo secundário como sendo concomitante à escolha de objeto e, neste processo, podendo a libido ser retirada dos objetos e passar a investir o eu”. Neste sentido, como exposto anteriormente, há nesse processo a escolha, pela primeira vez, de um objeto que é externo ao eu como alvo de investimento libidinal. Sendo assim, tem-se aqui o reconhecimento da existência do outro, o que desfaz a ilusão de um mundo que se resume ao eu. No caso da criança, a existência do outro é reconhecida a partir do momento em que há o entendimento de que a mãe não constitui com ela uma unidade, sentimento que é reafirmado posteriormente com a inserção do pai (inclusão do terceiro), quando da vivência do Complexo de Édipo.

Um avanço importante à teoria do narcisismo, segundo Nasio (1991), se deu a partir dos estudos de Freud sobre o Luto e a Melancolia. Isso porque, a base da explicação desses fenômenos é a identificação do sujeito com o objeto: “o eu se identifica com a imagem de um objeto desejado e perdido.” (NASIO, 1991, p. 53). Enquanto no processo de luto há um trabalho para que haja o desinvestimento libidinal do objeto perdido e o (re)investimento em um outro objeto eleito, na melancolia a perda do objeto se confunde com a perda do próprio eu. Nesse sentido, na melancolia tem-se a regressão a um modo arcaico de identificação, em que o objeto é incorporado ao eu. Como expõe o autor, assim como ocorre comumente ao longo da obra freudiana, a partir do patológico (melancolia) puderam-se evidenciar os processos normais (trabalho do luto: identificação – investimento – desinvestimento – (re) investimento).

O entendimento desse processo permite a compreensão de que “a transformação dos investimentos de objeto em identificações contribui com uma parcela importante na formação do eu.” (NASIO, 1991, p.55). Nesse sentido, o eu é constituído historicamente pela acumulação de traços – inscritos inconscientemente – dos objetos abandonados. Assim como uma cebola que é composta por diversas camadas, o eu seria composto por várias camadas de identificações com o outro. Como expõe Nasio (1991, p.55), “No final das contas, o narcisismo secundário se define como o investimento libidinal (sexual) da imagem do eu, sendo essa imagem constituída pelas identificações do eu com a imagem dos objetos”.

Minerbo (2009) traz uma perspectiva interessante ao relacionar o desenvolvimento das subjetividades neuróticas e não-neuróticas às posições subjetivas dos sujeitos ao longo do chamado eixo narcisista, ou seja, o eixo de constituição do Eu. Segundo a autora, a libido narcisista, passa por quatro fases, a saber: Arcaica, em que o sujeito e o objeto (o Outro) são uma unidade; Individuação, em que o terceiro desponta, mas estabelece com o sujeito uma relação de simbiose; Autonomização, em que o terceiro é percebido pelo sujeito, mas é recusado; e a Consolidação do narcisismo, na qual ocorre a aceitação do Outro (objeto – outro sujeito). Neste sentido, os conflitos psíquicos seriam então resgates de posições subjetivas que não foram bem elaboradas pelo sujeito.

A quarta fase, a consolidação do narcisismo, é marcada pela problemática do Complexo de Édipo – outro conceito fundamental da obra freudiana. Este se relaciona justamente à inserção do Outro na relação diádica mãe-filho e ao estabelecimento do interdito. No caso do menino, este ao se apaixonar pela mãe, percebe no pai essa figura da interdição, que não permite que esse amor se concretize. Ao mesmo tempo, a interdição do amor pela mãe abre a possibilidade do amor pelas demais mulheres. O Complexo de Édipo se caracteriza pela inserção da Lei na vida dos sujeitos. A angústia relacionada a essa fase da consolidação do narcisismo é a angústia da castração, que remete à angústia da perda. (MINERBO, 2009).

Diante desse panorama sobre o narcisismo, faz-se relevante expor a consideração de Garcia-Roza (2008, p.37):

É importante notar que, anteriormente ao artigo de 1914, o narcisismo era assimilado à perversão – escolha do próprio corpo como objeto de investimento

amoroso – e que, a partir do texto sobre o narcisismo, deixa de ser concebido como perversão e passa a ser apontado como forma necessária para a constituição da subjetividade. O narcisismo é condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu.

Retomando então o início da apresentação sobre o fenômeno, compreende-se o narcisismo como o processo de constituição do eu. Não é, por essência, patológico, mas um processo pelo qual todos passamos para a formação do nosso eu. A patologia se desenvolve, por conseguinte, quando este processo não se realiza por completo, ou então, como esclarece Minerbo (2009), quando há o resgate de posições subjetivas mal resolvidas pelo sujeito ao longo do eixo narcisista.

#### 4.1.3 A expressão patológica do narcisismo

A partir dessa breve revisão acerca do conceito de narcisismo freudiano, concordamos com Lasch (1983) quanto ao entendimento de que a caracterização do narcisismo do indivíduo moderno é resultante de um processo patológico. O autor defende que se trata de um efeito psicológico das mudanças sociais observadas no final da década de 1970, especialmente das transformações na estrutura familiar burguesa. Como expõe Wanderley (1999), essas alterações são fundamentais na medida em que, para Lasch (1983, p.41), “em última análise, a personalidade narcisista é fruto da persistência do narcisismo infantil na vida do adulto, resultante de identificações patogênicas na infância”.

O autor relaciona essas transformações na estrutura familiar burguesa ao esfacelamento da vida privada. Isso porque, para Lasch (1983), originalmente a esfera privada teria como função constituir-se em um espaço de refúgio para o sujeito, em que ele justamente encontraria alívio frente às mazelas do mundo. Para o autor, em uma sociedade em que cada vez mais se tem a desconfiança como valor fundamental e que, portanto, tornou-se mais difícil o estabelecimento de relações autênticas de afetividade, a intimidade seria reservada à preservação do sujeito. Pelo contrário, o que se dissemina é uma publicização de uma vida íntima esvaziada de significado e é nesse sentido que o autor se refere à “lasciva curiosidade sobre as vidas privadas de pessoas famosas.” (LASCH, 1983, p. 39).

Nesse contexto de esfacelamento da esfera privada, a família se depara com uma redução drástica do seu papel na vida de seus integrantes. Tem-se, por conseguinte, um enfraquecimento das figuras parentais enquanto figuras de autoridade e educação. Para Lasch (1983), está-se vivendo, desde os anos de 1970, a era dos especialistas, os quais determinam as regras e as *best practices* na criação dos filhos. A família perde então o sentido de núcleo de formação original dos sujeitos (instância de identificação e socialização primárias) e passa a depender de toda uma rede de especialistas que digam a ela o que e como fazer: médicos, educadores, terapeutas, dentre outros. Sobre as consequências desse enfraquecimento das figuras de autoridade, Lasch (1983, p. 32-33, grifos nossos) argumenta:

O declínio da autoridade institucionalizada, em uma sociedade ostensivamente permissiva, no entanto, não leva a um 'declínio do superego' nos indivíduos. Pelo contrário, encoraja o desenvolvimento de um superego severo, punitivo, que extrai a maior parte da sua energia psíquica, na ausência de proibições sociais autoritárias, dos impulsos destrutivos do id. Elementos irracionais do superego passam a dominar a situação. À medida que as figuras de autoridade da sociedade moderna perdem sua 'credibilidade', o superego dos indivíduos cada vez mais tem origem nas primitivas fantasias infantis sobre os seus pais – fantasias carregadas de ódio sádico – e não de ideais do ego interiorizados, formados pela experiência posterior com modelos amados e respeitados de conduta social.

A fim de compreender melhor a argumentação do autor sobre o desenvolvimento de um superego ainda mais severo diante do empobrecimento das formas de autoridade, faz-se necessário esclarecer sua linha de raciocínio. O superego se caracteriza justamente como a instância psíquica que representa a lei, a qual se incumbem de estabelecer os limites frente à realização dos desejos pelo homem. Tal instância é constituída pelas representações dos pais e demais figuras de autoridade, representações estas que se dividem entre as pré-edípicas (arcaicas) e as representações posteriores. Essas representações posteriores corroboram a importância dos pais na formação do sujeito, na medida em que são responsáveis pela constituição do *Ideal de eu* (Ideal do ego). Tal imagem é proveniente das expectativas que estes alimentam em relação à criança, assim como a própria interiorização de características que essa criança ama e admira nos outros significativos. (LASCH, 1983).

As impressões pré-edípicas – fantasias primitivas marcadas pela dualidade de amor e ódio em relação aos pais, pela sua incapacidade de satisfazer todas as exigências da criança – são

depositadas no superego e suavizadas ao longo do tempo pela interiorização de outras representações mais positivas dos pais, os quais deixam de ser vistos como monstros devoradores. Entretanto, como expõe o autor, “[...] se fica faltando esta experiência – como acontece em uma sociedade que desvalorizou radicalmente todas as formas de autoridade -, pode-se esperar que o superego sádico desenvolva-se à custa do ideal de ego [...]” (LASCH, 1983, p. 33). Em meio a essas representações e suas consequências, o eu se retrai, mas não como o ‘eu imperial egomaníaco’, mas um eu vazio e desconfortante.

Lasch (1983, p. 64) descreve então o mecanismo que rege o narcisismo patológico “Uma criança que se sente tão ameaçada por seus próprios impulsos agressivos (projetados nos outros e, depois, interiorizados novamente como ‘monstros’ internos), tenta compensar-se de suas sensações de raiva e inveja com fantasias de riqueza, beleza e onipotência”. Como forma de defesa em relação a esses objetos maus e ameaçadores, a criança reforça seu escudo protetor: o *eu Ideal* megalomaníaco. Estes pacientes, segundo o autor, possuem um mundo intrapsíquico empobrecido e encontram enormes dificuldades de sublimação, pois demonstram pouco interesse pelo mundo exterior e pelos demais sujeitos. O resultado, nas palavras de Lasch (1983, p. 63), é um sujeito

[...] hábil em administrar as impressões que transmite aos outros, ávido de admiração, mas desdenhando daqueles a quem manipula para obtê-la; insaciavelmente faminto de experiências emocionais com as quais preencher um vazio interior; aterrorizado com o envelhecimento e a morte.

É a partir dessas questões que o autor nos convida a olhar para a sociedade e buscar a compreensão para questões que assombram o nosso cotidiano

[...] porque o crescimento e o desenvolvimento pessoais se tornaram tão árduos de ser atingidos; porque o temor de amadurecer e de ficar velho persegue a nossa sociedade; porque as relações pessoais se tornaram tão instáveis e precárias; e porque a ‘vida interior’ não mais oferece refúgio para os perigos que nos envolvem. (LASCH, 1983, p. 37).

A fim de explorar essas inquietações, passemos então para a discussão sobre as características da sociedade narcisista.

#### 4.1.4 Sociedade narcisista

Como exposto ao longo do texto, pretende-se aqui discutir a caracterização da sociedade contemporânea sob o ponto de vista do narcisismo. Tal análise se pauta no entendimento de que “Novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos modos de socialização, novos modos de se organizar a experiência.” (LASCH, 1983, p. 76). Nesse sentido, para o autor, a sociedade atual faz aflorar os traços narcisista, que estão presentes em todos os sujeitos, em diferentes graus. As condições objetivas (guerras econômicas, insegurança social, enfraquecimento político) se aliam a uma vivência subjetiva de vazio e isolamento, fazendo emergir uma sociedade marcada por características específicas.

A sociedade contemporânea está vivendo sob a égide da ética da sobrevivência, assim defende Lasch (1983). Pautando-se no contexto social e histórico norte-americano, o autor argumenta que, após a situação política dos anos 1960, a atenção dos americanos voltou-se para as questões puramente pessoais. Sendo assim, prevalece o discurso do autocuidado, da preocupação com o corpo e com a saúde, da busca pelo equilíbrio emocional e pelo auto-crescimento psíquico. Nesse esteio, não se trata de idealizar e agir em prol de mudanças sociais e políticas, mas sim uma dedicação para a auto-sobrevivência. A esse discurso o autor dá o nome de ‘movimento de conscientização’, que nas palavras dele significa, na realidade, “[...] um recuo da política e um repúdio ao passado recente.” (LASCH, 1983, p. 25).

Como esclarece Wanderley (1999, p. 37), “Essa cultura testemunha a transformação do individualismo competitivo e da ética do trabalho livre, característicos do início do capitalismo, na ética da autopreservação e da sobrevivência psíquica”. A luta política dos anos 1960, com sua proposta de contracultura, dá lugar então a uma luta contra a família burguesa e seus princípios morais de conduta. O movimento é, por conseguinte, de nuclearização da família, em que os desejos e realizações individuais se tornam o mais relevante. Com o enfraquecimento do papel parental, já exposto anteriormente, tem-se uma dependência dos especialistas e do Estado para a organização da vida cotidiana: a família perde então o seu sentido formador. (LASCH, 1983).

Nesse sentido, emergem sujeitos caracterizados por relações sociais frágeis e superficiais, temerosos em relação à intimidade, hipocondríacos, portadores de uma pseudo-autopercepção, promíscuos sexualmente e apavorados frente à idéia do envelhecimento e da morte. Além disso, são pessoas descrentes em relação à possibilidade de mudança e que não atribuem qualquer valor ao passado, e também ao futuro. Essa é uma das principais características da sociedade moderna para Lasch (1983): a perda do sentido de continuidade histórica. Nesse contexto, viver o presente torna-se uma filosofia de vida, que rompe a idéia de que fazemos parte de um ciclo geracional, que pessoas nos antecederam e outras nos sucederão. Para Lasch (1983, p. 17), “Uma negação do passado, superficialmente progressista e otimista, mostra, a uma análise mais cuidadosa, o desespero de uma sociedade que não consegue enfrentar o futuro”.

Conforme expõe Birman (2009), o silenciamento do passado relaciona-se justamente à perda de sentido das utopias, afinal, raros são os ideais capazes de mobilizar a sociedade nos dias atuais. A perda de referenciais – sejam elas a religião, os pais, a história, o conhecimento – deixa o indivíduo à mercê da construção de uma identidade sem parâmetros. O tempo presente tornou-se o tempo único da vida, o tempo de realizar e, principalmente, *aparecer*. Segundo o autor, o sujeito imerso nesse contexto se desdobra “[...] nas idéias de exterioridade e teatralidade.” (BIRMAN, 2009, p.246), e, sendo assim, “A economia narcísica da individualidade é valorizada e incrementada ao máximo, e só o que interessa são as gesticulações performáticas na cena espetaculosa do mundo”.

Tais argumentos de Birman (2009) se pautam nas idéias do filósofo francês Debord (1997), o qual defende que a sociedade contemporânea pode ser caracterizada como a sociedade do espetáculo, uma vez que é o espetáculo o regulador do espaço social. É em torno da cultura da imagem que se desenvolve a dinâmica das relações pessoais, não dos ideais e das causas comuns, como se observou em outros momentos históricos. Nesse sentido, para o autor, vivenciamos um processo de estetização da existência, em que a exterioridade – leia-se aqui corpo, imagem, aparência – é o que o sujeito tem de mais valioso. Recorrendo a noções que pertencem ao mundo da teatralidade, o autor evidencia uma sociedade em que o *parecer ser* é uma prioridade do sujeito, questão esta estreitamente relacionada à ideia do consumo como caminho para a felicidade e o bem-estar. Diante disso, o autor argumenta que o espetáculo é justamente “[...] o

âmago do irrealismo da sociedade real.” (DEBORD, 1997, p. 14). Nesse sentido, inserido nessa cultura da imagem, Birman (2009, p. 25, grifos nossos) argumenta que

O que justamente caracteriza a **subjetividade na cultura do narcisismo** é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que **não consegue se descentrar de si mesma**. Referindo sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do seu próprio nariz, **o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto**. (...) Dessa maneira, o sujeito vive permanentemente em um registro especular, em que o que lhe interessa é o engrandecimento grotesco da própria imagem. **O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado quando não mais servir para essa função**.

De acordo com Lasch (1983), esse narcisismo contemporâneo pode ser lido então como uma estratégia de defesa psíquica do *eu* frente a um mundo em que em que o interior e o exterior se misturam, não de uma forma positiva, mas rumo à construção de subjetividades esvaziadas de sentido. Para Birman (2009), as psicopatologias da atualidade, tais como as depressões, crises de pânico e bulimias podem ser diagnosticadas como desajustes a essa sociedade narcisista, em que o culto ao corpo e a valorização exacerbada da imagem tornaram-se um valor. Não há lugar hoje para o sofrimento e para o desespero, pois existem drogas e terapias que se dizem soluções para o sofrimento psíquico. Associada a esse contexto tem-se uma cultura que tem no consumo a atividade definidora do *quem sou*, através da qual os sujeitos acabam por buscar saídas para a angústia resultante de seu vazio interior.

#### 4.1.5 Narcisismo e velhice

Na seção anterior nos dedicamos à caracterização da sociedade contemporânea a partir da personalidade narcisista, ressaltando o quanto essa aproximação se faz interessante para a compreensão da realidade atual. Destacou-se, em vários momentos, o horror à velhice e à morte como elementos representativos dessa sociedade narcisista, o que particularmente nos interessa nessa pesquisa. Nesse sentido, pretendemos aqui aprofundar nas razões que motivam esses sentimentos e, conseqüentemente, nas implicações desses na forma pela qual lidamos cotidianamente com o velho e com o envelhecimento.

O trecho a seguir, em que Lasch (1983, p. 66, grifos nossos) faz referência às idéias de Kenberg, explicita a relação negativa entre o narcisismo e a velhice:

[...] o efeito devastador do narcisismo sobre a segunda metade de suas vidas – **certeza do terrível sofrimento que está a sua espera**. Em uma sociedade que tem horror à velhice e à morte, o envelhecimento implica um terror especial para **os que temem a dependência e cuja auto estima requer a admiração geralmente reservada à juventude, à beleza, à celebridade e ao encanto pessoal**. (...) Incapaz de extrair qualquer conforto que advenha da identificação com a continuidade histórica, ele acha impossível, ao contrário, ‘aceitar o fato de que uma geração mais jovem possua agora muitas gratificações, antes apreciadas, de beleza, riqueza, poder e, particularmente, de criatividade’.

Como expõe Lasch (1983), o desejo da imortalidade sempre se fez presente na história humana, contudo, em uma sociedade em que não existe interesse pelas gerações futuras e na qual a religião não ocupa mais um papel tão fundamental, o medo da morte tornou-se mais intenso. De fato, mais do que isso, as pessoas podem visualizar as dificuldades objetivas impostas aos velhos na modernidade. Em um contexto em que a produtividade é baliza para o cálculo do valor do homem e de sua utilidade, o velho acaba por ser considerado algo com ‘data de validade’ vencida: não há utilidade para ele.

Lasch (1983) chama a atenção para que, além dos aspectos biológicos e sociais que demarcam a problemática da velhice, não devemos negligenciar a dimensão psicológica. O autor argumenta que tal horror à velhice e à morte também é motivado por algo interior, ou seja, questões subjetivas que contribuem para essa construção. Para ele, há um pânico irracional nesse processo, que somente pode ser compreendido a partir da “[...] emergência da personalidade narcísica como tipo dominante de estrutura da personalidade na sociedade contemporânea.” (LASCH, 1983, p. 254). Sendo assim, para o autor, há algo nessa estrutura de personalidade que se mostra incompatível com a ideia da finitude.

Um aspecto essencial diz respeito à já comentada escassez de recursos interiores do indivíduo marcado pelos traços narcisistas, o qual acaba por buscar constantemente nos outros uma validação do seu *eu*. A força aparente sustentada pelo sujeito, proveniente de sua ilusão de onipotência, contrasta com a fraqueza das inseguranças que corroem seu interior. A manutenção

do sentimento de auto-suficiência só se faz possível com a admiração desse outro em relação a sua beleza, charme, importância e poder. Todavia, argumenta-se que esses atributos tendem a enfraquecer ao longo do passar do tempo, ou seja, com o chegar da velhice. (LASCH, 1983).

Em um contexto em que não há espaço para o velho na esfera produtiva e em que as relações sociais se encontram de tal forma fragilizadas e inautênticas, somado ainda às profundas alterações na instituição familiar, a realidade é que ao idoso são oferecidas poucas possibilidades de sublimações satisfatórias. Em um tempo em que o conhecimento tornou-se amplamente instrumental e fugaz, o acúmulo de experiências tornou-se apenas um consolo de quem alcança longos anos de vida. (LASCH, 1983).

Outro aspecto fundamental refere-se ao enfraquecimento dos laços geracionais. Como exposto anteriormente, em uma sociedade que se move sob a égide da ética da sobrevivência, o futuro não é um foco de atenção. (LASCH, 1983). Devemos viver o hoje – esse é o lema ainda vigente. Nesse contexto, a ideia de um legado a ser deixado para a posteridade, a qual dará prosseguimento com novos projetos, perde completamente o sentido. “O que será o mundo daqui a 100 anos”, esse é o apelo usado por várias organizações que se dedicam à proteção e preservação do meio ambiente. Entretanto, na sociedade do agora, tais apelos parecem não tocar profundamente os sujeitos a ponto de gerar mudanças drásticas de comportamentos.

Conforme Lasch (1983, p. 255, grifos nossos),

**O pensamento de que vivemos vicariamente em nossos filhos** (mais ostensivamente, em futuras gerações) **reconcilia-nos com nossa própria substituição – o sofrimento central da velhice**, ainda mais angustiante do que a fragilidade e a solidão. Quando o elo geracional começa a desgastar-se, tais consolos não se mantêm mais.

Nesse sentido, para o autor, seria a nossa inaceitável substituição a razão para o sofrer intenso que assombra a velhice. Obviamente, está-se a falar aqui de questões que não povoam somente o nosso consciente, mas os nossos desejos mais profundos. Embora possamos até mesmo verbalizar uma aceitação serena do processo de envelhecimento, muitas vezes nos denunciemos pela contraditória busca incessante pela manutenção de um corpo jovem e belo, um corpo que justamente seja capaz de esconder os sinais do tempo vivido. A fim de compreender melhor a

própria relação entre narcisismo e velhice, no próximo capítulo nos dedicaremos a explorar o próprio conceito de velhice e envelhecimento.

## 4.2 O Velho é o Outro!

Qual é o lugar do velho em nossa sociedade contemporânea? Embora em termos numéricos essa participação esteja em pleno crescimento, a participação política e social desses sujeitos ainda é considerada pouco expressiva. Eles acabam por não ter voz e serem considerados apenas *seres de cuidado*, ou seja, sua condição é equiparada a de uma criança. Nesse sentido, esses sujeitos são excluídos dos espaços de discussão, como se eles não tivessem nada a dizer. Tal exclusão lhes nega a própria condição de sujeitos, como se o tempo tivesse estabelecido a ‘validade’ de sua participação no mundo social.

Podemos dizer que há um estranhamento em relação ao velho em nossa sociedade, uma vez que esta é marcada pela busca da eterna jovialidade e produtividade. Diante disso, com o passar dos anos ele deixa de ser reconhecido pelos outros que, pelo próprio medo do envelhecimento e da morte, não querem estabelecer com ele qualquer tipo de identificação. No texto de Hannah Arendt (1997, p. 61), em nota de rodapé, essa questão da representação da velhice é citada: “Para os vivos, a morte é, antes de mais nada, o des-aparecimento. Mas, ao contrário do que ocorre com a dor, há um aspecto da morte no qual é como se ela aparecesse entre os vivos: na velhice. Goethe observou certa vez que envelhecer é desaparecer gradualmente”.

Como bem notou Simone de Beauvoir (1990, p.266), isso se dá pela percepção do velho como uma “espécie estranha”, com o qual o adulto não consegue estabelecer um laço de reciprocidade. A reciprocidade é entendida aqui como o processo de se reconhecer no outro e com ele estabelecer projetos em comum. Tendo em vista a ausência de reciprocidade, questiono então: de que projetos o velho participa na sociedade contemporânea? Ecléa Bosi (1983) explicita que o sentido que o sujeito atribui à sua existência está em sua maior parte relacionado aos projetos de

vida que constrói, suas pretensões, razões, lutas e movimentos em que se envolve. E se esses não existem? Há espaço nessa sociedade para que os velhos construam seus projetos?

#### 4.2.1 Envelhecimento e velhice: entre perdas e ganhos

A fim de compreender melhor esse estranhamento existente em relação à figura do velho, faz-se necessário retomar alguns aspectos relevantes. O primeiro deles diz respeito à confusão existente entre o significado do envelhecimento e da velhice, o que faz com que esses termos sejam por vezes utilizados equivocadamente como sinônimos. Quando falamos do processo de envelhecimento, estamos na realidade nos referindo ao processo que se inicia logo no instante do nascimento: a cada segundo todos envelhecemos. Nesse sentido, até mesmo a criança – símbolo do novo e da vida por excelência – está constantemente envelhecendo. Como expõe Messy (1999, p. 17), “O envelhecimento não é a velhice, como uma viagem não se reduz a uma etapa. O envelhecimento é um processo irreversível, que se inscreve no tempo”. Sendo assim, expressar o temor pelo envelhecimento é revelar o medo frente à própria vida.

Mas a quem se pode chamar de velho? A velhice seria então um período específico da vida, cujo início é algo ainda bastante obscuro e relativo. Para alguns, ela se inicia aos 60 anos, idade estabelecida legalmente para o acesso a certos direitos civis. Para outros, ser velho independe da idade, afinal, trata-se de um estado de espírito. Outros ainda delineiam a velhice a partir do aparecimento de doenças degenerativas, como o mal de Alzheimer. Enfim, são diversas as maneiras de delimitar quem é ou não velho. O fato é que ser considerado velho em nossa sociedade é evocar sobre si imagens negativas, de decrepitude. “Nossa sociedade reserva à juventude o benefício e à velhice o déficit.” (MESSY, 1999, p.17).

“Como então fixar o momento de entrada na velhice?” questiona Messy (1999, p.29). Para o autor, a inauguração dessa fase da vida se daria quando da ocorrência de uma perda objetual brusca, a partir da qual o sujeito não consegue mais se perceber como objeto de desejo. Associado a isso, tal impressão do sujeito é a todo momento confirmada socialmente, uma vez

que os valores da sociedade narcisista (1983), expostos anteriormente, relacionam-se à juventude e ao belo. O autor cita Freud como um exemplo de seu argumento, pois ele teria sentido o peso da velhice no dia em seu filho Olivier se despediu dele a caminho da Romênia. Para Freud, na época com 65 anos, esse momento se mostrou decisivo e transformador na sua forma de ser ver, pois o pensamento sobre a morte não o abandonou mais. Messy (1999, p.31) então coloca: “Esta ‘despedida’ não faz pensar numa separação definitiva, vivida como perda?”. Mannoni (1995) concorda com essa perspectiva ao ressaltar que a velhice se apossa do sujeito de forma inesperada, surpreendendo-o.

Nesse sentido, Messy (1999) ressalta que em nossa sociedade o envelhecimento é percebido muito mais como um processo de perdas do que de aquisições. O autor desenvolve um argumento interessante relacionado a essas duas perspectivas. Tendo como base as instâncias psíquicas freudianas e os três repertórios psicanalíticos desenvolvidos por Lacan (real, simbólico e imaginário), o autor discorre sobre essas duas perspectivas: o envelhecimento como aquisição e como perdas. Para o autor “[...] a noção de aquisição pode ser verificada na relação narcisista do eu com o objeto, isto é, na relação com os outros semelhantes.” (MESSY, 1999, p.19). Tal argumento se baseia no processo de constituição do ego, em que nos construímos a partir das imagens dos outros. A história do ego seria então formada a partir de imagens dos diversos objetos investidos ao longo da vida. É interessante destacar que o que se inscreve no psiquismo são imagens, representações dos objetos elencados como objetos de amor. “O ego é, pois, constituído de um depósito de camadas de imagens investidas” (MESSY, 1999, p.19). Nessa perspectiva, o envelhecimento como um processo de aquisições estaria relacionado à história do ego.

Por outro lado, o envelhecimento como perda pode ser compreendido a partir da perda dos objetos de amor. Tais perdas ocorrem durante toda a vida, mas se tornariam mais intensas no período da velhice. Nesse sentido, a perda de um objeto revela-se uma ameaça à integridade do ego, que precisa então substituí-lo. O luto significa então a realização de um trabalho, em que é necessário desinvestir a energia libidinal do objeto perdido e direcioná-la a outro. No entanto, esse processo é algo difícil, pois como explicita Freud “[...] é fato notório que as pessoas **nunca**

**abandonam de bom grado uma posição libidinal**, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena.” (FREUD, 1921, p.250, grifo nosso).

Nesse sentido, percebe-se que o luto exige do sujeito um trabalho doloroso, mas que, aos olhos de Freud, trata-se de um processo necessário. É certo que, ao longo da vida, vários objetos serão perdidos e terão de ser substituídos por outros. No caso da melancolia, entretanto, tem-se uma realidade diferente. A melancolia é entendida assim como de caráter patológico, pois há uma confusão entre o objeto perdido e o próprio eu. Como explicita Rocha (2000), quando o luto não é superado, o sujeito passa por um grande sofrimento e pode se tornar um melancólico, que tem no autoaniquilamento uma solução possível. Como expõe o autor, o desafio “É convencer o homem de não fazer dos seus ideais um refúgio contra a desilusão do desamparo.” (ROCHA, 2000, p. 149, grifo nosso).

Para Messy (1999, p. 22), o envelhecimento pode ser então entendido ao nível da instância egóica, que “é o lugar onde se efetua a dinâmica da perda e da aquisição.” Continua o autor “Envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior. Trata-se de uma questão de equilíbrio entre estas duas noções”. Entretanto, como exposto anteriormente, em nossa sociedade o temor do tornar-se velho faz com que o envelhecimento esteja reservado somente às pessoas que alcançam idades avançadas. Tal recusa em aceitar o envelhecimento se dá justamente pela tentativa de afastamento dessa realidade: **o velho é o Outro**, aquele que não sou e nem quero ser. Daí a ausência de reconhecimento e até mesmo, como explicita Messy (1999), as atitudes violentas frente aos sujeitos de idade avançada: é como se a sua própria existência fosse uma agressão àqueles que desfrutam da tão valorizada juventude.

#### 4.2.2 Eu não sou velho! O terror frente à inexorabilidade da morte

*O homem não acredita na própria morte.*  
Freud

O temor frente à velhice, e o conseqüente estranhamento em relação ao velho, também podem ser entendidos a partir da ameaça iminente da morte. Diante de uma sociedade narcisista, em que a preocupação dos sujeitos se volta para a autossobrevivência e para ideais como beleza e riqueza, a ideia de um corpo envelhecido e da inexorável finitude não possuem vez. (LASCH, 1983). Como pensar na morte se ela significa me ausentar do palco dessa sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997)? Como pensar na morte se não me preocupo com as gerações futuras e nem procuro fazer delas a minha continuidade? Enfim, como pensar na morte se nada mais me interessa a não ser *o aqui e o agora*? De fato, estas questões apontam para a incompatibilidade entre os valores que fundamentam a sociedade contemporânea e a certeza do limite temporal que marca a vida humana.

Cada vez mais tentamos nos distanciar da morte, momento este que se faz concretamente presente, por exemplo, quando do falecimento de algum parente ou conhecido. Os pais, ao entenderem o momento do velório como demasiado forte para as crianças, tentam poupá-las evitando sua presença. Há ainda aqueles que preferem anunciar a morte como uma viagem, da qual nunca se sabe a data de retorno, deixando com que a criança por si só um dia compreenda que, de fato, aquela pessoa não irá voltar. Até algum tempo atrás, tinha-se como tradição realizar o velório na própria residência do falecido (ARIÈS, 1981), contudo, até mesmo por questões sanitárias, tal atitude caiu em desuso. Independentemente da necessidade ou não dessa mudança, o fato é que houve um afastamento em relação ao ritual que marca o momento em que as pessoas se reúnem para se despedir da pessoa falecida. A morte torna-se, portanto, cada vez mais ficcional, representada pelas estatísticas e esvaziada de sua concretude.

Kovács (1992) discute as diferentes aproximações da morte ao longo do processo de desenvolvimento humano. Segundo a autora, na infância o ser humano tem seu primeiro contato com a morte, embora não tenha ainda um entendimento mais aprofundado acerca dos seus significados. Um exemplo disso é a falta de noção sobre seu caráter irreversível, ou seja, as crianças ainda não concebem a idéia de que tal fato não pode ser desfeito. Seria então na adolescência que o ser humano toma consciência do que é a morte e suas conseqüências. Entretanto, a autora argumenta que nesta fase é a finitude dos outros que gera preocupação, pois por estarem no auge da vida os adolescentes costumam acreditar na sua invulnerabilidade. Já na

fase adulta o fenômeno é tratado de forma mais 'real' e, para além da consciência de tratar-se de algo reversível e universal, a atenção se volta para as mudanças sociais que implica. Isso porque a morte de algum familiar, por exemplo, resulta em uma série de transformações nos papéis sociais. Contudo, é na velhice que a morte se faz mais presente. Segundo a autora, as conseqüentes perdas vivenciadas nessa fase da vida fazem com que essa questão seja mais pensada e frequentemente discutida entre pessoas com mais idade. Isso não significa, entretanto, alerta a autora, que o fenômeno seja menos temido pelos idosos do que pelas pessoas mais jovens.

Segundo Kovács (1992), a percepção sobre a morte se divide em duas perspectivas: a morte do outro, que diz respeito ao sofrimento decorrente da separação pela falta de alguém; e a própria morte, que se relaciona ao temor da própria finitude e o desconhecimento sobre quando e como será. Para além dessas duas perspectivas, a autora explicita que existem três tipos de medo: o medo de morrer, o medo do que vem após a morte e o medo da extinção. O primeiro, no que se refere à própria morte, consiste no medo da possibilidade de sofrimento no exato momento do falecimento e de indignidade. Já no que se refere à morte do outro, tem-se o sofrimento ao ver a dor de outrem e o sentimento de impotência diante da situação. O segundo, quanto à própria morte, relaciona-se ao medo do julgamento e do castigo divino. No que tange à morte do outro, refere-se ao medo da retaliação e da perda da relação. Por fim, o terceiro tipo de medo se evidencia, no que se refere à própria morte, no temor frente ao desconhecido e a conseqüente perda de controle e, quanto à morte do outro, se traduz no sentimento de vulnerabilidade diante da perda, além da sensação de abandono.

Nesse sentido, Kovács (1992) traz para discussão não somente o temor dos sujeitos em relação à sua própria finitude, como também os sentimentos que afloram diante da perda de alguém significativo. No contexto asilar, sobre o qual versa esse trabalho, a morte faz parte do cotidiano da instituição e, portanto, a perda de colegas ocorre frequentemente. Silva *et al* (2007) realizaram um estudo abordando justamente a vida de idosos após o falecimento de algum colega asilado e concluíram que são vários os sentimentos identificados, dentre os quais choque, tristeza e raiva. Por outro lado, a pesquisa revelou que os idosos também significam esses momentos como oportunidades de aprendizado que surgem a partir da dor e da agonia vivenciadas por eles. Segundo os autores, é comum que os idosos que perdem colegas sintam uma sensação de vazio e

até mesmo de solidão, a depender do grau de aproximação com o sujeito falecido. Apesar das variações identificadas, os autores analisam que a tristeza e o sofrimento são reações comuns a todos os idosos estudados.

Abuchaim (2009)<sup>5</sup> chama a atenção para a necessidade de que a finitude alcance um *status* diferenciado na teoria psicanalítica, pois, “[...] se, por um lado, na libido sexual está a vida, por outro, a consciência de seu término também tem lugar predominante no seu mundo, que busca o equilíbrio e bem-estar.” (ABUCHAIM, 2009, p. 23). Segundo o autor, a consciência da finitude assume o lugar de conflito essencial humano, da qual muitos psicanalistas insistem em lidar do ponto de vista da castração. Na perspectiva do autor, é necessário que os profissionais voltem o olhar para a angústia de morte relacionada à ideia real da inexorável finitude, e questiona “[...] então, como técnica, ir ao encontro de olhar a morte não confere ao terapeuta o encontro de seus próprios temores?” (ABUCHAIM, 2009, p. 26).

Partindo do entendimento de que a certeza da morte causa angústia e sofrimento ao ser humano, como lidar com isso? Abuchaim (2009, p. 21, grifos nossos) argumenta:

Defendo a ideia básica de que, diante da irremovível finitude, **a pessoa só justifica a sua existência através de experiências satisfatórias representadas numa ampla comunicação da sexualidade com a vida instintiva, decretando boas vivências e trocas convenientes com ela.** Essa tem como significado genuíno todos os nossos atos criativos mais singelos, do nascer ao morrer, que **vão estruturando uma vida construtiva, servindo de modelo para os que nos sucedem.**

#### 4.2.3 As consequências de uma morte social: aposentadoria e ociosidade

Para além do temor da morte, não se pode negligenciar um ponto de ruptura fundamental na vida dos sujeitos: a aposentadoria, sendo também ela uma razão para o estranhamento em relação ao

---

<sup>5</sup> Abuchaim defende essa tese no livro “A finitude”, de 2009. Em função de se distanciar dos objetivos da pesquisa, não consideramos necessário aprofundar na discussão sobre a questão. O objetivo aqui se resume a destacar o papel da morte como geradora de angústia no ser humano.

velho em nossa sociedade. Conforme expõe França (1999), não são raros os casos de adoecimento físico e mental decorrentes de tal período, além da ocorrência de mortes súbitas nos três primeiros anos de afastamento da atividade laboral. Estas questões relacionam-se em grande parte ao imaginário de que a aposentadoria representa o marco inicial do processo de envelhecimento. Ainda que cada vez mais a separação entre essas duas categorias tenha sido discutida, reconhece-se que o rompimento com o mundo do trabalho acaba por fazer florescer em alguns sujeitos a sensação de inutilidade e isolamento social, sentimentos estes tradicionalmente associados ao período do envelhecimento (BOSI, 1994; BEAUVOIR, 1990). Nesse contexto é que podemos fazer referência à aposentadoria como o processo de morte social. (MORAGAS, 1997).

A sociedade capitalista contemporânea gira em torno das esferas da produção e do consumo, ciclo que movimenta o capital. Numa sociedade que funciona em torno desse ciclo, o valor do sujeito está intimamente relacionado à sua capacidade produtiva. (GUERREIRO RAMOS, 1981). Da mesma forma, sua identidade estará fortemente ligada ao trabalho, visto que é por meio deste que se dá sua inserção social assim como é este que delimita os grupos e atividades dos quais ele participa. Como o paradigma da produtividade se alia, em certa medida, a valores como juventude e dinamismo, os funcionários que possuem idade mais avançada deixam de ser interessantes para as empresas, em detrimento da experiência alcançada por anos de trabalho. Observa-se, portanto, que o discurso implícito neste posicionamento empresarial é o de que não há lugar – no ambiente empresarial – para o velho e para a inatividade.

Para além deste modo de organização social pelo qual o trabalho assume consequentemente um papel central na vida dos sujeitos, cabe ainda ressaltar a especificidade da política de organização do trabalho, sobretudo nas empresas. Tais políticas, de modo cada vez mais intenso, têm se estruturado com vistas a acentuar ao máximo a identificação e a relação afetiva entre o trabalhador e a organização da qual faz parte bem como com o respectivo cargo que este ocupa. Desta forma, tal relação se torna demasiado carregada de catexias libidinais, de modo que qualquer abalo nesta resulta em consequências de grandes proporções à economia psíquica dos sujeitos, podendo deflagrar uma série de psicopatologias. Conforme discutem Enriquez (1997) e

Pagés et al. (1987), na medida em que o espaço organizacional se torna *locus* de identificação dos indivíduos, percebe-se um processo cada vez mais evidente de aprisionamento das subjetividades.

Na perspectiva psicanalítica, a fundação, organização e manutenção de uma sociedade se baseiam nos laços afetivos construídos entre seus membros em prol de ideais comuns. Nas palavras de Freud, “[...] só o amor atua como fator civilizador [...]” (FREUD, 1921 p. 130). Isto é, um indivíduo só abre mão de parte de seu narcisismo em função de um laço libidinal, e a manutenção dessa limitação do narcisismo só persiste enquanto houver um ganho imediato relativo à relação com esses objetos por ele investidos. No entanto, o que se percebe atualmente nas organizações é a constituição de grupos em que “[...] um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal de eu e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu Eu.” (FREUD, 1976, p. 147).

Neste sentido, pode-se argumentar que essas características que demarcam a sociedade capitalista acabam por colocar o trabalho – e a dedicação incondicional – em uma posição de superioridade em face de outros objetos, influenciando na sua escolha, pelo sujeito, como objeto de amor. Conforme exposto, esta é uma das principais características do capitalismo: a redução da existência humana ao âmbito do trabalho (GUERREIRO RAMOS, 1981; TRAGTENBERG, 1980). Este passa então a ser a sua referência identitária, a resposta para a questão: Quem é você? Para Guerreiro Ramos (1981), um dos maiores prejuízos dessa posição central que a organização ocupa na vida dos indivíduos é o risco de que cada vez mais eles se distanciem de si mesmos, assumindo subjetividades ‘prontas’ que não a sua própria. Diante dessa realidade, é compreensível a amplitude dos prejuízos que a aposentadoria pode causar à vida do indivíduo já que a sua identidade e sentimento de pertencimento à sociedade estão diretamente relacionados ao cargo que ocupa.

Entretanto, se por um lado no âmbito organizacional não existe lugar para o aposentado como funcionário, por outro este passa a ser percebido como constituinte de um mercado consumidor potencial. Como argumenta Debert (1997), em decorrência da situação de vulnerabilidade social vivenciada por boa parte das famílias, grande parte dos aposentados passou a ocupar o papel de provedores do lar, tornando-se agentes determinantes nas decisões de compra da família. Atento a

esse cenário, o discurso de valorização da maturidade – em que o envelhecimento se liga a um tempo de prazer – é constantemente veiculado visando explorar esse mercado potencial por meio da oferta de produtos e serviços específicos, como aulas de ginástica adaptadas, por exemplo.

Pode-se observar que tal discurso de valorização também é partilhado pelo Estado, no sentido de que, ao se preocuparem mais com a saúde – física e mental, os idosos estariam contribuindo para uma redução dos custos do governo. Neste contexto, é interessante retomar o que Debert (1999) denominou de “reprivatização da velhice”: um processo de responsabilização do indivíduo pelo seu processo de envelhecimento. Essa perspectiva é problemática, pois incorre no risco de abandonar as preocupações com as limitações impostas pela velhice e os direitos que devem ser assegurados a essa parcela da população. Outro aspecto fundamental é a valorização da cultura jovem, a qual se desprende de um período específico da vida e passa a ser um valor social: ser ‘velho’ torna-se então uma opção.

O resultado desse processo é um sujeito angustiado, na medida em que se vê considerado um ser improdutivo socialmente e, ao mesmo tempo, se encontra perdido no vazio ciclo vicioso do consumo. Messy (1999) argumenta que na perspectiva freudiana o medo e a angústia se distinguem por uma questão fundamental: a presença do objeto. Enquanto o medo se relaciona diretamente à ameaça contra um determinado objeto, a angústia é o contrário. “Para Melanie Klein a angústia surge diante da pulsão de morte, que tem origem no medo de perder a vida: ‘[...] assim, penso que o perigo proveniente do trabalho interno da pulsão de morte é a causa primária da angústia.’” (MESSY, 1999). Para compreender melhor essas colocações, faz-se necessário primeiramente esclarecer os dois tipos de pulsões – pulsão de vida e de morte – e suas características.

As pulsões correspondem à energia libidinal que circula em nosso aparelho psíquico e, sendo energia, são responsáveis por ou geram movimentos. A pulsão de vida corresponde a essa energia que é investida em determinado objeto, ou seja, trata-se de uma energia ligada. Possui, portanto, um caráter positivo e impulsiona os indivíduos em um sentido construtivo. Já a pulsão de morte refere-se ao *quantum* de energia que circula no aparelho psíquico sem se ligar a qualquer objeto. Sem nenhum investimento, tal energia circula livremente, gerando no sujeito uma sensação de

desprazer. Tal pulsão atua com o intuito de que o sujeito volte ao seu estado inorgânico, em que esse desprazer não existia. É errôneo pensar, entretanto, que a pulsão de morte é completamente indesejável. Isso porque ela pode ser inicialmente, necessária e positiva, por exemplo, para que os sujeitos empreendam mudanças e saiam da chamada ‘zona de conforto’. É nesse sentido que se sugere pensar nas pulsões como um sistema dinâmico, e não como polos antagônicos.

Retomando os objetivos desta pesquisa de refletir a respeito da experiência subjetiva da velhice, tendo como pano de fundo a sociedade narcisista, o entendimento das pulsões e da angústia podem ser vias interessantes para reflexão. Isso porque a pulsão de vida, de caráter criador e mobilizador, consiste justamente no investimento energético em um objeto escolhido. Esse objeto pode ser uma pessoa querida, um trabalho, uma atividade cotidiana, um animal de estimação, dentre inúmeras outras. Considerando o contexto social em que o velho é excluído do mundo do trabalho, que a ele é negada a vivência de sua sexualidade, não possui espaços de expressão autêntica, não é considerado um ator político – resumem-se sensivelmente as opções de objetos para que ocorra o investimento energético. Sem esse investimento, como foi dito, essa energia desligada circulante assume um papel destrutivo e faz com que, por vezes, os sujeitos de retirem das atividades cotidianas, que para eles perdem sentido. A aposentadoria e a ociosidade que tendem a invadir a vida dos velhos encerram momentos de muita angústia e sofrimento, decorrências da morte social do sujeito.

### **4.3 As Instituições de Longa Permanência para Idosos**

#### **4.3.1 De asilo a Instituições de Longa Permanência para Idosos: perspectiva histórica e legal**

Várias são as denominações atribuídas às instituições que se dedicam ao abrigo de idosos – asilos, lares, casas de repouso, pousadas, ancionatos, dentre outras. Tais instituições não são uma criação recente, mas somente há alguns anos tornaram-se alvo de atenção especial. Como ressaltado anteriormente, o aumento expressivo da população idosa elevou ao *status* de urgência a questão

do envelhecimento populacional. Como lidar com esse crescimento expressivo da população idosa? A inquietação provém, principalmente, das alterações na família tradicional burguesa. Em meio a um cenário de enfraquecimento dos laços familiares e a perda de sentido da família como núcleo de apoio do sujeito (LASCH, 1983), tem-se a progressiva inserção da mulher no mercado de trabalho. Tendo em vista o fato de que ela era até então a eleita como responsável pelo cuidado dos avós, pais e sogros, sua ausência no âmbito doméstico reforça a situação de desamparo desses indivíduos. Onde e como essas pessoas viverão?

O termo asilo, do grego *Ásylos* e do latim *Asylu*, faz referência a um local de proteção e abrigo. Seja para pessoas carentes, crianças abandonadas ou perseguidos políticos, oferecer asilo sempre significou propiciar a esses sujeitos um local em que pudessem encontrar refúgio e suporte na satisfação de suas necessidades. Desde sua origem, os asilos foram associados ao cuidado de indivíduos pobres e doentes, mas com o passar do tempo foram sendo instituídos espaços diferenciados para cada um desses grupos, como os manicômios, orfanatos e leprosários. (XIMENES; CÔRTE, 2007). A partir do séc. XX, o nome asilo passou a ser associado exclusivamente aos abrigos para velhos, entretanto, pelas más condições estruturais, de higiene e pelo despreparo do pessoal, esses se tornaram sinônimo de negligência e maus tratos, assumindo uma imagem negativa que ainda prevalece nos dias atuais.

Em termos históricos, o primeiro asilo do Brasil foi criado em 1782, no Rio de Janeiro, com a capacidade de 30 leitos. Este foi instituído pela Ordem Terceira da Imaculada Conceição, reafirmando o caráter assistencialista e religioso que marcou historicamente este tipo de organização. Neste mesmo período, em São Paulo, surgiram as associações de ajuda mútua aos imigrantes. Asilos filantrópicos que acolhiam portugueses, italianos, japoneses, húngaros, árabes, russos, judeus, alemães, franceses e ingleses que chegavam ao país em busca de trabalho e, conseqüentemente, de uma vida melhor. A partir da década de 1970, por influência principalmente européia, foram surgindo novas possibilidades e representações relacionadas a essas instituições para idosos. Observou-se, nesse período, a expansão das organizações privadas destinadas ao público idoso, revelando a abertura de um novo mercado consumidor potencial. (ARAÚJO; SOUZA; FARO, s/d).

Em função dessa conotação negativa do termo asilo e da multiplicidade de termos que são utilizados para designar este tipo de organização, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia propôs uma padronização denominando-as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)<sup>6</sup>. Tal alteração terminológica também se relaciona a uma mudança em termos de abrangência dessas instituições que deixaram de atuar somente no âmbito da assistência social e passaram a integrar a rede de assistência à saúde. Isso significa que, além de oferecer serviços como moradia e alimentação, essas instituições também devem prestar serviços relacionados à promoção da saúde de seus residentes. (CAMARANO; KANSO, 2010).

Por definição, as ILPI's são instituições residenciais de caráter coletivo, governamentais ou não governamentais, as quais se constituem domicílios de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, tenham elas ou não suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (ANVISA, 2005). Para a regulação do funcionamento e estruturação destas instituições, existe um regulamento técnico<sup>7</sup> desenvolvido especialmente para esta modalidade, o qual abarca desde características de infraestrutura até especificações relacionadas à alimentação, lazer e recursos humanos.

Faz-se importante ressaltar que, sob o ponto de vista da legislação brasileira, o atendimento ao idoso é prioritariamente de responsabilidade da família, estando a institucionalização condicionada à inexistência de laços familiares ou carência no que tange às condições de sobrevivência<sup>8</sup>. No que diz respeito especialmente à habitação, observe-se o capítulo IX do Estatuto do Idoso, art. 37, parágrafo 1, “A assistência integral na modalidade de entidade de longa permanência será prestada quando verificada inexistência de grupo familiar, casa-lar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família”. Tais instituições devem então seguir um padrão em termos de estrutura e serviços, assegurado por lei. Ainda no Estatuto do Idoso, art. 37, parágrafo 3, esclarece-se essa questão “As instituições que abrigarem idosos são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como

---

<sup>6</sup> Tradução do termo *Long Term Care Institution*.

<sup>7</sup> Regulamento Técnico para o Funcionamento de Instituições de Longa Permanência para Idosos, RDC N° 283, de 26 de setembro de 2005.

<sup>8</sup> O direito do idoso em ser amparado pela família está estabelecido na Constituição de 1988, no artigo 230.

provê-los com alimentação regular e higiene indispensáveis às normas sanitárias e com estas condizentes, sob as penas da lei”.

Para além da exigência de um certo padrão, estabeleceu-se no Estatuto do Idoso (art. 49) os princípios a serem adotados pelas instituições de longa permanência, a saber,

- I - preservação dos vínculos familiares;
- II - atendimento personalizado e em pequenos grupos;
- III - manutenção do idoso na mesma instituição, salvo em caso de força maior;
- IV - participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo;
- V - observância dos direitos e garantias dos idosos;
- VI - preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade.

Tais orientações refletem uma preocupação com questões que suplantam as necessidades básicas como alimentação e saúde, perpassando por elementos voltados para a socialização e a preservação da identidade dos sujeitos institucionalizados. Entretanto, mais do que orientar faz-se necessário fiscalizar. Nesse sentido, estabeleceu-se no capítulo III do Estatuto do Idoso, que as Instituições de Longa Permanência para Idosos seriam fiscalizadas pelos Conselhos do Idoso, Ministério Público, Vigilância Sanitária e outros órgãos competentes, como a ANVISA. A depender das infrações que possam ser cometidas, foram previstas penalidades que vão desde multas pecuniárias até a própria interdição da organização, além da responsabilização civil e criminal dos dirigentes.

Contudo, até o início deste ano de 2011, a ausência de um levantamento amplo e unificado acerca das ILPI's no Brasil representava um desafio para a concretização dessas políticas de atenção ao idoso, principalmente em termos de fiscalização e controle da capacidade de atendimento dessas organizações (CAMARANO; KANSO, 2010). A fim de suprir essa lacuna, um estudo foi realizado em todo o país pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), com apoio financeiro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre os anos de 2007 e 2010. Tal pesquisa teve então como objetivo

[...] levantar informações para o cálculo dos indicadores das condições de funcionamento, de infraestrutura, de custos das instituições de longa permanência brasileiras, bem como dos recursos com que contam, tais como financiamentos públicos, subsídios e parcerias e elaborar um perfil dos seus residentes (IPEA, 2011, p. 1-2).

Na seção a seguir, vamos apresentar os principais resultados da pesquisa.

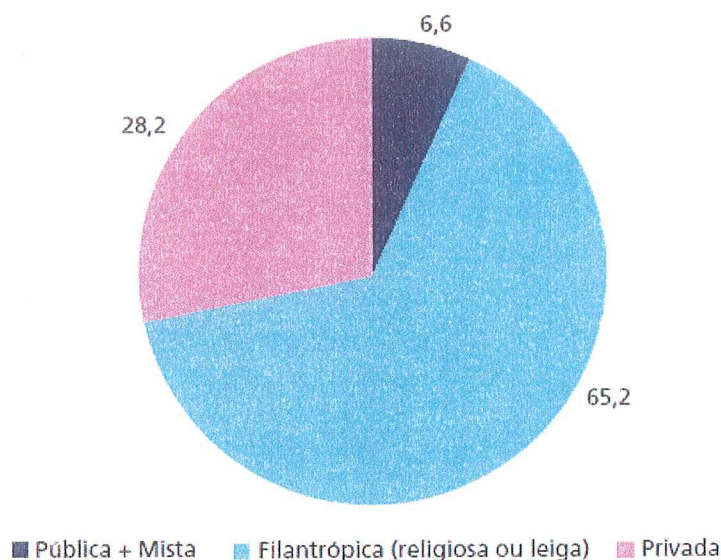
#### 4.3.2 Um panorama das Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil

A pesquisa realizada pelo IPEA teve como subtítulo “Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil” e abrangeu o total de 3.295 instituições no país. No momento da pesquisa, havia 83.870 velhos vivendo em ILPI's, o que representa apenas 0,5% da população idosa. De acordo com os pesquisadores, esse baixo número se relaciona à resistência cultural ainda existente em relação a esse tipo de instituição no país, o que faz com que a opção por este tipo de moradia para o idoso ocorra apenas em casos extremos de impossibilidade do cuidado familiar.

Um dado interessante diz respeito à natureza jurídica das instituições pesquisadas, representada no gráfico abaixo:

### FIGURA 1 – Distribuição proporcional das instituições de longa permanência brasileiras por regime jurídico – 2007 -2009

Distribuição proporcional das instituições de longa permanência brasileiras por regime jurídico – 2007-2009  
(Em %)



Fonte: Pesquisa IPEA/SEDH/MDS e CNPq, 2011.

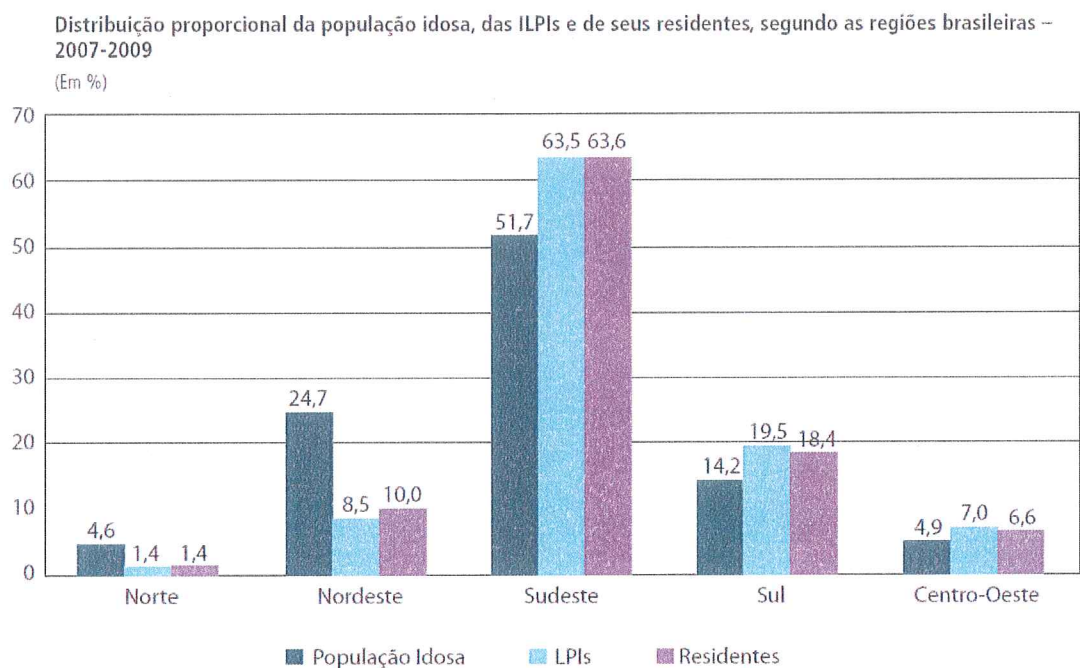
Como se pode perceber, a maioria absoluta das ILPI's é de caráter filantrópico, sejam elas religiosas ou leigas. Isso significa que sua origem está relacionada a uma mobilização desses setores diante da demanda social por este tipo de serviço, demanda esta não atendida pelo Estado. Identificou-se, na pesquisa, que nas instituições filantrópicas e públicas se concentram velhos independentes, o que indica que a sua inserção na instituição se deu provavelmente por razões relacionadas à ausência de renda e moradia. Por outro lado, nas instituições privadas o cenário é o inverso, a maior parte dos idosos é dependente, o que indica que a ida para a instituição se dá provavelmente pelo agravamento de sua situação de saúde física e mental. Isso porque os velhos que possuem melhores condições financeiras e são independentes tendem a continuar vivendo com suas famílias ou até mesmo sozinhos. A inferência, a partir desses dados, é de que "o papel que uma ILPI desempenha é, também, em função da renda dos seus demandantes" (IPEA, 2011, p. 4).

Em função de a pesquisa ter sido pontual, isto é, pelo fato de não se ter registros anteriores sobre o número de ILPI's no Brasil, torna-se impossível saber com exatidão qual tem sido o

crescimento dessas instituições ao longo dos anos. A partir de dados sobre o tempo de existência das unidades pesquisadas, buscou-se delinear um panorama aproximado do incremento no número de instituições ao longo dos anos. Nesses termos, observou-se que, entre os anos de 1940 e 1959, 393 instituições foram abertas, enquanto entre 2000 e 2009, esse número cresceu para 810 (IPEA, 2005). Se verificarmos esses dados decompostos de acordo com a natureza jurídica das instituições criadas ao longo do tempo, percebe-se que até o ano de 1999, o maior crescimento era de instituições filantrópicas. Já a partir dos anos 2000, houve um aumento das instituições privadas, o que se refere justamente à percepção de um mercado consumidor para este tipo de negócio.

No que se refere à localização das ILPI's, identificou-se que estas estão localizadas principalmente na Região Sudeste e nas cidades de maior porte. De acordo com o estudo, este dado era esperado tendo em vista localizar-se nesta região a maior proporção da população idosa. Entretanto, os resultados apontam para um excesso de concentração dessas instituições nesta região em detrimento das outras, levando-se em consideração a distribuição da população idosa no país. Tais informações estão representadas no gráfico abaixo.

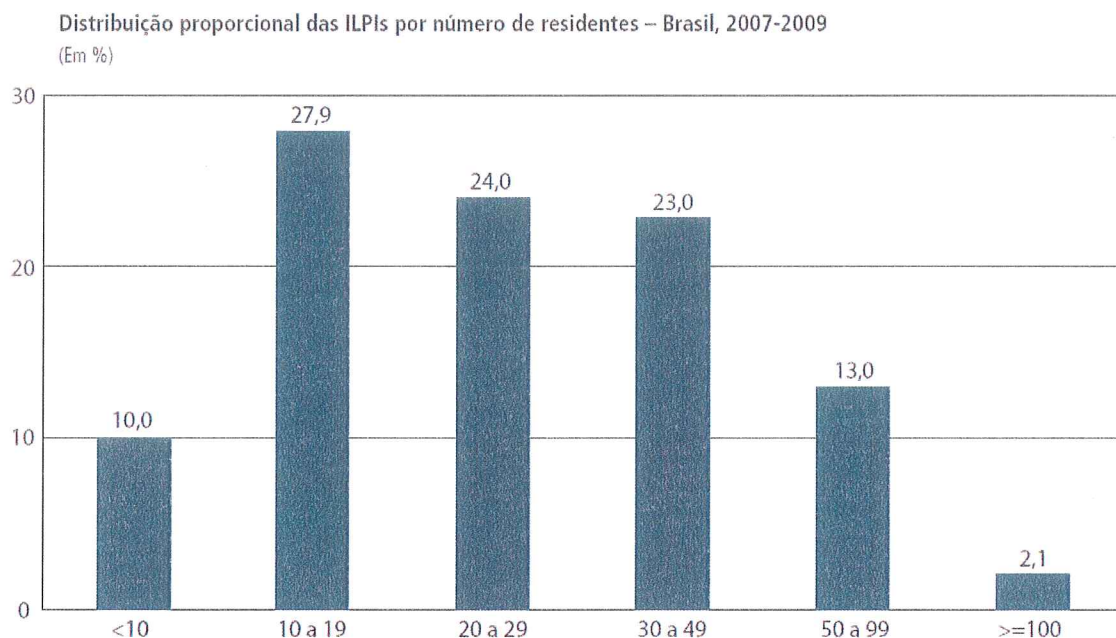
**FIGURA 2 – Distribuição proporcional da população idosa, das ILPIs e de seus residentes, segundo as regiões brasileiras – 2007-2009.**



Fonte: Pesquisa IPEA/SEDH/MDS e CNPq, 2011.

No que tange à capacidade de atendimento das ILPI's, identificou-se que em média cada instituição brasileira abriga 30,4 residentes. Os pesquisadores alertam que este número é influenciado pelos extremos, tendo em vista terem sido encontradas instituições com apenas 1 ou 2 residentes e as duas maiores com 299 e 427 pessoas, localizadas no Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente. O gráfico abaixo explicita a proporção de instituições e o número de residentes.

**FIGURA 3 – Distribuição proporcional das ILPIs por número de residentes – Brasil, 2007-2009.**



Fonte: Pesquisa IPEA/SEDH/MDS e CNPq, 2011.

Outro dado relevante encontrado na pesquisa refere-se às ocupações dos leitos disponíveis nas instituições. A pesquisa revelou que as instituições estão funcionando quase que em sua capacidade máxima, já que 91,6% dos leitos disponíveis estavam ocupados no momento da pesquisa. No que tange à quantidade de leitos em cada aposento, observou-se que a maior parte dos quartos possui apenas um ou dois leitos, 36,6% e 34,6%, respectivamente. Apenas 5,9% dos quartos não estão em conformidade com as normas da ANVISA, pois possuem mais de quatro leitos.

No que se refere ao espaço ou infraestrutura das instituições, observou-se que, em geral, elas estão localizadas em amplos terrenos e são construções espaçosas. Quanto ao aproveitamento do espaço, mais de 90% das instituições alegaram possuir refeitório, sala de TV e vídeo e jardim. Em 49% das unidades existe uma capela ou sala ecumênica, e apenas 15% do total possui biblioteca ou sala de leitura. 6,3% das instituições disseram possuir piscina e 25,5% apontaram a existência de outros espaços. Como apontado pelos pesquisadores, “isso sugere a possibilidade de

áreas para a refeição, lazer, descanso e atividades ao ar livre dos residentes, o que permite algum grau de integração entre eles.” (IPEA, 2011, p. 9).

Sob o ponto de vista dos serviços oferecidos, a maior parte das ILPI's alegou oferecer atendimento médico (66,1%) e fisioterápico (56%). Por outro lado, as atividades de lazer e geração de renda foram encontradas em menos de 50% das instituições, revelando um foco prioritário na atenção à saúde física dos idosos. Outros serviços relevantes, como os de terapia ocupacional (31,3%) e psicológicos (23,5%) também foram apontados com menor expressividade.

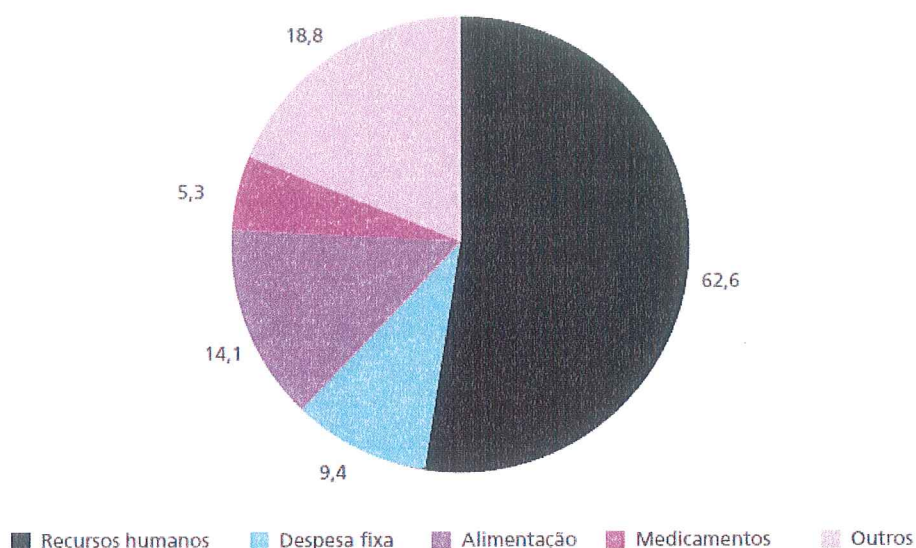
Por fim, a pesquisa elucidou a questão da composição dos custos e fonte de recursos das instituições, o que permite a visualização das diferenças entre as organizações filantrópicas e públicas, e as privadas com fins lucrativos. Um dado relevante refere-se ao custo mensal de cada residente para instituição. O valor mínimo foi apresentado por uma instituição de Alagoas que declarou ter o custo *per capita* de R\$ 92,62, ao passo que o valor máximo foi declarado por uma instituição paulista, R\$ 9.230,77. Em média, o custo *per capita* dessas instituições é de R\$ 717,19, valor este influenciado por esses extremos. Sobre essa questão os pesquisadores fazem um apontamento interessante

Salienta-se que o custo de uma instituição é muito afetado pela sua natureza jurídica e oferta de serviços. Como se viu anteriormente, a maioria das instituições brasileiras são filantrópicas, o que lhes assegura isenções de taxas de alguns impostos, as faz mais propensas a receberem doações, tanto em espécie quanto em dinheiro, a contarem com pessoal voluntário e/ou cedido pelo governo nas suas várias esferas (IPEA, 2011, p. 11).

Sobre a composição dos custos das ILPI's, percebe-se que a maior parte se destina à folha de pessoal, como se pode observar no gráfico abaixo.

**FIGURA 4 – Composição percentual dos gastos das instituições de longa permanência – Brasil, 2007-2009.**

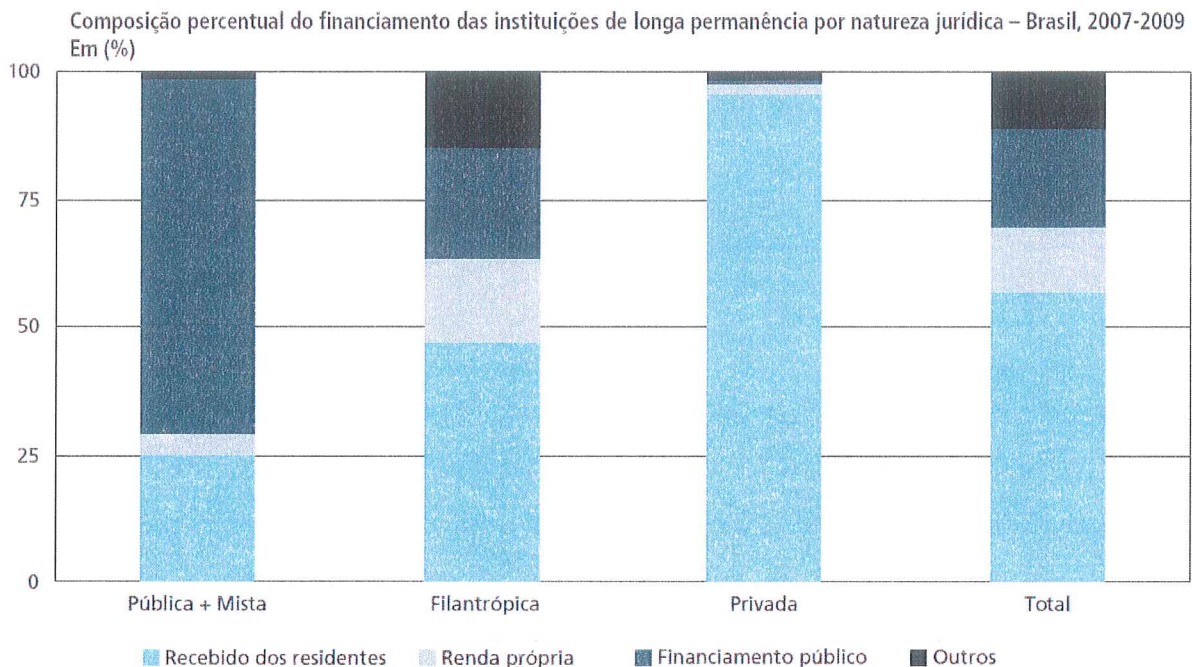
Composição percentual dos gastos das instituições de longa permanência – Brasil, 2007-2009  
(Em %)



Fonte: Pesquisa IPEA/SEDH/MDS e CNPq, 2011.

A primazia dos gastos com os recursos humanos pode ser explicada pela necessidade de um número expressivo de funcionários para a atenção integral ao idoso e também pela qualificação necessária para a realização deste tipo de trabalho. Quanto às fontes de recursos, tem-se uma configuração especial para cada tipo de instituição. Enquanto nas instituições privadas a maior parte dos recursos provém das mensalidades pagas pelos residentes, nas demais instituições este montante precisa ser complementado por outros tipos de renda, como o financiamento público, doações, dentre outros. O gráfico a seguir permite a visualização dessas diferenças que dizem, na realidade, um pouco sobre o perfil dos residentes de cada instituição.

**FIGURA 5 – Composição percentual do financiamento das instituições de longa permanência por natureza jurídica – Brasil, 2007-2009.**



Fonte: Pesquisa IPEA/SEDH/MDS e CNPq, 2011.

Pelo gráfico torna-se claramente perceptível a pequena expressividade do financiamento do setor público, o qual contribui também com fornecimento de medicamentos e serviços médicos. Outra participação interessante provém de parcerias com as universidades, públicas e privadas. A partir destas, alunos prestam serviço às instituições durante a realização do estágio supervisionado (IPEA, 2011).

Como se pôde perceber pelos resultados da pesquisa aqui apresentados, trata-se de um estudo importante no que se refere ao estabelecimento de um panorama destas instituições no país. Seja pela possibilidade de maior coordenação e fiscalização pelo poder público, seja pelo dimensionamento da capacidade de atendimento dessas instituições, o fato é que o aumento do contingente populacional caracterizado por idades avançadas tem preocupado diversos setores da sociedade. Afinal, como lidar com essa realidade?

Entretanto, mais do que resolver um problema lógico – se número de leitos corresponde (ou não) ao número de idosos que demandam esse tipo de moradia – o interesse desta dissertação recai

sobre os significados da experiência da velhice neste tipo de instituição. Pensar sobre a realidade dessas instituições é fundamental, uma vez que elas existem e pessoas dependem delas para sobreviver. Nesse sentido, é imprescindível conhecer essas instituições, avaliar os seus serviços e exigir melhorias contínuas. Não se pretende aqui, portanto, simplesmente criticar a existência das ILPI's, mas de tentar refletir sobre o porquê da sua existência e o que, de fato, elas representam na sociedade contemporânea. A fim de trilhar esse caminho, na próxima seção aprofundaremos na discussão sobre o significado e as implicações da institucionalização para os velhos.

#### 4.3.4 A ILPI como instituição total: presente ou passado?

Segundo Goffman (1974, p. 11), uma instituição total é “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e fortemente administrada”. Não há como falar sobre asilos ou ILPI's sem perpassar pela idéia de instituição total. Tal referência se faz presente na maior parte dos estudos que se dedicam ao tema, os quais utilizam o conceito para fazer referência ao funcionamento cotidiano dessas instituições. O isolamento em relação ao mundo exterior, a perda de contato com os familiares, a homogeneização dos sujeitos e a existência de regras rígidas são apontados como alguns dos indícios da vivência desse regime totalizador.

É importante destacar que quando Goffman (1974) elaborou sua teoria vivia-se o ápice das sociedades disciplinares, conceito extensamente trabalhado por Foucault (1999). Nestas, o confinamento e a imposição de regras rígidas marcava todas as esferas da vida dos sujeitos, seja dentro da família, da escola, do exército, das fábricas, dos hospitais ou prisões. A principal característica destes espaços é, segundo o autor, a desintegração do eu, na medida em que a identidade dos sujeitos é desconfigurada pela imposição de *fazer* a serem reproduzidos por todos e controlados por um amplo sistema hierárquico, baseado em prêmios e punições. Contudo, pode-se assumir a teoria das instituições totais como um retrato das ILPI's contemporâneas? Tal

inquietação é partilhada por autores como Graeff (2007), Camarano e Kanso (2010), dentre outros.

Souza (2003) concorda com a perspectiva de Goffman (1974) ao fazer alusão aos asilos como um universo paralelo, referindo-se justamente à ideia de exclusão e isolamento que permeia a vida na instituição. O enfraquecimento dos laços familiares daqueles que nela se inserem e a obrigatoriedade de se conviver com pessoas diferentes, pelas as quais não necessariamente sentirão empatia e amizade, são alguns pontos levantados pelo autor como característicos desse tipo de instituição. Os elementos do conceito de Instituição Total se fazem claros no seguinte trecho:

O asilo é, basicamente, uma **instituição burocrática**, cuja hierarquia deriva da posição que cada um ocupa dentro dela. Lá se estabelecem relações de poder que são expressões de uma organização, que se concretiza através das **normas e regulamentos**, que, enquanto elementos racionais, representam um conhecimento especializado dos que lá exercem suas funções sobre os que estão na condição de internos. Estes são **tratados como objetos** sobre os quais é exercido o trabalho de mantê-los vivos e razoavelmente confortáveis enquanto a morte – sua perspectiva óbvia, iminente e inevitável – não os vêm colher definitivamente. (SOUZA, 2003, p. 2, grifos nossos).

Para os pesquisadores responsáveis pelo levantamento das ILPI's no Brasil, cujos resultados foram apontados anteriormente, é preciso rever em parte essa associação direta entre asilos e Instituições Totais.

[...] a **evidência empírica não parece confirmar essa associação em sua plenitude**. Em primeiro lugar, **“o grau de totalidade”** das instituições depende do **grau de dependência dos residentes**. Por exemplo, os idosos totalmente dependentes, como os acamados, têm sua vida totalmente administrada pela instituição, o que, provavelmente, ocorreria se estivessem residindo com suas famílias, ou seja, a administração da vida destes idosos é decorrente de sua falta de autonomia, e, não, necessariamente, de residência em uma instituição (IPEA, 2011, p.4, grifos nossos).

Nesse contexto, é válido ressaltar que o questionamento a respeito da definição das ILPI's como instituições totais não significa negar os problemas existentes na realidade dessas organizações, como se elas tivessem se tornado os modelos ideais de moradia para idosos. De fato, o que se busca é tentar compreender em que aspectos esse quadro analítico das instituições totais ainda

contribui para a análise das ILPI's e em que pontos é preciso lançar mão de outras lentes. Como argumenta Graeff (2007, p.10) existem prejuízos em se manter uma visão míope da realidade:

Ao final, mesmo que ele (um pesquisador qualquer) entre em contato com uma centena de “clínicas geriátricas”, de “casas de repouso” ou de “lares”, se não conseguir se distanciar das proposições interacionistas, ele continuará partindo da mesma ficção de origem, uniforme e explicativa – Teoria das Instituições Totais – para chegar sistematicamente nas mesmas conclusões do autor canadense.

De fato, caracterizar de forma generalizada as ILPI's é uma tarefa complexa e passível de inúmeros equívocos. Primeiramente, pela grande diversidade de instituições, de naturezas e interesses diferentes, assim como formas de se organizar e concepções distintas sobre o significado da velhice e seus desdobramentos. Nesse sentido, existem sim instituições que funcionam sob um regime totalitário, outras que pelo interesse econômico envolvido são como pousadas e *spas*, além daquelas que, mesmo com poucos recursos, buscam oferecer boas condições de vida aos seus residentes. Enfim, são múltiplas as realidades.

#### 4.3.5 O velho é o Outro que não quero ver: as ILPI's no bojo da sociedade narcisista

Para além da tentativa de definir quem são as ILPI's atualmente, nos interessa aqui refletir sobre o papel que elas desempenham. Retomando as discussões relativas ao lugar reservado ao velho na contemporaneidade, pretende-se aqui refletir sobre a institucionalização, tendo como pano de fundo a discussão sobre as características da sociedade narcisista.

Como exposto anteriormente, em uma sociedade marcada por traços narcisistas, o terror frente à velhice e à morte são elementos claramente presentes. Segundo Mannoni (1995, p. 60, grifo do autor), “nossas sociedades, hoje, defendem-se da doença e da morte pela *segregação*”. Nesse sentido, sendo o velho a representação viva da morte, isto é, o Outro com o qual não queremos nos deparar, as instituições de longa permanência podem suprir esse papel de remover esses sujeitos do cenário social. Algumas páginas adiante, Mannoni (1995) continua

A verdadeira questão é que a pessoa deficiente (mental, física e idosa) nos remete a uma **imagem degradada e aviltada de nós mesmos**. E é por **essa imagem ser insuportável que inventamos a segregação**, que não se refere apenas ao afastamento dos inválidos, mas principalmente ao desrespeito que lhes é testemunhado no seio das instituições e das famílias (MANNONI, 1995, p.77, grifos nossos)

Como argumenta a autora, muito mais do que o isolamento dos sujeitos, a segregação diz respeito à própria forma pela qual o velho é tratado, seja pelos seus familiares, pelas pessoas em geral ou dentro das instituições. Sendo assim, a falta de respeito, os maus tratos e o abandono, atitudes cotidianamente denunciadas pelos jornais, constituem-se demonstrações claras de segregação. Todavia, não se podem negligenciar as atitudes que, embora sutis, da mesma forma configuram-se um ato de segregação. Um exemplo desse tipo de atitude é quando a família por si só resolve que o idoso não tem mais condições de tomar decisões relativas à sua própria vida, a qual passa então a fazê-las por ele. Embora com a intenção muitas vezes genuína de poupar o idoso, a família erroneamente lhe retira a autonomia, algo tão caro ao ser humano.

Sob o ponto de vista da segregação, podemos compreender os asilos como uma forma de negação da velhice, a qual é retirada do alcance dos ‘olhos’ da sociedade. Souza (2003) chama atenção para o discurso protecionista que busca justificar todas as atitudes relacionadas ao idoso. Diz-se que a institucionalização é para proteger o idoso, o cerceamento do seu direito de ir e vir também é protegê-lo, alguns comportamentos julgados não adequados são proibidos da mesma forma para protegê-los, enfim, tudo se legitima e se justifica quando se tem como base o discurso da proteção. Sobre isso, Souza (2003, p.3, grifos nossos) expõe que

Tais ações se apresentam como **autojustificadas pela necessidade de proteger esses indivíduos, mesmo contra a sua vontade**. A contradição desse processo encontra-se no fato de que sob a justificativa da necessidade, **são agredidos frontalmente outros direitos** fundamentais desses indivíduos.

Dentro dessa perspectiva de um discurso protecionista, a visão do velho exclusivamente como um *ser de cuidados* é amplamente difundida. Equipara-se sua condição a de uma criança, que precisa ser assistido integralmente, sob a pena de fazer algo errado. Destituído de sua própria condição de sujeito, são desconsiderados nas relações e, portanto, “[...] não há mais, para ela (pessoa idosa), um ancoramento de seu desejo no desejo do Outro.” (MANNONI, 1995, p.29).

De fato, não há o Outro com quem estabelecer qualquer tipo de relação. E a autora continua dizendo “[...] engajado na fala, o ser falante, se não pode ser escutado em seu desamparo, apega-se por desafio a um significante velado na linguagem: é a morte.”.

Um aspecto preocupante no âmbito das ILPI's é a questão da ociosidade. Tal questão foi discutida anteriormente no que diz respeito à própria experiência da velhice, em que o rompimento com a vida laboral pode trazer sérias consequências para a saúde física e mental dos sujeitos. No caso das ILPI's, a ausência de atividades que façam sentido para os idosos tende a contribuir para o sentimento de que o tempo que não passa, de que ele não é 'produtivo'. Como exposto anteriormente, os idosos asilados vivenciam uma realidade de fragilidade ou ausência de laços sociais. Sob o ponto de vista pulsional só resta espaço na vida psíquica desses sujeitos para o agir da pulsão de morte. Não há no que se engajar, não existem muitas possibilidades de sublimação. Este movimento de destruição psíquico acaba por refletir na deteriorização física que finda com a morte. Sob esse ponto de vista, podemos compreender a apatia de parte desses sujeitos, a qual é por vezes confundida erroneamente com simples desinteresse.

Se por vezes só resta ao velho asilado deixar-se envolver pela pulsão de morte, essa energia desligada de caráter destrutivo, a instituição cumpre o seu papel de segregação e consequente eliminação. Não é esse o destino reservado àqueles com os quais não nos identificamos ou para os quais não vemos nenhuma saída? Mannoni (1995, p. 79, grifos nossos) expõe que

**O lugar dado em nossa sociedade aos desviantes e aos velhos desperta assim, em cada um de nós, algo de memorável em nossa história, no nível de **uma experiência da destruição** como tal. Essa vontade de destruição é também **uma fantasia de tudo poder recomeçar do nada**. (Diz-se a uma família: deixem seu filho em tal hospital suíço, ele está perdido, tenham um outro, esqueçam deste. **Ponha sua mãe num asilo, diz-se à outra, vocês ainda têm a sua vida para viver**)”.**

Souza (2003, p. 3) completa alertando que “o asilo, então, torna-se o inconsciente para onde a lembrança do idoso é varrida.”.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

Um desafio importante para as pesquisas que se dedicam ao entendimento da subjetividade consiste nas formas de acessar a essa dimensão e seus sentidos. Se ainda partimos de uma visão psicanalítica, que concebe a existência de um mundo de significados para além do que é consciente, pensar nas possibilidades metodológicas torna-se um ponto crucial para a pesquisa. Ao lidarmos com aspectos que fogem até mesmo ao consciente dos indivíduos, não se torna possível recorrer apenas a métodos tradicionais, como as entrevistas e os questionários, pois estes têm como fundamento a limitação àquilo que é dito, ao explícito e consciente.

Entende-se que, partindo dessa concepção, a pesquisa como intervenção revelar-se-ia o método mais interessante, no sentido de que há a realização de uma análise em processo. Ou seja, a própria pesquisa seria um momento de análise para os sujeitos em que o pesquisador assumiria a posição do analista. O pesquisador se torna então solidário e responsável pelos efeitos dessa pesquisa que é de caráter transformador. Isso não significa, entretanto, que essa responsabilidade não exista nos demais casos, mas sim que neste, especificamente, é uma característica muito expressiva. Tal abordagem carrega consigo algumas exigências: longo tempo de acompanhamento; conhecimento profundo da teoria psicanalítica; preparação do pesquisador para atuar como interventor, dentre outras.

Entretanto, nesse estudo em especial, a pesquisa como intervenção não foi utilizada justamente em função dessas exigências, às quais a pesquisadora não se julgou capaz de atender, sob o risco de realizar um trabalho que, além de não alcançar seus propósitos, poderia ser destruturador para os sujeitos. Nesse sentido optou-se por seguir outros caminhos, nos quais há a implicação do pesquisador, mas o objetivo não é a intervenção. Utiliza-se então a teoria psicanalítica para a análise dos fatos sociais, enquanto moldura teórica para aumentar a capacidade explicativa e reflexiva da pesquisa em relação aos fenômenos em questão (HABERMAS, 1984). No entanto, tal abordagem não se torna inválida e menos enriquecedora quando todo esse processo de construção – e suas limitações – é explicitado.

Nesse contexto, como exposto inicialmente o problema condutor desta pesquisa foi: *Como velhos que residem em uma ILP vivenciam subjetivamente a experiência da velhice? E como esta vivência dos sujeitos é percebida pela ILP e influencia suas práticas?* A partir dessa questão, delineamos uma estratégia de coleta e análise dos dados que nos permitisse refletir e nos aproximar de sua(s) resposta(s). É relevante destacar que as opções metodológicas foram realizadas tendo sempre em vista a manutenção da coerência em relação ao posicionamento onto-epistemológico no qual se baseia o estudo.

### **5.1 Por uma pesquisa qualitativa e crítica**

Minayo (1999, p. 15), ao se referir às Ciências Sociais, ressalta que o seu objeto de pesquisa é essencialmente qualitativo, pois “[a] realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante”. Esse dinamismo inerente ao objeto em questão revela outra característica importante, sua historicidade, pois não é possível analisá-lo sem considerar o contexto que o envolve. E mais do que ser histórico, a autora argumenta ainda que esse objeto possui consciência histórica, na medida em que não só o pesquisador dá sentido a sua pesquisa, mas os seres humanos também atribuem significado e razões intencionais para as suas construções.

Para Minayo (1999), a identidade entre sujeito e objeto é outra característica do objeto das Ciências Sociais, afinal, quando o pesquisador reflete sobre as relações sociais e seus componentes, está, conseqüentemente, tratando de si mesmo. Por fim, a autora ressalta ainda que a negação de que toda ciência é comprometida com uma visão de mundo é um equívoco, ou seja, “[...] outro aspecto distintivo das Ciências Sociais é o fato de que ela é intrínseca e extrinsecamente ideológica.” (MINAYO, 1999,p.14). Relacionada à última característica apontada por Minayo (1999), ressalta-se que esta pesquisa situa-se no registro da Teoria Crítica, o que implica no interesse de não só desenvolver uma análise compreensiva, mas também crítica do fenômeno estudado.

Concorda-se com Rey (2005) que o conhecimento possui um caráter construtivo-interpretativo, ou seja, que se constitui uma produção e não uma “apropriação linear de uma realidade que nos apresenta” (REY, 2005, p. 5). Tal produção se dá pela utilização das práticas científicas para a abertura de espaços de inteligibilidade que permitem novas zonas de ação sobre o real, ao qual não se tem um acesso nem direto e nem completo. Nesse processo de construção do conhecimento, em que esses espaços são abertos, torna-se necessário prosseguir fazendo uso da crítica imanente. Isso porque para a Teoria Crítica, a experiência e a observação empírica não são auto-evidentes. Desse modo, para além da construção e da interpretação sobre determinado fenômeno ou espaço social, faz-se necessário submeter essas interpretações ao crivo da reflexão crítica.

Para Adorno (2002, p. 99), a crítica imanente possibilita fazer com que “[...] a coisa fechada sobre si própria se ilumine através do olhar voltado para a sociedade, de apresentar à sociedade a conta que a coisa não é capaz de pagar”. Rouanet (2001, p.104) complementa argumentando que para tal crítica, “[...] o particular, longe de ser dado como irrelevante, é a via através da qual a crítica, verrumando por dentro do seu objeto, consegue ascender ao todo”. Tal legitimação do singular como instância de produção de conhecimento é partilhada por Rey (2005, p. 113): “O sujeito é uma unidade essencial para os processos de construção na pesquisa qualitativa, pois a singularidade é a única via que estimula os processos de construção teórica portadores de um valor de generalização perante o estudo da subjetividade.”

Nessa perspectiva, a definição do número de participantes não corresponde ao modelo tradicional positivista de seleção amostral. Sendo assim, não há uma preocupação com a generalização e com o ideal verificacionista tão comum aos estudos de ordem quantitativa. Tendo em vista estas colocações, pretende-se realizar com os dados um constante exercício dialético, que como expõe Minayo (2008, p. 347, grifo nosso)

[...] considera como fundamento da comunicação as relações sociais historicamente dinâmicas, antagônicas e contraditórias entre classes, grupos e culturas. Ou seja, entende a linguagem como um veículo de comunicação e de dificuldade de comunicação, pois os seus significantes, com significados aparentemente iguais para todos, escondem e expressam a realidade conflitiva das desigualdades, da dominação, da exploração e também da resistência e da conformidade. [...] **Sendo assim, a orientação dialética de qualquer análise**

**diz que é fundamental realizar a crítica das idéias exposta nos produtos sociais (textos, monumentos, instituições) buscando, na sua especificidade histórica, a cumplicidade com o seu tempo; e nas diferenciações internas, sua contribuição à vida, ao conhecimento e às transformações.**

A partir desse exercício dialético, propõe-se então expor as contradições que são aceitas dentro da cultura dominante como naturais e invioláveis. Como explicitam Kincheloe e McLaren (1994, p. 140, tradução livre), os teóricos críticos “devem estar conectados por uma tentativa de confrontar a injustiça de uma sociedade específica ou esfera dentro dessa.”, que, nesse caso específico, refere-se aos idosos, sujeitos desta pesquisa.

## **5.2 A operacionalização da pesquisa: o *como* foi feito**

Tendo em vista o objetivo da pesquisa que tem como foco central o idoso institucionalizado, o primeiro passo foi a seleção de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, a qual seria então elencada como objeto para um estudo de caso. De acordo com Yin (2001), tal metodologia é adequada quando se pretende investigar uma realidade social complexa que escapa às lentes da pesquisa de caráter quantitativo. Segundo Roesch (1999), o estudo de caso propicia um aprofundamento a respeito de um fenômeno de acordo com o contexto no qual ele se insere, podendo analisá-lo em suas diferentes faces. A vantagem da metodologia, segundo a autora, reside na possibilidade de fazer tanto uma análise mais ampla, quanto enfatizar determinadas áreas e aspectos situacionais que sejam relevantes para o alcance dos objetivos da pesquisa.

A instituição selecionada foi o Lar dos Idosos, situada na cidade de Divinópolis, Minas Gerais. A escolha da instituição foi de caráter intencional, primeiro pelo fato de ser amplamente conhecida na cidade e, posteriormente, pela acessibilidade. A abertura da instituição à pesquisa se mostrou um fator fundamental, tendo em vista o interesse da pesquisadora em frequentá-la por um longo período de tempo, participando de seu cotidiano e interagindo com seus residentes. Ao entrar em contato com o Lar dos Idosos, foi marcada uma reunião com o presidente, na qual foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e o tempo de permanência na instituição. Ele prontamente

autorizou a realização do estudo, alegando que o Lar está aberto à sociedade e que tem muito prazer em receber este tipo de visita.

Após a autorização institucional, iniciou-se a aplicação das técnicas de coletas de dados. As técnicas selecionadas visaram fornecer ao pesquisador uma imersão na realidade da instituição e, ao mesmo tempo, uma aproximação dos sujeitos e de suas subjetividades. Tais técnicas podem ser divididas em três momentos de pesquisa: a inserção do pesquisador no cotidiano da organização; as entrevistas com os profissionais e a reunião de dados secundários; e o recolhimento das trajetórias de vida associado à realização de oficinas. É indispensável ressaltar que esses três momentos ocorreram simultaneamente e foram aqui separados apenas para facilitar o entendimento acerca do percurso da investigação. Cada momento será então melhor detalhado a seguir.

### 5.2.1 Momento 1: Vivendo a Instituição

O primeiro momento de pesquisa foi a inserção do pesquisador na instituição. A técnica escolhida, neste caso, foi a observação participante, em que o pesquisador passa a fazer parte do cenário de pesquisa, não somente como observador, mas como um agente que desempenha um determinado papel. Na condição de voluntária, a pesquisadora atuou como colaboradora do setor de assistência social, contribuindo em diversas atividades promovidas não só por este setor, mas pela instituição como um todo. Tal técnica pertence originalmente à Antropologia, cujos estudos estavam inicialmente ligados ao interesse em conhecer grupos sociais considerados *exóticos* quando levado em consideração o ambiente cultural do observador/pesquisador. Por volta do século XX, com os Estudos de Sociologia Urbana da Escola de Chicago esse cenário se modificou. O *exótico*, nestes estudos, não mais se referia a populações indígenas ou aborígenes, mas a grupos considerados minorias marginalizadas dentro do próprio espaço urbano. Ainda assim, a essência da técnica de compreender as diferenças culturais se manteve. (BRANDÃO, 1981).

Durhan (1986) chama atenção para a necessidade de que o pesquisador se mantenha atento aos comportamentos manifestos quando está realizando uma observação em ambientes urbanos. Isso porque em função da ausência de entraves linguísticos a análise dos depoimentos tende a ser privilegiada em detrimento da observação dos elementos não verbais, como gestos, olhares e movimentos. Tais tipos de evidências se revelam uma fonte rica de informações, principalmente no âmbito simbólico. No caso desse estudo especificamente, a utilização de um referencial psicanalítico exigiu que a coleta e análise dos dados abarcassem esses elementos não verbais, pois eles têm muito a dizer sobre os desejos e negações dos sujeitos, sejam eles conscientes ou não.

O tempo de aplicação da técnica foi de seis meses – de abril a setembro de 2011 – com a realização de visitas por no mínimo, três vezes por semana. Por meio dessa técnica foi possível acessar o nível cotidiano, desenvolver laços e compreender as dinâmicas que caracterizam a instituição e os sujeitos. Nesta etapa, optou-se pela utilização de um diário de campo. Segundo Zaccarelli e Godoy (2010), esse pode ser utilizado tanto como uma fonte de dados – ao ser preenchido pelos sujeitos de pesquisa – quanto como um método de apoio de autoria do pesquisador. Tendo em vista as características do estudo a que se propõe realizar, em que muito além da fala devem-se analisar aspectos como gestos, olhares e reações dos sujeitos, optou-se aqui pela construção de um diário de campo nesta segunda perspectiva. Tal diário teve como objetivo registrar, após cada encontro com os participantes, as impressões e “sentimentos do pesquisador” (CAVEDON, 2003, p. 148), de forma a contribuir para a construção da análise dos dados.

### 5.2.2 Momento 2: Olhando para a Instituição

O segundo momento, por sua vez, consistiu na orientação do olhar para a instituição. Inicialmente foi realizada uma pesquisa documental em que uma série de dados secundários foram levantados. Dentre os documentos coletados estão: ata de constituição, regimento interno, organograma, avisos, circulares internas, prontuários dos residentes, reportagens de jornais e material publicado

no *site* da instituição. Esse material foi utilizado tanto para conhecer um pouco mais sobre a instituição nos momentos iniciais da pesquisa, quanto para complementar as análises realizadas posteriormente.

Ainda no segundo momento, foram realizadas sete entrevistas com profissionais de diferentes cargos e níveis hierárquicos. Como explicitado por Rubin e Rubin (1995), a identificação de pessoas-chave é algo fundamental quando se deseja obter um panorama mais completo sobre determinado contexto ou organização a partir das diferentes perspectivas. Além disso, atenção deve ser despendida para questões como o fato de o entrevistado estar disposto a contribuir com a pesquisa e conhecer sobre o que esta pretende explorar. De acordo com tais ponderações, as seguintes pessoas foram entrevistadas: presidente; supervisora; assistente social; psicóloga; enfermeira; chefe de serviços gerais e faxineira. Ao longo da análise, os entrevistados não serão identificados pelo nome e nem pela função. Optou-se pela denominação aleatória: Profissional 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

Na entrevista com os profissionais foi utilizado um roteiro semi-estruturado, o qual se caracteriza pela abordagem de temas pré-estabelecidos pelo pesquisador, mas com a abertura de espaços para que o entrevistado explore assuntos ou questões que desejar. (BRYMAN, 1992). O roteiro foi montado de acordo com os objetivos da pesquisa e foi um resultado direto da investigação teórica inicialmente realizada, assim como sugere Goldenberg (2000). Todas as entrevistas foram registradas por um gravador e transcritas posteriormente para análise. Para além das entrevistas e da pesquisa documental, no segundo momento a pesquisadora participou de dez entrevistas de solicitação de vagas na instituição e de uma visita domiciliar. Estas duas atividades fazem parte do processo de admissão dos idosos e serão detalhadas em seguida, quando da caracterização da instituição.

### 5.2.3 Momento 3: Olhando para os Sujeitos

Enquanto o segundo momento teve como foco a instituição, o terceiro, por conseguinte, consistiu na aproximação dos sujeitos e subjetividades. Nesse contexto, o primeiro passo foi o

recolhimento da trajetória de vida de cinco sujeitos: Dona Vera, Sr. Lucas, Dona Lola, Sr. Lázaro e Sr. Sebastião. A trajetória de vida é uma vertente do método da história oral e tem como objetivo abordar partes da história de sujeitos, como explicitam Gonçalves e Lisboa (2007, p. 88)

Trajetórias de vida, portanto, **podem ser consideradas como partes de uma história de vida**, um determinado percurso, itinerário ou ciclo que vai ao encontro do interesse do profissional ou pesquisador. Nos processos investigativos, este percurso, geralmente, vem ao encontro da questão de pesquisa colocada, ou seja, da delimitação do problema.

Segundo Neves (2000), ao narrar uma história o sujeito resgata lembranças e as reformula, construindo um dinâmico elo entre o passado o presente. Halbwachs (1990) complementa, argumentando que esse elo é circunscrito ao social, ou seja, a memória é constituída na dialética entre sujeito e social. No caso do velho, a narração da história ou de partes dela, ainda que com momentos de dor e angústia, pode transformar-se em um sentimento de manter-se vivo. Bosi (1994) ressalta a função social da memória dos idosos de permitir à sociedade o acesso à riqueza e diversidade que lhes é própria. Ao comentar sobre a importância da conversa com o velho, a autora argumenta “Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual” (BOSI, 1994, p. 82-83). No ato de evocar lembranças, o velho remonta a história dando-lhe certamente mais detalhes e vivacidade do que a história oficial escrita, pois tais lembranças remetem, antes de tudo, a experiências de vida.

Tendo em vista a base teórica do estudo, a pesquisadora teve muita preocupação de que as trajetórias de vida recolhidas ultrapassassem o mero relato de acontecimentos e se tornassem espaços de expressão autêntica de sentimentos e desejos. Esse processo se deu a partir da criação de laços de confiança entre pesquisadora e sujeitos, laços esses que permitiriam uma comunicação mais fluida e ‘livre’. Nesse sentido, a construção dessas trajetórias se deu ao longo do tempo, sendo por vezes interrompida e retomada posteriormente. Para o recolhimento das trajetórias foram elencados seis temas, pelos quais os sujeitos versaram de forma não linear: infância, família, trabalho, inserção na instituição, velhice e morte. Ainda que com os temas em mente, em raríssimas vezes foi preciso a interferência da pesquisadora para abordá-los, pois eles acabaram por aparecer livremente no relato desses sujeitos ao contarem suas histórias.

A seleção dos sujeitos de pesquisa, assim como da instituição, foi de caráter intencional. A partir da vivência cotidiana, a pesquisadora começou a conhecer melhor os idosos e suas histórias e, a partir de então, passou a vislumbrar possíveis sujeitos de pesquisa. Estes chamaram a atenção por características diversas como, por exemplo, o tempo de moradia no Lar e a adoção de um determinado estilo de vida. A formação final do grupo dos sujeitos de pesquisa se deu então por um segundo critério, considerado o mais relevante dentro da proposta de recolhimento das trajetórias de vida em questão: a empatia e o desenvolvimento dos laços de confiança mútua. Em função dos assuntos a serem tratados, bem como da profundidade que se buscou alcançar com a pesquisa, este critério foi considerado fundamental. O quadro abaixo esclarece o perfil dos sujeitos de pesquisa:

#### Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

Nome	Idade	Tempo na instituição	Razões para escolha
Dona Vera	76 anos	Aprox. 2 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vida ativa;</li> <li>• Mudou-se para o Lar por vontade própria.</li> </ul>
Sr. Lucas	66 anos	Aprox. 1 ano	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo de instituição;</li> <li>• Idade.</li> </ul>
Dona Lola	68 anos	Aprox. 6 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Personalidade;</li> <li>• Forma de inserção na instituição.</li> </ul>
Sr. Lázaro	74 anos	Aprox. 5 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Personalidade;</li> <li>• Vida ativa;</li> <li>• Mudou-se para o Lar por vontade própria.</li> </ul>
Sr. Sebastião	90 anos	Aprox. 10 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo de instituição;</li> <li>• Personalidade.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Marre (1991), as histórias de vida de determinado grupo podem ser consideradas totalidades sintéticas, ou seja, cada qual contribui para a construção de um todo. Nesse sentido, as pessoas não são percebidas como seres atomizados e sim como sujeitos que se constituem nas

suas relações, ou seja, aqueles significados identificados não devem ser considerados uma criação única, exclusiva e independente dos demais sujeitos que partilham a construção desse meio social. Além dessas características, o autor explicita outra questão relevante sobre o método, a saber, o reconhecimento de que as histórias resultarão em uma leitura descontínua, isso porque os indivíduos tendem a não relatar os fatos em ordem cronológica. Nesse ponto, cabe ao pesquisador esse processo de reconstrução e alinhamento das narrativas.

Oficinas de artes também fizeram parte desse terceiro momento da pesquisa. Estas foram elaboradas com o objetivo de se constituírem espaços para a expressão da subjetividade, para além da fala. González Rey (2003; 2005), ao ressaltar a importância da subjetividade, advoga a necessidade da utilização de métodos alternativos para a aproximação dessa dimensão tão complexa. Dentre os métodos sugeridos pelo autor se destacam a realização de conversas em grupo; a utilização de pranchas e desenhos, fotografias e situações-problema, e o método de complementação de frases. No entanto, o fator mais importante para o sucesso deste tipo de pesquisa, segundo o autor, é o estabelecimento de uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado, por meio da qual seja possível tratar de diversos assuntos da forma mais autêntica possível. Ao todo foram realizadas cinco oficinas, as quais serão melhor detalhadas posteriormente, na análise dos dados.

### 5.3 A análise dos dados

A partir desses três momentos da pesquisa, empreendeu-se a análise dos dados a partir de uma visão compreensiva hermenêutica, em que o sujeito é concebido e analisado sempre tendo em vista o contexto sócio-histórico do qual faz parte, constituindo-o e sendo influenciado por ele na sua própria constituição. Como expõe Dias (1994, p. 5)

A hermenêutica sugere interpretações provisórias, porém críticas, **de modo a descortinar sentidos implícitos, à margem do normativo e do institucional**, que podem ser vislumbrados por entre as linhas, ou nos intervalos intertextuais, de certa forma sempre subversivos da ordem, do permanente, cuja existência negam.

Sob esse olhar compreensivo hermenêutico é que se propôs a utilização da análise de conteúdo. Como expõe Bardin (1977, p. 41), a Análise de Conteúdo tem uma função heurística de enriquecer a tentativa exploratória e aumentar a propensão à descoberta. Nesse sentido, sua utilização pode ultrapassar a mera evidência do que se encontra explícito na fala:

A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), **outros “significados” de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc.** (grifos nossos).

Sob essa perspectiva, é a associação dos métodos de coleta de dados que permitem essa expansão da capacidade de compreender e refletir sobre os fenômenos que emergem no campo. Nesse sentido, a análise empreendida nesse estudo só se fez possível a partir da articulação entre os dados obtidos por meio da observação e da construção diária do caderno de campo, da exploração do conteúdo dos documentos, das entrevistas realizadas, do recolhimento das trajetórias de vida e dos desdobramentos das oficinas de artes. Nenhuma fonte de dados foi analisada separadamente.

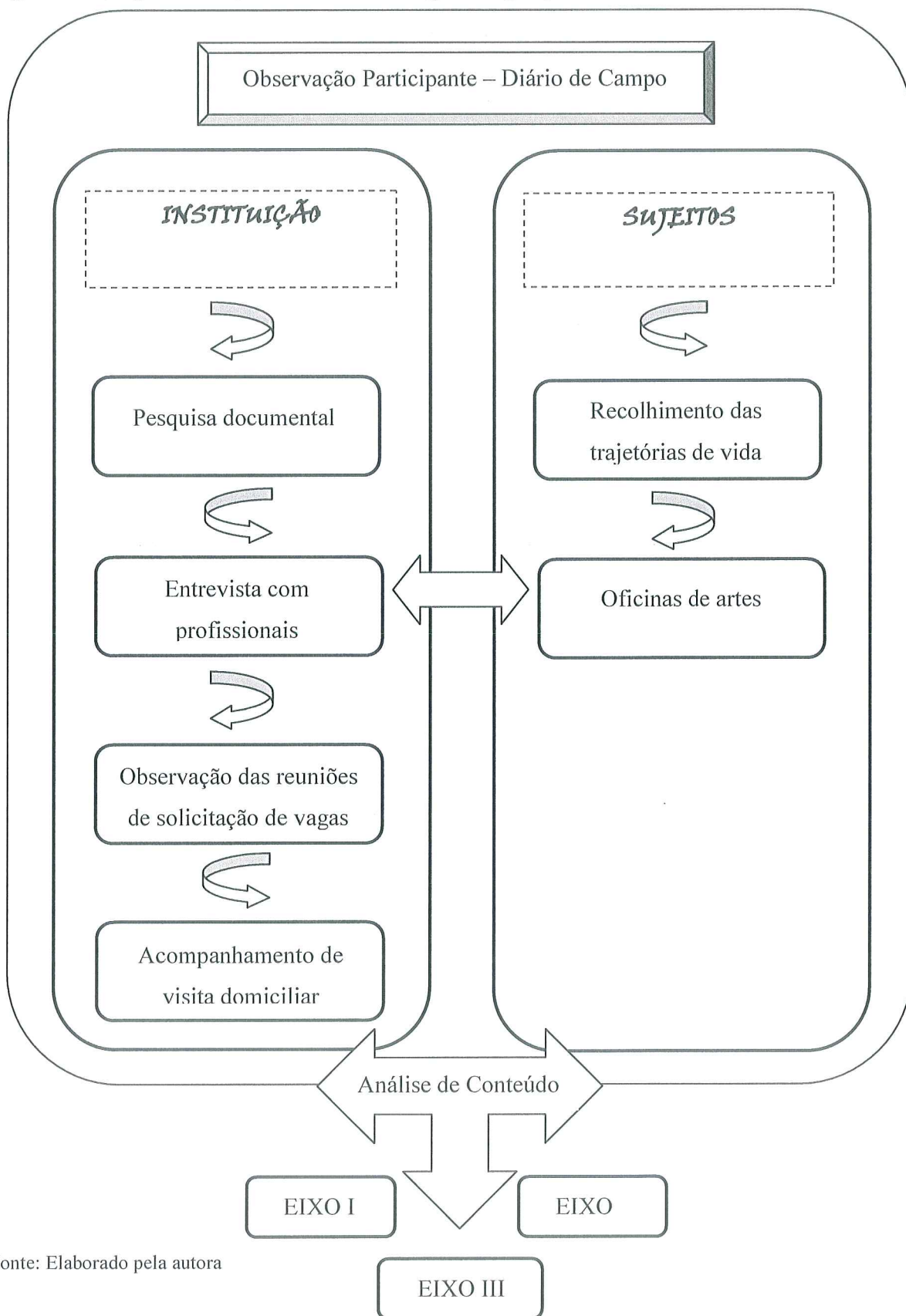
Diante do grande volume de material obtido por meio da aplicação dessas técnicas, recorreu-se a uma das principais ferramentas da Análise de Conteúdo: a categorização (BARDIN, 1977). Após sucessivas leituras, as categorias foram surgindo a partir de conversações entre os elementos do campo e a base teórica utilizada. Com as categorias em mãos, foi possível organizar os dados, sempre os submetendo ao olhar crítico-reflexivo, almejando tecer considerações acerca do todo a partir da imersão no particular, como discutido na exposição a respeito da crítica imanente no início deste capítulo. Para isso, foi necessário recorrer às discussões teóricas inicialmente realizadas, de forma a problematizar a construção desses sentidos em face às características que marcam a sociedade capitalista contemporânea.

A fim de clarificar a análise e as considerações acerca do estudo, ao longo do texto foram explicitados trechos das entrevistas, bem como são relatados momentos ou experiências presenciadas pela pesquisadora. O recurso **negrito** é utilizado para destacar alguns termos ou expressões chaves que se relacionam à argumentação empreendida, com o objetivo de orientar o leitor sobre qual parte exata está-se falando. Além disso, como explicitado anteriormente, optou-

se pela não identificação do autor dos trechos pelo nome, de modo que estes estão identificados como profissionais de 1 a 8 e os nomes atribuídos aos idosos são fictícios.

Para fins de apresentação da análise, foram criados três eixos: o primeiro que aborda a instituição, o segundo que se dedica aos sujeitos e o terceiro que traz uma reflexão geral, confrontando as análises dos eixos anteriores. Mais uma vez faz-se necessário destacar que tal divisão foi realizada apenas para facilitar a compreensão e organizar a análise, pois as duas instâncias, instituição e sujeito, constantemente se cruzam no processo de construção da realidade pesquisada. A figura abaixo permite a visualização do percurso empreendido para a realização da pesquisa.

Figura 6 – Esquema do percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

#### 5.4 Sobre a realização da pesquisa: desafios do campo

Desde a opção por realizar a pesquisa em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos algumas questões nos foram colocadas: “A pesquisa vai ser em um asilo?”, “Que coisa triste!”, “Você já sabe o que vai encontrar”. Apesar disso, prosseguimos com o projeto de buscar compreender melhor essa realidade, principalmente sob o ponto de vista dos sujeitos que a vivenciam. Após algumas leituras sobre o tema nos questionamos se essas opiniões não seriam justamente reflexos de uma cultura em que prevalece o temor em relação à velhice e à morte. Pensar sobre essas questões remete à própria condição humana, na qual esses fenômenos são inevitáveis.

De fato, grande dificuldade foi percebida pela pesquisadora no sentido de lidar com seus próprios pré-conceitos em relação aos sujeitos de pesquisa. Um exemplo desse processo foi a idéia inicial de que os idosos estariam sempre disponíveis para contar suas histórias. Ao se inserir na instituição, a pesquisadora se deparou com uma realidade diferente, em que foi preciso desenvolver um longo trabalho com os sujeitos para que o recolhimento das trajetórias pudesse ser realizado. Nesse contexto, ainda que consciente da necessidade de afastar as pré-noções a fim de conhecer a realidade pesquisada profundamente, foi indispensável à pesquisadora o exercício contínuo de repensar sua própria subjetividade, o que significou uma experiência de grande crescimento.

Quanto ao recolhimento das trajetórias de vida, um percalço se apresentou ao longo da pesquisa. O projeto inicial seria a abordagem de seis sujeitos, três mulheres e três homens, cujos critérios para escolha foram apresentados anteriormente. O primeiro passo para a realização dessa etapa da pesquisa foi o estabelecimento de laços de confiança entre sujeito e pesquisador, os quais foram sendo construídos a cada dia de convivência. Em função desse período inicial de preparação, as histórias passaram a ser recolhidas somente a partir do segundo mês de observação participante. Entretanto, ao longo dos encontros, uma das histórias que iriam integrar o estudo não pôde ser concluída, pois a idosa em questão realizou muitas viagens, gerando desencontros com a

pesquisadora. Diante da incompletude do processo de recolhimento, optamos por não inseri-la no trabalho.

Outra dificuldade vivenciada pela pesquisadora se deu na operacionalização das oficinas de artes. Logo na primeira experiência, ficou evidente a necessidade de colaboração para a realização da atividade, uma vez que muito tempo era gasto para a locomoção dos idosos até o local da oficina. Além disso, fazia-se necessário que alguém se dedicasse à organização dos idosos enquanto os demais eram levados para o local, pois aqueles que chegavam primeiro logo se entediavam de esperar pelos outros. Em apenas duas dinâmicas a pesquisadora contou com a ajuda de uma estagiária da instituição, o que amenizou, mas ainda assim não resolveu completamente o problema do tempo gasto para a reunião dos idosos. Nas demais oficinas, a pesquisadora teve que realizar as tarefas sem colaboração. Tal dificuldade em certa medida comprometeu uma participação mais ampla dos idosos, assim como tornou inviável a promoção de um número maior de oficinas.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

### 6.1 Eixo I – A Instituição

Este primeiro eixo de análise dedica-se à construção de um panorama da organização estudada: o Lar dos Idosos, parte das Obras Assistenciais Nossa Senhora Aparecida. Para tanto, primeiramente propomos um passeio pelo Lar por meio das lentes da pesquisadora, a fim de que o leitor possa conhecer melhor – a partir de imagens e sensações – a realidade do Lar. Posteriormente explicitamos a caracterização da organização, onde são apresentadas questões como regras de funcionamento e quadro de funcionários. Por fim, partindo das entrevistas realizadas com os profissionais, analisamos as construções e significados que estes atribuem à própria instituição e ao trabalho que desempenham.

#### 6.1.1 Um passeio pelo Lar: imagens e sensações

Do início da rua já se pode avistar uma grande construção antiga, que ocupa a maior parte do quarteirão que antecede uma importante e bem conservada praça da cidade. Sua lateral, situada nessa avenida principal que conduz à pracinha, nada tem a dizer sobre as vidas que ali se desenrolam, separadas do restante por muros pintados em uma cor bege insossa. Um mundo a parte, que segue na batida de um ritmo temporal peculiar. A portaria central, localizada em uma pequena rua que intercepta a avenida principal, é revestida por tijolinhos que nos fazem lembrar as tradicionais escolas de bairro, imagem essa reforçada pelo toque do sino que anuncia o horário das refeições. As sacadas dos quartos, lugar do qual se pode apreciar o movimento da rua, serve para alguns como um espaço para guardar aquilo que não se usa mais, já para outros, são utilizadas para secar peças de roupa recém lavadas. No muro abaixo das sacadas dos quartos podemos ler a placa: “Obras Assistenciais Nossa Senhora Aparecida – Lar dos Idosos”.

Logo ao lado do portão de grades cinza está o interfone: é preciso anunciar a chegada. Ao passar pelo portão, nos deparamos com uma ante sala onde se encontra uma recepcionista. A ela deve-se reportar o objetivo da visita: É familiar de algum idoso residente? Deseja fazer uma doação? Está à procura de algum funcionário? Deseja solicitar vaga para um idoso? Sofás espalhados no contorno das paredes oferecem conforto para aqueles que ali devem aguardar o atendimento. Em frente, uma pequena caixa transparente serve como mostruário de peças artesanais: são chaveiros, enfeites produzidos pelos próprios idosos em uma oficina promovida por uma empresa da cidade. “Estão à venda”, avisa a recepcionista.

Ao cruzar a porta que separa a antessala, chegamos a um corredor com pouca luz. À esquerda, estão o setor financeiro e a diretoria e, à direita, alguns passos à frente, está a biblioteca. Ali nos deparamos com uma estante com diversos livros e um ambiente que reproduz uma sala de estar: sofás e mesa de centro. Sempre vazio, é um ambiente sem vida. As histórias dos livros se mantêm fechadas em si mesmas: não há imaginação pelas qual elas possam ser reconstruídas e revividas. Prosseguindo no corredor da biblioteca, podemos ver os quartos masculinos, distribuídos um ao lado do outro. Com as portas fechadas, a sensação é de que tudo está vazio, não se ouve barulho, não se vê movimento. Alguns estão ali dentro fechados, outros circulando...

Retornando ao vão da biblioteca, uma rampa dá acesso ao segundo andar, onde se encontram os quartos femininos. Enquanto subimos observamos na parede imagens de santos, lembranças da própria origem religiosa da instituição. Ao final da rampa, chegamos a um corredor um pouco mais iluminado do que se vê no andar de baixo. Ali a vida é mais evidente: sofás e cadeiras pelo corredor propiciam momentos de interação. Os quartos, aqui em sua maioria de portas abertas, constroem um ambiente mais receptivo. Em uma caminhada rápida pelo corredor é possível ver bonecas, plantas e peças de crochês, quartos arrumados e fotos de entes queridos.

Do corredor dos quartos femininos, outra rampa dá acesso ao terceiro piso, onde estão localizadas as salas dos profissionais da enfermagem, psicologia e assistência social. No início da rampa, uma pequena porta à esquerda revela um espaço livre, onde alguns fumam silenciosos seus cigarros, enquanto outros aproveitam para um banho de sol ou outra atividade qualquer. Uma pequena gruta de pedras abriga belas imagens sacras, espaço cuidado por alguns idosos que

moram na instituição. Deste espaço, uma pequena rampa dá acesso ao refeitório, lugar em que os idosos independentes se reúnem para o “sagrado momento da refeição”<sup>9</sup>. Em mesas de plástico forradas com toalhas estampadas de xadrez, cada qual serve o seu próprio alimento e se acomoda no seu lugar. Muitos preferem comer sozinhos, cada um em uma mesa, e mais uma vez é o silêncio que prepondera.

Um pouco à frente do refeitório, já no terceiro andar, encontramos a capela, onde diariamente às 6:00hs da manhã é celebrada a “santa missa”<sup>10</sup>. A reverência dos residentes ao cruzar a porta da capela revela a fé professada pela maior parte dos idosos, os quais fazem questão de participar das celebrações. Ao fim da celebração, o padre ou ministro sobe e desce em direção aos quartos, levando a eucaristia para aqueles que não conseguem se deslocar até lá. Do lado oposto da capela, de longe podemos sentir um forte cheiro de plástico e cola. Lá está a sala reservada à confecção de fraldas descartáveis, utilizada em grande quantidade na instituição. A máquina funciona a todo o vapor sob o comando de um voluntário: “há sempre muito trabalho a fazer”.

Atrás das salas dos profissionais, neste mesmo terceiro andar, existe uma área verde onde está um quiosque e uma mesa de sinuca. Ali também alguns idosos aproveitam o sol sentados em bancos de cimento, enquanto outros observam o movimento dos corredores. Ao final dessa área verde, atrás do quiosque, uma grande quantidade de varais e roupas estendidas dão as boas vindas à lavanderia. Equipada com grandes máquinas lavadoras industriais (bem antigas), três funcionárias tentam dar conta de todo o serviço, são roupas, lençóis, toalhas, etc. Um quatinho chama a atenção pela quantidade de roupas empilhadas: “É o nosso guarda-roupas”<sup>11</sup>. Em estantes de ferro organizadas paralelamente, cada pilha de roupa tem em sua base o nome de um idoso. A visão impressiona, e o sentimento aqui é de preservação da individualidade.

Do lado oposto à área verde, está uma porta que dá acesso a um amplo salão coberto. Ao lado do salão ainda se pode ver uma grande área descoberta, com estruturas de aço em formato de barracas de feira: “é o salão do forró”. Com o chão de ardósia e um pequeno palco com caixas de

---

<sup>9</sup> Palavras de um idoso que se dirigia ao refeitório para o almoço.

<sup>10</sup> Termo utilizado pelos idosos e pelo Padre ao se referirem à celebração religiosa.

<sup>11</sup> Palavras de uma idosa que me acompanhou na visita à lavanderia.

som, é onde centenas de pessoas se reúnem duas vezes por semana. No dia que tem forró, as barracas ganham cobertas e se preparam para receber os visitantes com bebidas e comidas. “O forró do Lar é muito famoso”<sup>12</sup>. Um lugar bem agradável, sobre o qual os idosos se referem com um tom de carinho, embora poucos participem efetivamente da festa. Para os dirigentes, também representa uma importante fonte de renda, que possibilita a existência do Lar.

Ao final de mais uma rampa, chegamos até as enfermarias, feminina e masculina. Nestas encontramos uma realidade diferente da vista nos quartos: são idosos acamados, alguns lúcidos, outros não. O primeiro acesso é para a ala masculina. Já na porta nos deparamos com uma grande sala de convivência entre os idosos, um espaço com várias cadeiras, poltronas e uma pequena televisão. Ali os velhos são reunidos pelos funcionários e passam a maior parte do dia. De vez em quando é possível ouvir alguma voz, mas é o silêncio que prepondera. Sob um olhar mais atento, vemos alguns deles dormindo e outros apenas esperando o tempo passar. O barulho vem da televisão ou de um rádio qualquer. O que se pode mais facilmente ouvir são os funcionários que estão por lá 24 horas por dia, seja para o banho, distribuição de medicamentos, limpeza dos ambientes e organização. Mais adiante, ainda dentro da enfermaria masculina, vemos quatro grandes quartos, como as enfermarias de hospitais, cada qual com três ou quatro camas. Alguns idosos tiram um cochilo, outros permanecem imóveis, como se somente o corpo estivesse ali presente.

Imagem semelhante encontramos na enfermaria feminina. Essa se localiza em um corredor mais claro, com uma quantidade maior de quartos. Esse espaço, que até pouco tempo atrás era a enfermaria masculina, foi destinada às idosas em função dessas estarem atualmente em maior quantidade que os homens na condição de dependentes. Andando pelo corredor, são várias as imagens e sensações: vemos idosas dormindo, outras com um olhar perdido... A imagem de uma técnica de enfermagem trocando a fralda de uma idosa desperta a lembrança de um adulto que cuida de uma criança: deitada ali, imóvel, está à espera e à mercê da vontade do outro. Tal imagem fica ainda mais forte quando, em alguns quartos, camas com protetores laterais relembram berços para recém-nascidos, “é o ciclo de vida”, comenta uma estagiária durante a visita diária à enfermaria. Um pouco mais à frente, um barulho atormentador pode ser ouvido

---

<sup>12</sup> Fala do profissional entrevistado 3.

diariamente, são os gritos e gemidos de uma idosa que vive ali na enfermaria. Como alguém que sente muita dor, de longe se pode ouvir a sua voz. “Ela não sente dor”, dizem os funcionários, “ela fica assim mesmo”. A sensação ao ouvir esses gritos é de muita angústia.

Uma porta à esquerda nos conduz a uma ampla sala de fisioterapia. Lá estão aparelhos para a prática de exercícios, como uma velha bicicleta ergométrica, colchonetes e bastões. Um aparelho que emite uma luz vermelha é utilizado para aliviar dores dos idosos, mas tudo parece muito precário, ultrapassado. Ali a equipe de fisioterapia faz os exercícios matinais com os idosos que precisam de atendimento, três vezes por semana. Ao fundo do salão de fisioterapia está uma pequena sala repleta de armários de madeira ao redor, nos quais são guardados materiais de artesanato, como os retalhos de tecido. Em uma longa mesa posicionada no centro da sala, algumas atividades são realizadas, sendo a principal o bingo que acontece todas as sextas-feiras.

Ao final do corredor chegamos a um espaço limpo e bem decorado: é o Hotel dos Avós, uma extensão recente do Lar. Separado da enfermaria feminina por uma porta de vidro, o hotel tem acesso direto à rua. Uma atendente especialmente dedicada a receber os hóspedes e dar informações fica sentada atrás de um balcão revestido em tons de verde: as cores escolhidas transparecem serenidade. Nesse corredor estão quatro quartos novos, todos com cama, geladeira e armários, tudo novo. Pela recentidade da obra, o cheiro de tinta ainda se faz presente, mas, além disso, o que paira no ar é a incerteza sobre o futuro desse novo projeto.

Ao lado da entrada do hotel, um pouco mais à frente estão duas salas de tamanho médio, as salas 1 e 2, uma ao lado da outra. Sem passagem direta para o interior da casa, esses dois espaços foram construídos para acolherem os velórios dos próprios idosos do Lar como também para ser alugados por outras pessoas. É a “sala da despedida”, afirma um idoso, cuja abertura sempre simboliza o adeus ao ente querido.

O passeio pelo Lar impressiona pelas dimensões da construção, condizente com a estrutura de um hospital – como de fato o foi no passado – a sensação é de que fisicamente poderiam ali residir um número muito maior de idosos. Os rostos dos residentes escondem histórias inimagináveis: são pessoas que trilharam caminhos diferentes até chegar ali. São histórias que intrigam e

comovem. São histórias de sujeitos e subjetividades que se interceptam em um determinado lapso temporal e espacial: **a velhice no Lar dos Idosos**.

### 6.1.2 Lar dos Idosos: caracterizando a organização

O Lar dos Idosos é uma sociedade civil sem fins lucrativos, criada em 1969 pelo então Bispo Dom Cristiano, com o objetivo de prestar “assistência, orientação, educação e promoção dos necessitados” (ATA DE CONSTITUIÇÃO, 1969, p. 1). Constitui-se uma vertente das Obras Assistenciais Nossa Senhora Aparecida. Como o próprio nome explicita, a instituição é de origem religiosa e se vincula jurídica e canonicamente à Mitra Diocesana de Divinópolis. Localizado na cidade de Divinópolis, em Minas Gerais (distante 120 km de Belo Horizonte), o Lar dos Idosos atende a sujeitos com idade superior a 60 anos de idade, os quais possuem laços familiares fragilizados ou até mesmo inexistentes. Um dado contextual relevante é que existem na cidade três instituições de longa permanência para idosos de caráter assistencial, incluindo o Lar dos Idosos, três organizações particulares, mas nenhuma instituição integralmente pública.

Residem no Lar 51 idosos<sup>13</sup>, 31 mulheres e 20 homens. Estes estão divididos entre os quartos e as enfermarias: duas realidades bastante diferentes. Nos quartos se encontram os idosos considerados independentes, ou seja, aqueles que conseguem se locomover sozinhos e não precisam de ajuda para realizar suas atividades básicas, como o banho e a alimentação. Exceções existem em relação àqueles idosos que precisam de apoio na realização de suas atividades, mas vivem nos quartos acompanhados de um profissional contratado particularmente. No período da pesquisa, cerca de 3 idosos viveram nos quartos, sendo assistidos por cuidadores. Já os idosos considerados semi-dependentes, ou totalmente dependentes, vivem nas enfermarias onde recebem atenção integral, 24 horas por dia. Das 31 idosas que vivem no Lar, 13 moram nos quartos e 18 na enfermaria; já os homens, 7 vivem nos quartos e 13 na enfermaria.

---

<sup>13</sup> Este número foi registrado em março de 2011. Ao longo da pesquisa esse número foi se modificando, seja pelo falecimento de alguns sujeitos, seja pela admissão de novos residentes.

Atualmente, o Lar possui 41 funcionários, que se dividem entre variadas funções com o objetivo de atender as necessidades da instituição. O Quadro 1 demonstra os profissionais existentes e suas respectivas quantidades:

Quadro 2 – Quantidade de funcionários por cargo/função no Lar dos Idosos

<b>Cargo/Função</b>	<b>Quantidade</b>
Psicólogo	1
Assistente Social	1
Fisioterapeutas	3
Encarregado do Forró	1
Serviços Gerais	9
Advogado	1
Administrativo – financeiro	3
Motorista efetivo	1
Motorista voluntário	1
Técnicos de enfermagem	9
Enfermeiro padrão	1
Nutricionista	1
Acessor de comunicação	1
Duchista	1
Lavadeiras/Passadeiras	4
Recepcionistas	3

Fonte: Elaborado pela autora

Para além destes funcionários explicitados no Quadro I, o Lar dos Idosos possui ainda uma estrutura de direção, composta pelo Bispo, um provedor (presidente) indicado por ele e um conselho formado por pessoas pertencentes a outras entidades religiosas. Entretanto, as decisões cotidianas são todas de responsabilidade do provedor. A Presidência atual é composta pelo Padre Reni, que assumiu seu primeiro mandato em 2010. Segundo funcionários entrevistados, a inserção do padre na direção da instituição representou mudanças importantes, dentre as quais

uma maior profissionalização da instituição e, conseqüentemente, uma melhora nos serviços prestados aos idosos.

A fim de compreender melhor a forma pela qual a instituição se organiza, o organograma pode ser observado no Anexo A. As atividades desempenhadas no Lar são regidas por um estatuto (última versão de 2008), o qual estabelece a finalidade e os objetivos da instituição. Além disso, o estatuto contém as atribuições de cada setor, listadas em tópicos, a fim de orientar os profissionais a respeito de suas responsabilidades. Por fim, o estatuto também explicita as regras de funcionamento da instituição, como as normas para admissão, o regulamento das visitas, dentre outros. A fim de caracterizar melhor a instituição, algumas destas questões serão detalhadas e analisadas a seguir.

### 6.1.3 Admissão de novos residentes

A solicitação de vagas para residência no Lar dos Idosos é realizada juntamente à equipe de assistência social. Inicialmente é marcada uma entrevista com o solicitante, seja ele o próprio idoso ou algum familiar/conhecido que procure a instituição, situação esta a mais recorrente. Nesta entrevista, a assistente social preenche um formulário de solicitação de vaga, o qual contém dados pessoais do idoso e de seus familiares. Ao longo da entrevista é demandado ao solicitante que fale sobre a situação do idoso, suas condições atuais de moradia e alimentação, relações familiares, renda e estado de saúde físico e mental.

Tal entrevista funciona como um primeiro filtro do processo seletivo de admissão, pois desde já são negadas vagas a idosos que possuem algum problema psíquico<sup>14</sup> e, caso não existam vagas de enfermaria no momento da solicitação, também são recusados idosos que se enquadrem na condição de semi-dependentes ou dependentes. Outro fator de exclusão de candidatos é a idade mínima estipulada no Estatuto para a aceitação de idosos, que é 60 anos. Algumas exceções a

---

<sup>14</sup> Segundo o Presidente e os demais funcionários, a instituição não possui condições adequadas para receber esse tipo de residente.

essa regra podem ocorrer, como aconteceu quando um juiz da cidade – através de uma ação judicial – determinou que o Lar recebesse uma idosa com menos de 60 anos, a qual se encontrava em situação de completo abandono. Atualmente, apenas uma idosa que reside na instituição foi encaminhada por esta via, mas há relatos de outros casos no passado. Em função da ausência de rendimentos, é a casa que arca com os custos do idoso até que se consiga providenciar o benefício, o qual é um direito. Neste caso, é a área de assistência jurídica do Lar que se mobiliza para conseguir o benefício.

As entrevistas são momentos, na maior parte das vezes, carregados de emoção. Muitos familiares o percebem como oportunidade de desabafar com a assistente social sobre a situação em que se encontram. Assim, acabam por relatar as dificuldades em cuidar do idoso, a tristeza por não estarem suportando os encargos (financeiros e outros) provenientes do adoecimento físico e mental ou até mesmo a indignação por verem um ser humano – familiar ou não – em condição de abandono e degradação. Muitos choram e se desesperam. Há também aqueles que claramente buscam na instituição um caminho para se desresponsabilizar do idoso, deixando a cargo de outros tudo o que diz respeito a ele. Já outros alegam que a falta de tempo é o motivo que os levaram a solicitarem uma vaga.

As entrevistas que compõem o processo de admissão despertam uma discussão importante, e extremamente complexa, no âmbito das ILP's: Qual deve ser o perfil do idoso institucionalizado?

**É duro, viu? A institucionalização é o último caso,** sou a favor que a institucionalização seja o último caso, como profissional eu afirmo que é em último caso. (Profissional 1)

Para mim **a institucionalização tinha que vir quando o idoso quisesse.** Têm muitos que dizem que não querem morar com a família e vem pra cá. (Profissional 2)

Eu acredito que o perfil do idoso para longa permanência deve ser a **carência. Se ele for carente, abandonado, não importa a situação financeira, não importa.** O que interessa é o lado afetivo do idoso, se é acolhido ou não na casa. E uma casa para acolher o idoso ela tem que ter essa filosofia de vida prioritária, assistência afetiva, carinhosa e amorosa com o idoso. (Profissional 3)

Segundo o Estatuto do Idoso as ILPI's são instituições destinadas ao abrigo de idosos "quando verificada a inexistência de grupo familiar, casa-lar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família". Em termos legais, percebe-se que o cenário de abandono e a carência financeira são elementos a serem considerados quando se pensa no idoso institucionalizado. Os profissionais entrevistados apresentam suas visões em relação à questão, destacando outras dimensões como a vontade do próprio idoso e a carência em termos afetivos. No cotidiano da instituição, percebe-se que essa decisão sobre quem institucionalizar é muito mais complexa, pois envolve também outros aspectos, como expõe o profissional,

Eu acho que varia muito e aí entra a questão administrativa porque **houve um tempo em que só aceitava-se aqui idoso que pagava muito bem, porque nós não estávamos dando conta.** (Profissional 1)

Neste trecho fica evidente que já houve momentos em que a questão financeira da instituição se sobrepôs a realidade e necessidade dos idosos. Como equilibrar essas duas dimensões? Segundo um profissional, recentemente, em função de sua preocupação sobre a aceitação exclusiva de idosos com melhor condição financeira, propôs a criação de vagas sociais, as quais seriam resguardadas para atender à população carente. Embora a ideia tenha sido considerada positiva, ainda não foi estabelecida formalmente.

Ainda sobre o papel das entrevistas no processo de admissão, a assistente social utiliza a entrevista não apenas para conhecer a realidade do idoso, como também para informar o solicitante sobre a função a que se propõe a instituição, suas regras e exigências. Nesse sentido, as entrevistas também são oportunidades de conhecer o Lar, pois o distanciamento em relação à sociedade se faz evidente nos questionamentos que surgem nessas conversas, as quais na maior parte das vezes revelam um profundo desconhecimento da realidade de uma instituição de longa permanência para idosos. Uma questão extremamente relevante colocada pela assistente social no momento da entrevista trata-se do idoso estar ciente ou não da solicitação de vaga quando esta é feita por um familiar ou conhecido. Segundo a profissional, este é um quesito fundamental já que o Lar não institucionaliza nenhum sujeito contra a sua vontade. Sendo assim, essa é uma das primeiras questões levantadas por ela ao explicar para o solicitante as regras da instituição. Quando o solicitante alega não ter avisado ao idoso sobre a tentativa de conseguir uma vaga na

instituição, o que segundo ela ocorre frequentemente, a assistente o orienta a conversar com ele antes de dar continuidade ao processo de admissão.

A condição de que o idoso somente é admitido se a institucionalização for de sua vontade revela-se outro ponto polêmico da admissão. Isso porque, na própria fala dos profissionais entrevistados há um entendimento claro que a suposta vontade do idoso de ser institucionalizado de fato, não existe, pois sua aceitação estaria muito mais relacionada à necessidade ou à ausência de alternativas.

**Eles fazem a visita e não tem outro lugar e eles têm que vir, então eles tem que aceitar, a maioria é forçada a aceitação.** Porque estando perto da família é bem melhor. **Perto da família é melhor, né?** (Profissional 4)

Os nossos idosos são muito reservados. **Porque assim, por mais amor, por mais carinho que a gente dê a eles, não é a realidade deles, eles queriam mesmo era estar na casinha deles, com sua família,** com os seus netos, assistir sua televisão com eles, jogar os seus dominós, seu baralhinho com os genros e as noras, com os sobrinhos... essa deveria ser a verdade, **essa é a verdade.** (Profissional 3)

Nos dois trechos destacados prevalece o entendimento de que a convivência com a família constitui-se o verdadeiro desejo dos idosos. Entretanto, como relatado pelos profissionais e pelos próprios idosos ao narrar suas trajetórias de vida, questões como mudanças na estrutura familiar, e desentendimentos no âmbito doméstico acabam por impedir que esse desejo de união seja realizado. No trecho a seguir, o entrevistado ressalta um ponto-chave para a decisão voluntária de se mudar para a instituição:

Geralmente quando estão lúcidos eles vem por vontade própria, mas ele vem **porque ele percebe que ali já não é o lugar dele.** (Profissional 1)

O sentimento de não lugar se revela um tormento na vida de muitos idosos, pois para além da questão da moradia, ele remete ao questionamento do seu próprio lugar no mundo, sua identidade e mais, seu valor para familiares e sociedade. Ao longo da vida, o sujeito acaba por vivenciar circunstâncias em que esse sentimento de não lugar se faz presente, sendo talvez a aposentadoria uma das mais expressivas e marcantes. Nesta, a perda do objeto de amor (trabalho) é associada à inserção em uma vida considerada improdutiva nos parâmetros do modelo econômico vigente, o

que culmina frequentemente em casos de adoecimento físico e psíquico. Sob a perspectiva da velhice como uma sucessão de perdas (MESSY, 1999), essa sensação de não lugar pode somente se agravar ao longo dos anos. Diante desse sofrimento, a questão que resta ao idoso é: para onde ir? Neste ponto, podemos retomar a problemática que se coloca como pano de fundo desta pesquisa: qual o lugar do velho na sociedade narcisista contemporânea?

O passo posterior à entrevista é a realização da visita familiar em que a assistente social, na maioria das vezes acompanhada por outro profissional da instituição, vai até a casa do idoso com o objetivo de conhecer a realidade em que ele vive. Essas visitas ocorrem semanalmente, às quartas-feiras na parte da manhã. Nestas, os profissionais visitam a casa do idoso ou o local em que ele está residindo no momento, analisam as condições do ambiente e, principalmente, conversam com o idoso a fim de confirmar as informações colhidas na entrevista com o solicitante. As visitas são consideradas extremamente relevantes na medida em que permitem que a avaliação sobre a necessidade de institucionalização do idoso seja melhor embasada.

Assim como as entrevistas, as visitas também podem revelar-se momentos difíceis e delicados. Há relatos de visitas em que os profissionais se depararam com idosos em condições de extrema pobreza e abandono, dormindo no chão e sem qualquer cuidado de higiene pessoal. Esses casos, na maior parte das vezes, chegam ao conhecimento da assistente social por meio de denúncias feitas tanto à polícia, como ao próprio Lar. Por outro lado, houve visitas que revelaram ambientes familiares estruturados e saudáveis, em que a institucionalização não se justificava em termos comparativos. A assistente social relata uma situação como esta em que a solicitação de vaga foi indeferida em função de uma avaliação que a considerou inadequada:

Por exemplo, tem um caso recentemente que eu fiz uma visita, a nora estava cuidando da sogra e a gente observava que eles têm condições financeiras para estar recebendo os cuidados que ela necessita, ela anda de andador e **ela diz que quer vir, mas estava sendo pressionada**. Ela não necessita desse atendimento. Então eu fiz esse contato com ela e com a requerente que é a nora, e informei para elas que tem muita gente que necessita e a gente não tem essa vaga e **ela não necessitava, pois estava recebendo os cuidados, com todas as dificuldades que a nora estava tendo para cuidar da sogra, mas visivelmente tinham condições financeiras, mentais para cuidar dela**.

A partir do resultado das visitas, realiza-se a última etapa da seleção: a avaliação do idoso pelos profissionais. Definiu-se que a admissão de novos residentes deve ser de comum acordo entre toda a equipe – assistência social, enfermagem, psicologia, fisioterapia e nutrição. Cada profissional avalia o idoso a partir de critérios relativos à sua área, sempre tendo em vista a capacidade da instituição de atender às necessidades do candidato. Nesse contexto, fica explícito que é o idoso que se adequa à instituição e não o contrário.

Após a avaliação por áreas, os profissionais se reúnem para deliberar sobre a aceitação ou não do idoso. Especialmente quando não há vagas, uma realidade muito comum na instituição, os formulários de solicitação integram uma lista de espera. É interessante destacar que os novos residentes passam por um período de experiência de 3 meses, no qual uma atenção especial é voltada para a questão da adaptação. Por vezes idosos já se desligaram da instituição nesse período, como explicita o profissional 4:

**A fase de adaptação é muito difícil.** Nós já tivemos pessoas que vieram pra cá, mas não conseguiram. Às vezes a família não consegue olhar, mas o idoso não adapta. **Aí não adianta ficar. Às vezes ele não consegue ver que aqui é a casa dele...** Agora quando a família consegue pagar um acompanhante, aí a pessoa vai adaptando mais fácil...

O entrevistado ressalta a dificuldade sentida pelos idosos em reconhecerem na instituição um novo Lar. Seja em função da rejeição de determinadas imposições ou mesmo por não se sentirem a vontade no ambiente, por vezes a permanência na instituição se torna inviável. Segundo o entrevistado, a contratação de um cuidador particular pode ser uma alternativa para facilitar esse processo, mas essa não é uma possibilidade para muitas famílias em termos dos custos que acarreta. A tentativa de reproduzir um ambiente familiar nos quartos e na enfermaria com a exposição de fotos dos familiares e de pertences dos próprios idosos revela-se uma busca por criar esse sentimento de preservação da intimidade do Lar, mas nem sempre se torna suficiente para que o idoso se adapte à vida na instituição.

#### 6.1.4 Do financiamento da Instituição

Como colocado anteriormente, o Lar dos Idosos é parte das Obras Assistenciais Nossa Senhora Aparecida, ou seja, trata-se de uma instituição filantrópica e como tal não possui fins lucrativos. A manutenção da instituição se dá então por algumas vias, dentre as quais se destacam a mensalidade paga pelos residentes e a arrecadação do forró. Para além destas fontes, existem ainda as contribuições municipais, o aluguel das salas de velório e as doações da comunidade, embora estes sejam valores menos expressivos.

Dos idosos é cobrada uma mensalidade que corresponde ao valor de um salário mínimo e meio para aqueles que desejam viver nos quartos sozinhos, e um salário para aqueles que vivem em quartos duplos, independentemente do rendimento do idoso. No caso específico dos idosos que recebem apenas um salário mínimo e não podem ser ajudados por seus familiares, o valor recolhido pela instituição é de 70% do total (porcentagem estabelecida por lei), ficando o restante para despesas pessoais do idoso, alguns remédios ou itens que ele queira adquirir. Atualmente, a maioria dos residentes do Lar paga mensalidades no valor de R\$381,50, valor este que, segundo os profissionais, está muito abaixo do custo que eles representam para a instituição<sup>15</sup>.

Sobre os valores pagos mensalmente pelos residentes, observamos ser uma questão amplamente discutida internamente pelos profissionais, o que por vezes até mesmo gera informações conflitantes sobre quais são as regras vigentes. Segundo o profissional 5, o assunto está em discussão:

**Agora mesmo eles estão revendo esses valores**, o advogado vai reunir hoje com o padre para ver isso. Porque tem idoso que paga um salário mínimo e meio, mas ganha R\$2.000, por exemplo... **Uma idéia é de que todos paguem os 70% do que recebe, porque aí os que ganham mais cobrem os que ganham menos...** mas não ta resolvido ainda não, muita gente acha que não deve ser assim não...

---

<sup>15</sup> Segundo a assistente social, recentemente foi feito um estudo interno para avaliar o custo do idoso para a instituição. O valor encontrado ficou em torno de R\$1.000, 00 por residente.

Outra relevante fonte de renda do Lar é o Forró do Asilo, um evento tradicional na cidade que ocorre todas as terças e aos domingos à noite nas dependências da instituição. O forró, cuja dinâmica será melhor explicitada posteriormente, gera por mês um montante de aproximadamente R\$22.000, através da venda de ingressos, bebidas e comidas. Apesar de recentes reclamações da vizinhança em função do barulho decorrente dos shows, adequações foram realizadas em termos de níveis de som e horário de funcionamento, justamente pela vitalidade dos bailes para a sobrevivência da instituição. “O forró é importantíssimo, sem ele não existiria o Lar”, argumenta o Pe. Reni, presidente da instituição.

As doações também se incluem nas fontes de renda do Lar, embora estas sejam em sua maioria esporádicas. As contribuições mais frequentes são realizadas na forma de alimentos, como leite e alguns mantimentos. As doações em espécie são mais variáveis e, portanto, não podem ser contabilizadas como uma receita mensal fixa. Na instituição existe uma pessoa responsável exclusivamente pela busca dessas doações tanto de pessoas físicas como também de empresas locais. Principalmente na época de eventos que são promovidos no Lar como a festa junina e as comemorações de aniversários, este profissional entra em contato com uma série de parceiros, a fim de angariar recursos para realizá-los. Os próprios funcionários e voluntários também contribuem nessas ocasiões e estão sempre atentos a novas possibilidades de doadores.

A única contribuição financeira ao Lar proveniente da administração pública é de nível municipal, realizada via a celebração de um convênio chamado SAC. Este é destinado exclusivamente à cobertura parcial da folha de pagamentos da instituição, o que significa a remuneração de aproximadamente cinco funcionários: psicólogo, nutricionista, cozinheira, dentre outros. Trata-se de um convênio firmado pela prefeitura com diversas instituições, que exige, em contrapartida, uma prestação de contas detalhada por meio de notas fiscais e do preenchimento de cheques nominiais aos funcionários. Embora seja destinado ao pagamento da folha, tal convênio não abarca alguns direitos trabalhistas como férias e décimo terceiro, despesas essas assumidas pela instituição. Sob o ponto de vista dos custos e despesas da instituição, tal contribuição oferecida pelo município é bastante insatisfatória.

Por fim, outro negócio que gera recursos para o Lar são as duas salas para velório construídas recentemente. As salas são alugadas para a comunidade pelo valor de R\$150,00. A criação destes espaços foi uma resposta à observação de que havia uma demanda por este serviço na cidade. Relatou-se que são realizados no Lar mensalmente, em média, 10 velórios, o que contribui com um montante de aproximadamente R\$1.500,00 para as receitas da instituição. Como exposto anteriormente, para além dos aluguéis, as salas são utilizadas para os velórios dos próprios residentes.

Todos os profissionais entrevistados concordam ser a manutenção financeira a maior ameaça à sobrevivência da instituição.

A nossa despesa aqui oscila em mais ou menos R\$58.000 por mês. **Onde conseguir esse dinheiro?** Nós temos uma parceria com a prefeitura de mais ou menos R\$10.000 por mês, a arrecadação dos idosos que vivem aqui dá uns R\$18.000, então R\$28.000. O forró rende mais ou menos R\$ 22.000, tai R\$50.000, onde que eu arranjo os outros R\$8.000? **É providência divina!** Doações, eventos, **é uma luta!** (Profissional 3)

**É a dificuldade financeira a maior dificuldade da instituição.** Os idosos pagam muito pouco perto do custo deles pra casa! (Profissional 2)

A preocupação com as fontes de renda gera reflexos na maior parte das questões relacionadas à instituição, na medida em que muitas decisões são tomadas em função da influência que exercerão em termos financeiros. Um exemplo claro dessa questão pôde ser observado na seção anterior, sobre a admissão, em que foi apresentado um trecho de um profissional explicitando que, por vezes, foram aceitos exclusivamente idosos com melhores condições financeiras. Tal situação suscita o questionamento acerca do papel exercido pelo Lar dos Idosos como parte de Obras Assistenciais. Nesse sentido, ao privilegiar a inserção de idosos mais abastados, não estaria o Lar se afastando de sua proposta de atenção aos necessitados?

Uma questão decorrente desse cenário que se apresenta no dia-a-dia do Lar diz respeito aos reflexos dessas diferenças econômicas entre os idosos. Em várias situações a desigualdade social se faz perceber entre os residentes, resultando em situações desconfortáveis e até mesmo desrespeitosas. Um exemplo claro dessa distinção se deu quando da pintura realizada no espaço interno do Lar por voluntários. Com a doação de tintas foi possível reformar os corredores e áreas

comuns da instituição, faltando apenas os quartos dos residentes. Os custos de tal pintura ficariam a cargo especificamente de cada idoso que desejasse ter o seu quarto pintado. Uma idosa comentou a situação:

Pois é, a D. Lúcia pintou o dela, né? **Tem dinheiro... Nós aqui não tem**, aí ficamos sem pintar...

Essas diferenças também se evidenciam na possibilidade de comprar itens que não são oferecidos pelo Lar, como alguns tipos de frutas e artigos de higiene pessoal. Por várias vezes alguns residentes manifestaram ter vontade de adquirir produtos que outros idosos têm o costume de comprar, porém eles não têm condições para tal. Para além desses momentos, a ausência de dinheiro se mostra um incômodo muito grande para a maior parte dos idosos, os quais se lamentam frequentemente sobre essa realidade. Expressões como “fica tudo aqui” são bastante utilizadas pelos residentes que consideram pagar muito à instituição.

O incômodo em relação à falta de dinheiro pode ser compreendido em função da relevância e *status* assumido pelo poder aquisitivo na sociedade capitalista. Do ponto de vista global, a carência financeira representa um elemento de exclusão, afinal, notadamente grande divisão social existe entre os ricos e os pobres. Acumular dinheiro nesse contexto significa conquistar determinado espaço social, um espaço que implica poder e prestígio. Especialmente no caso do velho, sobre o qual recaem diversos elementos de exclusão – idade, aparência, rapidez, dentre outros – o dinheiro se impõe como mais um capaz de determiná-lo como um ser à parte na sociedade. Se, como explorado anteriormente, o consumo se tornou na contemporaneidade a atividade definidora do *quem sou*, quais são as alternativas para aqueles que não podem consumir?

Outros problemas institucionais apontados, como por exemplo, a incapacidade de atendimento da demanda por vagas de enfermagem da mesma forma recaem sobre a questão financeira, uma vez que abertura de novas vagas só seria possível a partir da ampliação tanto do espaço físico atual quanto do quadro profissional, algo que depende integralmente de recursos para investimento e manutenção. Outro exemplo é o Hotel dos Avós, cuja criação se deu pela percepção de um potencial para a obtenção de novas fontes de renda. Neste sentido, segundo os entrevistados, todos os desafios atuais da instituição relacionam-se ao seu financiamento.

### 6.1.5 Hotel dos Avós

O Hotel dos Avós é um projeto recente que também pertence às Obras Assistenciais Nossa Senhora Aparecida e divide espaço com o Lar dos Idosos. Criado essencialmente para constituir mais uma fonte de renda para a manutenção do Lar, trata-se de um espaço destinado à hospedagem temporária<sup>16</sup> de idosos. Localizado ao lado da enfermaria feminina, o hotel possui 4 quartos equipados com camas, geladeira e mesa, além de uma cozinha comum onde podem ser realizadas as refeições. O que difere o Hotel dos Avós das demais hospedarias da cidade, segundo o presidente, é o acesso que o hóspede possui à maior parte dos serviços especializados oferecidos aos residentes. Assistência social, psicológica e fisioterapêutica, além de acompanhamento da equipe de enfermagem e nutrição. Nesse sentido, além de atender aos residentes, os funcionários do Lar também atendem aos hóspedes do hotel. Não houve contratações especiais para o novo empreendimento, apenas de uma recepcionista.

Entretanto, a fim de terem acesso a esses serviços, os hóspedes devem seguir os horários vigentes na instituição, como por exemplo, o horário das refeições e das sessões de fisioterapia. Atenção especial é direcionada ao controle da administração dos medicamentos dos hóspedes, que passam a ser de responsabilidade da equipe de enfermagem. Para além destes serviços, os hóspedes também podem participar das atividades recreativas que ocorrem no Lar, como o bingo e o forró. A idéia é que o Lar está ‘de portas abertas’<sup>17</sup> para os hóspedes, que podem circular livremente pela casa, desde que não incomodem os residentes.

Os valores das diárias do hotel são de R\$70,00 por pessoa e o tempo máximo de permanência permitido é de 1 mês. Desde a sua abertura, no mês de novembro de 2011, o movimento é relativamente fraco e o hotel ainda não atingiu sua ocupação máxima. “É uma questão de tempo”, defende o presidente, “a nossa propaganda vai ser o boca a boca”. Isso se deve também a confusão que a inauguração gerou em parte da população local. Ainda é comum ouvir pessoas comentando “O asilo mudou de nome? Que bom! Ficou bem melhor...”. Não é possível afirmar

---

<sup>16</sup> Ao contrário das ILP's que, como o próprio nome explicita, são espaços para longa permanência, o hotel é destinado à estadia por curtos períodos de tempo, sendo por, no máximo 30 dias.

<sup>17</sup> Palavras do Presidente.

em que medida tal confusão tenha sido desfeita, acredita-se que isso ocorrerá a partir do momento em que população obtiver informações a respeito do novo projeto.

No site da instituição podem ser encontradas informações sobre o hotel. Esta é a mensagem inicial que apresenta o serviço

O hotel dos avós tem o prazer de oferecer a Divinópolis e Região, o lugar mais certo para você deixar seus parentes idosos, quando você estiver de viajar a serviço, de férias... e não tem com quem deixar seu idoso, o Hotel dos Avós oferece aos seus hóspedes um aconchego especial... oferecemos serviços de enfermagem, psicologia, fisioterapia e alimentação balanceada por nutricionista.

A todo o momento, ao tratar do serviço oferecido pelo Hotel dos Avós, o foco recai sobre a segurança e a tranquilidade do familiar em deixar o idoso em uma organização capacitada para atendê-lo em suas especificidades. Segundo o presidente, há uma demanda em potencial para este tipo de serviço e o Lar está preparado para tal.

“Curte a vida, que nós cuidaremos do seu bem mais precioso!”, esse é o slogan do Hotel dos Avós. Embora com a intenção clara de arrecadar fundos para a manutenção do Lar dos Idosos, cabe aqui refletir sobre o significado que esse tipo de instituição pode assumir no contexto da sociedade narcisista contemporânea abordada neste trabalho. O próprio *slogan* transmite uma realidade cruel, pois assume como contrapostas as ideias curtir a vida e a presença do idoso. Em que medida esse ato de ‘deixar o seu idoso’ enquanto ‘estiver de viajar a serviço, de férias’ não representa a tentativa de expurgar a velhice e o velho de momentos relevantes? A pergunta diante do *slogan* do Hotel poderia então ser assim formulada: É possível curtir a vida sem o seu bem mais precioso?

Isso não significa, obviamente, que todas as pessoas que se hospedam no Hotel estão necessariamente sob efeito deste tipo de segregação. O fato é que a disponibilização cada vez maior destes tipos de serviços torna naturais certos tipos de comportamento, como se eles sempre existissem. Há alguns anos atrás era talvez impensável um lugar em que se pudesse deixar o idoso enquanto se faz uma viagem, quais eram então as alternativas? Adequar o passeio à realidade do idoso, deixá-lo com um cuidador conhecido com o qual ele possui algum vínculo afetivo (algun familiar ou amigo), dentre outros. A naturalização de certos comportamentos

acaba por encobrir a análise crítica: O que esses comportamentos significam? O risco está na viabilização crescente do modelo narcisista de viver, em que os desejos do eu se impõe ao Outro. Não há negociação: o desejo do eu não cede lugar ao desejo do Outro.

#### 6.1.6 O olhar dos profissionais

##### 6.1.6.1 Sobre a instituição

Ao discursarem sobre a instituição, todos os entrevistados demonstraram partilhar a percepção de que ela exerce um papel extremamente relevante no contexto da cidade de Divinópolis e região,

**Nossa, o Lar... nem sei o que seria de todos se aqui não existisse...** O papel da instituição é mesmo esse de acolher, dar uma assistência àqueles idosos que necessitam ir para um abrigo, né? Não tem às vezes com quem contar, um familiar. **Para onde eles iam, você já pensou?!?** (Profissional 7)

Uai, é muito importante. Aqui (sobre a cidade) **só tem três**: aqui, o Lar dos Idosos, o Frederico Ozanan e a Vila Vicentina que são os **três mais fortes e os três mais baratos**. Porque tem os particulares igual a Pousada Dona Lilica só que é um preço bem mais caro. **Se fechar aqui o pessoal ficará sem referência** (Profissional 2).

Um aspecto fundamental relacionado a essa função de acolhimento da instituição e que aparece nos relatos em destaque diz respeito a uma realidade preocupante: a existência de um número restrito de instituições que oferecem abrigo para idosos a um preço reduzido na cidade e em seus arredores. A questão colocada pelo profissional 2, “Para onde eles iam, você já pensou?!?”, reflete justamente essa percepção de que não existem muitas alternativas para os idosos que não podem recorrer às instituições particulares. Tal cenário remete à ausência de instituições públicas que ofereçam acolhimento aos idosos, inquietação esta explicitada por outro entrevistado

**Eu me questiono o tempo todo.** Não tem asilo público, mas se hoje eu recebo uma intimação para aceitar um menor infrator eu sou obrigada a aceitar. **Se eu recebo uma intimação para aceitar um idoso que está em condição de risco social eu tenho que aceitar.** E aí como fica? O que os governantes pensam? O

que vai ser desses idosos? (...) **Por isso eu acho que tinha que ser público, porque existem outros lugares que não tem psicólogo, assistente social não conseguem pagar...** (Profissional 1)

Pelo trecho pode-se perceber que o incômodo do entrevistado perpassa, primeiramente, a idéia de que embora não exista um financiamento governamental para as instituições, por vezes estas são obrigadas pelo poder público a receber idosos carentes, cuja responsabilidade é por lei atribuída ao Estado. O entrevistado chama a atenção para outra consequência da ausência de investimento público nessas instituições: a criação de espaços que não possuem uma estrutura, tanto física quanto profissional, adequada para receber idosos. Quem deve se responsabilizar por isso? Essa é a questão implícita na preocupação apontada no trecho acima.

Ainda sobre a questão da inexistência de instituições de longa permanência para idosos integralmente públicas, um entrevistado demonstra preocupação ao realizar um comparativo com a qualidade de atendimento de instituições públicas de saúde da cidade,

É complicado, né? O idoso sai muito caro, a prefeitura nem dá conta de manter uma casa dessa não. O idoso paga 70% do que receber assim tem idoso que paga na faixa de R\$300,00 e ele sai para a instituição por mais de R\$1.000,00, com remédios, cuidados. Se chegasse a abrir uma instituição assim não iria pra frente não. **Olha o nosso pronto socorro regional!** Imagina uma instituição, **ia ter maus tratos**, acho que não daria certo não. (Profissional 2)

Pode-se perceber que a inquietação do profissional relaciona-se à complexidade dos serviços oferecidos por este tipo de instituição que, se mal administrada e controlada, pode resultar em um ambiente inadequado para os idosos. O entrevistado argumenta com a possibilidade de acontecerem maus tratos, uma realidade já denunciada em diversas instituições dessa natureza.

Logo no artigo III do Estatuto do Idoso, podemos encontrar a seguinte determinação,

**É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.**

Neste artigo, foram claramente apontados os responsáveis por garantir aos idosos o cumprimento de seus direitos fundamentais: a família, a comunidade, a sociedade e o Poder Público. Entretanto, a realidade aponta para o cenário inverso: o que se pode perceber é um processo de desresponsabilização desses atores, os quais têm se esquivado cada vez mais de sua obrigação de prestar assistência ao idoso. De forma sintética, as mudanças estruturais no âmbito familiar resultaram em um modelo nuclear não solidário no qual o velho não encontra espaço; a comunidade e a sociedade, ao assumirem traços narcisistas, atribuem ao idoso um papel social de reduzida importância; o Poder Público, por sua vez, limita sua ação ao desenvolvimento de leis e/ou programas sobre os quais pouco controle é exercido, enfim, vislumbra-se um panorama preocupante.

Não é justo, por conseguinte, ignorar ações que vem sendo desenvolvidas em prol do idoso, principalmente no âmbito da sociedade civil. Contudo, atenção deve ser dirigida para o fato de que estas podem ser consideradas apenas ações pontuais, incapazes de dar conta de uma realidade que abarca a sociedade como um todo. Estamos preparados para um contexto em que grande parcela da população mundial esteja vivenciando a velhice? Como lidaremos com isso nas mais diversas esferas – social, econômica, cultural? Embora não seja este o foco desta pesquisa, trata-se de questões que exigem olhares mais atentos.

#### *6.1.6.2 Os sentidos do trabalho na instituição*

Um aspecto muito interessante que emergiu nas entrevistas foi o sentido do trabalho na instituição. Torna-se evidente pelos relatos que o amor e a dedicação dão sentido e agem muitas vezes como motivadores para o trabalho em detrimento de outros aspectos que o desvalorizam.

**É muito bom trabalhar aqui**, a gente cria muito **carinho por eles**, passam a ser da **nossa família**. Eu fico triste quando algum deles briga comigo ou fica de cara ruim pra mim. (Profissional 5).

Acho que para trabalhar aqui tem que gostar porque não trabalha por salário, **trabalham aqui por amor**. Acho que o que move é o trabalho voluntário, doação de estar aqui e querer fazer o melhor (Profissional 7).

Pode-se observar nos trechos que há o estabelecimento de vínculos afetivos entre funcionários e residentes. No primeiro trecho, especificamente, a afirmação do profissional de que os idosos “passam a fazer parte da nossa família” enfatiza a força desses vínculos, revelando ser este um dos fatores que o faz permanecer trabalhando na instituição por mais de 15 anos. No dia-a-dia, esses laços de carinho e amizade são facilmente percebidos, manifestados tanto por parte dos funcionários quanto dos idosos. No segundo trecho, o entrevistado evidencia que o trabalho na instituição não se justifica por questões salariais, o que pode indicar que ele considera que os valores pagos não são satisfatórios. Mais uma vez a questão do amor pelo trabalho e da doação é evidenciada para justificar o porquê da permanência em um trabalho que, segundo eles, não tem como contrapartida bons salários.

A percepção de um trabalho mal remunerado foi confirmada por outros profissionais. Para além da questão do valor, um entrevistado argumentou sobre possíveis atrasos de pagamento resultantes das dificuldades financeiras enfrentadas pelo Lar. Mais uma vez, nesse caso, é o amor que motivaria a permanência no trabalho,

**(...) atrasa, fica meses e aí você vem por amor.** (Profissional 1).

A todo o momento, emerge na fala dos entrevistados sentimentos contraditórios em relação ao trabalho no Lar, que os fazem oscilar entre ressaltar os pontos positivos e negativos que envolvem o trabalho, ora referindo-se à instituição, ora ao trabalho com idosos em geral. Nesse sentido, eles relataram a angústia por vezes sentida ao lidar cotidianamente com a pessoa idosa que, segundo eles, já possui manias e uma certa inflexibilidade de opinião.

**Às vezes é muito frustrante trabalhar com o idoso, sabe?** (Profissional 1)

**Tem uns que são meio ignorantes, sabe?** Igual tem um que teve AVC se fizesse fisioterapia voltava a andar, mas aí é ignorante, briga com os fisioterapeutas e não quer saber, e fica lá na cadeirinha, sendo que podia estar andando! (Profissional 2)

**Chega uma certa idade que eles não tem força de vontade de querer as coisas. São poucos que tem a força de vontade de melhorar.** Eles acham que remédio

cura, toda hora tem um me pedindo remédio, queixando de dor, dor, dor!  
(Profissional 7)

Nestas falas pode-se observar a presença de um sentimento, como claramente explicitado no primeiro trecho, de frustração. Do ponto de vista do trabalho exercido pelos profissionais, é como se os seus objetivos não fossem alcançados devido às características percebidas no próprio idoso, como a ignorância e a ausência de força de vontade. Nesse sentido, esses sujeitos seriam a própria causa da frustração. Pode-se identificar nos trechos uma indignação em relação ao comportamento desses sujeitos, a qual se explicita por meio da exaltação expressa ao final de cada argumentação. Especialmente ao fim do segundo trecho, a expressão “[...] sendo que podia estar andando!” revela a irritação do entrevistado em função do idoso recusar algo que seria, na sua percepção, a atitude correta – tratar-se para retomar o movimento de suas pernas.

Essa questão da imposição de comportamentos considerados ‘corretos’ ao idoso merece ser discutida. Ao longo da observação realizada na instituição, por vezes essa sensação de frustração decorrente da não resposta ao esforço investido no trabalho pelos profissionais pôde ser percebida, culminando em desânimo e até mesmo na desistência em realizar determinadas atividades. Sob o olhar da sociedade narcisista contemporânea, o imperativo do novo, rápido e belo está de tal forma naturalizado que se passa por verdade e, na medida em que o profissional detém essa verdade, a tendência é impô-la aos idosos. Nesse sentido, não seria a recusa do velho uma resistência a essas verdades? A opção por não realizar determinada atividade ou atender a determinado ritmo não significaria, ainda que inconscientemente, uma recusa à adequação a esses padrões que, por si só, já o excluem?

Essa questão chama atenção para a preparação dos profissionais para lidarem com o velho, não só fisicamente, mas em termos subjetivos. Por vezes é possível perceber que a frustração do profissional se dá justamente em função da não aceitação – que é decorrente da não compreensão - do idoso e das suas particularidades. As diferenças de ritmo, valores e desejos passam despercebidas, resultando em tentativas fracassadas de mudança e adequação. No outro extremo dessa não compreensão está a desistência por parte do profissional, já indicada anteriormente. Um entrevistado comenta uma situação desse tipo:

Eu observo que o profissional da área da enfermagem, não só aqui, mas em outras instituições que visito, os profissionais tem por obrigação **colocar o idoso na cadeira de rodas e empurrar**. Ele tem uma certa preguiça, **vamos rasgar o verbo, preguiça mesmo**. Por quê? Porque é mais fácil cuidar de um idoso acamado do que aquele que anda, que quer uma atividade. (Profissional 1)

A crítica do entrevistado, direcionada especificamente aos profissionais da área de enfermagem, ilustra uma atitude de desistência do profissional, o qual assume uma postura de colocar o seu bem-estar como prioridade, em detrimento daquilo que seria o desejo ou a necessidade do idoso. Essa realidade aponta para a necessidade de uma formação especial para esses profissionais, que abarque não só as questões técnicas, mas também esse universo complexo que marca o sujeito idoso. Importante ressaltar o papel do contexto sócio-econômico e cultural que influenciam diretamente na construção desse universo, sob a pena de reforçar a idéia de responsabilização individual do sujeito pelas suas escolhas. (DEBERT, 1997).

Associada à dificuldade no trabalho com o idoso, um entrevistado levantou a questão da desmotivação relacionada à percepção social negativa sobre o trabalho com idosos. Para ele, tal tipo de atividade é desvalorizado socialmente e, portanto, este não se torna atrativo para muitos profissionais,

Os profissionais não querem ir pra essa área, **pra ganhar pouco?** Sendo que o RH te dá mais, sendo que eu posso ter mais *status* trabalhando em um outro lugar, **trabalhar com idoso não vai te dar status, entendeu?** (Profissional 1)

Percebe-se no trecho acima que mais uma vez a questão salarial aparece como um aspecto negativo do trabalho só que, neste contexto, é apontada não somente como uma realidade do Lar especificamente, mas da área como um todo. Juntamente ao baixo salário, o entrevistado ressalta a problemática da ausência do *status* no trabalho com a pessoa idosa, ou seja, da falta de reconhecimento percebida por ele em relação não à profissão, mas ao público com que atua. A ausência de *status* nesse caso refere-se, por conseguinte, a uma percepção de reduzida importância da própria figura da pessoa idosa nos dias atuais, questão mais uma vez característica da sociedade narcisista contemporânea. Sob esse ponto de vista, o fato de os profissionais que atuam no atendimento a idosos se perceberem como menos relevantes, ou até mesmo como de menor prestígio que os demais, relaciona-se à própria visão de que o novo e o jovem são mais

importantes e, portanto, atenção especial deve ser dedicada a eles. A aversão ao envelhecimento e, especialmente à velhice, se faz então evidente na tentativa de negá-la e de se afastar dela. Para que dedicar-se a algo que não tem valor?

Essa percepção social negativa do trabalho com os idosos se estende, segundo o entrevistado, à própria instituição. Ele comenta algo que acontece frequentemente quando revela trabalhar no Lar dos Idosos:

Eu acho tão interessante as pessoas quando digo que trabalho aqui: **“eu tenho vontade de ir lá, mas vai doer tanto!** (Profissional 4)

O comentário do entrevistado desperta uma reflexão relacionadas às razões pelas quais as pessoas têm essa percepção de sofrimento acerca do ambiente das ILP's. A presença recorrente de notícias sobre violência contra idosos em instituições e a imagem de abandono e descaso prevalecente no imaginário social podem ser algumas das razões que contribuem para essa percepção. Outro profissional confirma a existência dessa percepção, mas contesta irritado o seu conteúdo:

Uai, o pessoal fala: ah, tadinho, ele mora num asilo, **mas aqui eles são muito bem cuidados, melhor que na casa deles!** (Profissional 2)

Como indicado anteriormente, na conversa com os profissionais emergiram sentimentos contraditórios em relação ao trabalho com os idosos na instituição. Para alguns deles, percebe-se que na balança entre os pontos positivos e negativos, os primeiros prevalecem, o que faz com a decisão de permanecer na instituição seja tomada de forma mais tranquila. Para outros, as pressões sociais e as dificuldades encontradas cotidianamente mostram-se extremamente inquietantes, levando-os a questionar a validade de continuar no mesmo trabalho.

#### *6.1.6.3 Visão sobre a velhice e a morte*

Outra questão relevante no que diz respeito à instituição refere-se ao entendimento desta em relação ao envelhecimento e à morte, o qual se que se reflete em posturas e ações. Um primeiro aspecto abordado nas entrevistas foi a percepção sobre os marcos da velhice, ou seja, questionou-se a eles: Quando o sujeito se torna velho?

A pessoa fala que com **60 anos** a pessoa já se considera velha porque já pega passe livre, aposenta, ganha um monte de benefícios e a pessoa mesmo já se sente minimizada por isso. (Profissional 2)

Eu acho que o marco do envelhecimento, o **vulcão quando borbulha** mesmo é quando ele **pára de produzir**, quando ele pára de ser entre aspas **“aquela pessoa normal”**. (Profissional 1)

Nos trechos acima aparece uma marca explícita de inserção na velhice: o alcance dos 60 anos de idade associado à chegada da aposentadoria. A idade apontada é a estabelecida pelo Estatuto do Idoso “é instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (ESTATUTO DO IDOSO, Disposições Preliminares). Associado às determinações legais, como discutido anteriormente, o fenômeno da aposentadoria apresenta-se como marco fundamental. Atenção especial deve ser dada ao uso da expressão “aquela pessoa normal” pelo entrevistado ao se referir ao sujeito que trabalha. Para ele, é essa a percepção que a sociedade tem do aposentado: alguém que está fora dos limites da normalidade. Nesse contexto, ele representa então a figura do desviante, o qual sofre com o sentimento de não lugar discutido na subseção anterior.

A associação entre a velhice e a aposentadoria é algo extremamente comum, mas tem cada vez mais sido colocada em discussão como um marco arbitrário imposto a todos os sujeitos (DEBERT, 1997). Como explicar sujeitos que, ainda que tenham mais de 60 anos e sejam aposentados não se sintam velhos e não se comportem como tal? Como explicar, por outro lado, sujeitos que com pouca idade já assumem essa postura? Qual o peso da história de vida de cada um? Essa multiplicidade que marca a questão da velhice é claramente perceptível no Lar dos Idosos, pois lá podemos encontrar sujeitos que possuem desde 60, ou até um pouco menos, até 100 anos de idade. E a aparência e o grau de debilidade variam de forma nada proporcional à idade, há idosos mais novos com graves debilidades físicas e mentais, enquanto outros mais velhos gozando de boa saúde e autonomia nas suas atividades. Sob o ponto de vista psicanalítico,

são as experiências subjetivas que determinam o momento de entrada na velhice, aspecto este que será explorado posteriormente. Tal visão se apresenta como um desafio para a instituição: em meio às regras totalizadoras, características das instituições totais estão-se preservando as individualidades? (GOFFMAN, 1974),

Para além da percepção acerca de quando se inicia a velhice, buscamos também explorar a percepção dos funcionários sobre um contexto espaço-temporal específico: a velhice no Lar dos Idosos.

**Envelhecer aqui acho que não é uma coisa ruim não, pois tem o carinho dos funcionários. Tem tudo na hora certa, medicação, alimentação, tudo na rotina no horário certo, acho que não deve ser muito ruim não.** (Profissional 6)

**Se não fosse o Lar dos Idosos eu não sei qual seria a situação deles, né? Se estariam vivos...** Porque o idoso necessita do banho, da alimentação balanceada, da vigilância do medicamento na hora certa... e nas suas casas sozinhos, abandonados, com famílias que não ligam **dificilmente eles sobreviveriam**. E a maioria dos idosos que nós temos aqui foram encontrados assim, praticamente abandonados e às vezes até **judiados pela família**. (Profissional 3)

Os entrevistados justificam sua opinião positiva sobre a velhice no Lar principalmente pela atenção oferecida em relação às necessidades básicas, como alimentação, higiene pessoal e medicação. Tal argumento é por vezes apresentado como uma das maiores vantagens da instituição, justamente, como aponta o entrevistado 6, por estas se relacionarem diretamente à própria sobrevivência dos sujeitos. As questões afetivas também aparecem nos relatos, tanto quando o entrevistado 6 refere-se ao carinho que os funcionários têm pelos idosos, quanto na referência do entrevistado 3 aos maus tratos realizados por familiares, deixando implícito que esse tipo de atitude não se faz presente no cotidiano da instituição. Um relato interessante foi realizado pelo profissional 5:

Olha, eu não conhecia as Obras Assistenciais por dentro. Eu já tinha ouvido falar só por fora. **Se for hoje, pra eu vir morar aqui, eu venho com toda a certeza de que aqui é um lugar bom pra morar**, é um pessoal bom, é um pessoal gratificante, pelo tempo que já estão aqui, o idoso é sincero naquilo, a gente sabe quando um idoso é bem tratado e um idoso é mal tratado. A Dona Diva ela é um exemplo disso, ela chegou quase que junto comigo. **A Dona Diva, todo mundo disse: “ixi, essa mulher veio pra morrer aqui”, de sonda...** Hoje, não só eu

**digo, eu fico encantada de ver o estado da Dona Diva: andando, se ela quiser ir comer lá no refeitório comer ela vai, conversa, lúcida, sem sonda...**  
(Profissional 5)

A fim de atestar sua opinião acerca de como é viver no Lar dos Idosos, o profissional 3 se coloca na condição dos idosos, dizendo que teria satisfação em ser um residente da instituição. Ele justifica essa afirmação pautando-se na forma como percebe o ambiente do Lar, um local capaz de trazer muitos benefícios aos idosos. Ao relatar o caso de uma idosa que entrou na instituição com a saúde deteriorada e hoje apresenta uma condição muito melhor, percebe-se na fala da entrevistada um reconhecimento de que se deve atribuir justamente ao Lar essa mudança, em função tanto da oferta de serviços de qualidade como pela afetividade.

Outra forma encontrada pelo profissional 3 para retratar a positividade da velhice no Lar foi através da exaltação do fato de que algumas pessoas de relevância no cenário social divinopolitano teriam vivido na instituição:

[...] por exemplo, nós perdemos há dois anos uma mulher que foi **uma das professoras mais importantes** do Matias Lobato, do Colégio Estadual, que terminou a vida aqui dentro do Lar dos Idosos! (Profissional 3)

A idéia de que pessoas como “uma das professoras mais importantes” tenha de alguma forma escolhido viver a velhice no Lar é relatada pelo funcionário como uma prova clara da qualidade do ambiente e dos serviços oferecidos. Ao tratar essa questão, percebe-se pelo tom e entusiasmo do relato que tal escolha é motivo de orgulho e satisfação para o entrevistado como também para a instituição.

Já no que tange à morte, o relato do entrevistado 3 nos fornece indícios de como este assunto é abordado, tanto entre os idosos, quanto entre os funcionários que lidam com essa realidade cotidianamente na instituição:

**Morte é um assunto que a gente não toca nessa casa.** Nós sabemos que ela é uma realidade, que ela é ponto final de linha, mas nós deixamos ela chegar em um momento oportuno. Então, quando falece algum idoso nós proporcionamos aqueles mais lúcidos ir ao velório, mas aqueles mais... os que estão mais decaídos, que estão mais... na linha mais de doença, não sei a palavra, me fugiu agora, digamos, decrépitos mesmo e não estão em condições de ver aquilo então

nós nem levamos. Sempre que o idoso demonstra um pouco de desespero e de tristeza, nós fazemos com que esse assunto não fuja da realidade dele, mas não seja alimentada a idéia de que “eu to morrendo!”, “eu vim pra cá pra morrer!”, “eu não presto pra mais nada”, eles usam muito essa expressão “eu to esperando a morte chegar”, **isso não é o caso porque não precisa nem esperar, ela está aí.** Então nós evitamos alimentar esse tipo de pensamento, **não negando a verdade da morte, mas dizendo que não é, que nós temos muito o que fazer ainda**, que eles são instrumento de modelo, exemplos, que muitas pessoas vão aprender com eles. Fazemos questão que as pessoas visitem e perguntem, nós temos idosos aqui super lúcidos, com vivências aí fora que muitas pessoas ficariam surpresas... quer dizer, a pessoa plantou uma semente. (Profissional 3)

Enfático, o entrevistado inicia sua exposição alegando que a morte é um assunto que simplesmente não é abordado na instituição. Ao longo de sua fala, a questão do silenciamento da morte vai sendo trabalhado por ele, o qual esclarece que o fato de não abordá-la não significa, entretanto, sua negação, mas uma tentativa de preservar os idosos frente ao surgimento de pensamentos negativos e do sentimento de desespero. Embora o profissional alegue que não se trata da negação da morte, é o silenciamento que prevalece por meio da tentativa de chamar atenção do idoso angustiado para outras possibilidades, “dizendo que não é, que nós temos muito o que fazer ainda”. Não seria o silenciamento uma forma de negação?

Mas como não falar da morte se esta se faz presente no dia-a-dia desses idosos? Os profissionais 3 e 4 falam sobre essa dificuldade entre os profissionais:

**Eu acho que nenhum de nós está preparado para lidar com isso.** Não estamos preparados para lidar com a morte. **Eu vejo assim que a equipe é bem preparada em termos profissionais e tudo, mas existe uma angústia muito grande. Quando um idoso vem a falecer não é algo natural, mesmo que ocorra todos os dias.** (Profissional 7)

**Ah, é muito difícil você conviver com a morte.** Você convive com a pessoa e toma aquele... como se diz... **imagina a gente sem a Carminha?** E vai acontecer, é a coisa mais certa. A Carminha vai fazer 100 anos. (Profissional 5)

Pode-se perceber nos dois relatos a consciência de que a morte não é uma questão bem resolvida para alguns profissionais. Como aponta o entrevistado 3, ainda que o falecimento de idosos seja algo frequente em uma ILP, na sua percepção tal fato nunca torna-se algo “natural” e facilmente aceitável. Tal consideração refere-se ao sentimento de angústia observado nesses momentos, principalmente, em decorrência dos laços de amizade construídos com os idosos, como

argumenta o profissional 4 ao referir-se a uma das moradoras mais antigas da instituição. Ao questionar, “imagina a gente sem a Carminha?”, o profissional reforça a afetividade que marca as relações com os idosos e, conseqüentemente, explicita a dor que sentirão quando a idosa não estiver mais presente.

Em contrapartida, para outros profissionais há uma aceitação mais tranquila da morte em decorrência do convívio diário com essa realidade:

**Uai, quando eu cheguei e vi esse morre um e morre outro a gente abala, mas depois a gente acostuma, a gente passa a conviver com a dor.** (Profissional 2)

No que diz respeito à percepção dos profissionais sobre a forma pela qual os idosos lidam com a morte, alguns elementos interessantes surgiram nas falas:

**Oh, eu não sei assim te falar exatamente...** eu acho que isso eles não... ah não ser assim quando é igual a Dona Zilda, que é uma pessoa lúcida, Dona Vera, quando aconteceu, igual esses dias faleceu a Dona Eliza, aí a Dona Vera e Dona Zilda foram, aquilo ali fica uma semana assim, sabe? Amuada, fica assim meio baqueada... **mas como a maioria tá assim nessa fase de não lembrar das coisas, isso passa... só mesmo aqueles que estão lúcidos que pode... A Dona Zilda fala que quando vai um, parece assim que a casa fica mais vazia... aí chega outra pessoa.** (Profissional 5)

O profissional chama a atenção para a diferença no enfrentamento da questão da morte entre os idosos lúcidos e àqueles que por alguma razão (consequências do Alzheimer) possuem falhas na memória recente. Segundo o entrevistado, os idosos lúcidos encontram mais dificuldades em lidar com a questão, até mesmo pelo fato de compreenderem o significado do acontecimento. Mais uma vez o sofrimento pela ausência do outro aparece como a razão pela qual a vivência desses momentos se torna tão difícil. Já para aqueles idosos que não estão lúcidos, as falhas da memória os fazem esquecer os falecimentos que presenciaram, chegando até mesmo a questionarem a ausência de algum companheiro que já tenha falecido. O entrevistado 3, por sua vez, chama a atenção para outra questão:

**Tem aquele que vai chorar muito: “nossa, amanhã pode ser eu”.**  
(Profissional 4)

Para além da tristeza em relação à perda da pessoa querida, os falecimentos também levam o idoso a pensar sobre a sua própria morte. Tal pensamento se faz ainda mais presente quando ele percebe sua condição como semelhante à do companheiro falecido, fazendo o fenômeno da morte mais concreto, próximo e real.

Sobre a forma como a instituição lida com essa questão, o profissional 5 ressalta a existência de orientação espiritual aos residentes:

**Aqui a gente tem um padre que é o orientador espiritual deles,** ele faz as celebrações e sempre está conversando com os idosos. Muitos têm mais liberdade sobre esse assunto com o padre. Hoje, quase 100% deles falam de morte, assim, que o próximo passo deles é esse. Eles não têm muitas idéias, muitos objetivos, muitas perspectivas, um projeto para realizar. **Eles já têm consciência do que já passaram e daquilo que está bem perto deles.** (Profissional 8)

No trecho, o entrevistado exalta o papel do padre como orientador espiritual dos residentes e que, portanto, ele seria responsável por trabalhar com os idosos essa questão do significado e enfrentamento da morte. Para o profissional, a consciência da proximidade da morte se explicita pelo fato de os idosos não estabelecerem projetos ou objetivos de vida, afinal, não haveria tempo para isso. A ausência de projetos por parte dos idosos será melhor discutida no Eixo II, quando evidenciadas as contribuições do olhar psicanalítico sobre elementos identificados no campo.

A contribuição da área de psicologia é frequentemente citada em outros relatos como também responsável por esta questão, mas por todas às vezes é apontada com certo distanciamento, como se os entrevistados dissessem que, logicamente, seria responsabilidade desse setor, mas sem saber exatamente quais ações, de fato, são desempenhadas por ele. Tal distanciamento é evidenciado na fala do profissional 2:

**Uai, isso é lá com a psicóloga. Eu não sei te falar o que ela faz, porque eu venho de manhã e ela à tarde... você tem que ver com ela...** (Profissional 2)

É necessário colocar que, embora a maior parte dos profissionais tenha se referido à área de psicologia como a responsável por este trabalho relacionado à morte, não há qualquer programa

ou ação formalmente estabelecida com esse objetivo. Para além da existência de uma orientação espiritual e psicológica, outra forma, ainda que indireta, de contornar essa questão da morte como uma realidade da instituição, é a preocupação por parte dos profissionais em não admitir exclusivamente idosos que estão em fase terminal,

**A gente tenta buscar os idosos mais lúcidos, mais saudáveis para não impressionar os idosos tanto assim.** Trazer um idoso em fase terminal e fica um mês aqui e morre e eles pensam que o idoso só vem pra cá para morrer?  
(Profissional 4)

Nesse sentido, percebe-se a tentativa de não caracterizar a instituição como um espaço para “esperar a morte chegar”, assim como colocou o entrevistado 3 em trecho anterior.

Sobre o enfrentamento da morte, seja por parte dos profissionais, seja entre os idosos, faz-se necessário retomar a discussão sobre o temor e a negação da finitude humana que demarcam a sociedade narcisista. Pensar e falar sobre a morte de outrem leva, necessariamente, à referência a nossa própria morte, ainda que de forma inconsciente. Como um fantasma que ameaça a concretização do ideal narcisista do Eu e da possibilidade de permanecer em cena na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), a morte se revela um entrave, temido e negado. Mas como negar algo inevitável?

## 6.2 Eixo II – Sujeitos e Subjetividades

Neste segundo eixo de análise nos dedicamos à imersão na subjetividade de sujeitos que vivenciam a experiência da velhice na instituição abordada. Como exposto anteriormente, esse processo se dividiu basicamente em duas dinâmicas, a escuta das trajetórias e a realização de oficinas de artes, além das observações realizadas. Primeiramente, apresentamos aqui o cotidiano dos idosos na instituição. Em seguida, narramos histórias de residentes e os caminhos que culminaram na inserção na instituição. Posteriormente, empreendemos uma análise sobre questões que emergiram no campo, de modo a contribuir para a compreensão acerca dos significados da velhice para esses idosos institucionalizados. Por fim, realizamos uma discussão sobre as oficinas de artes desenvolvidas, suas dinâmicas e contribuições para o entendimento dessas subjetividades.

### 6.2.1 O cotidiano no Lar: no compasso do relógio

Às 07:30hs é servido o café da manhã. Para os idosos independentes, ou seja, aqueles que vivem nos quartos, o café é servido no refeitório assim como as demais refeições – almoço e jantar. Para os impossibilitados de se deslocarem até o local, existem funcionários responsáveis por servi-los nas enfermarias. O início da manhã também é o horário do banho, principalmente para aqueles que necessitam de alguma ajuda para fazê-lo. No meio da manhã, às 09:00hs, é servida uma colação, que pode ser um suco, um iogurte ou algum alimento leve.

Duas horas depois, às 11:00hs, o almoço é servido no refeitório e levado aos quartos para os dependentes. O cardápio é especificado pela nutricionista responsável e sempre contém arroz, feijão, carne, verduras e legumes. Outro fator crucial para a definição do cardápio são as doações recebidas, afinal, se há, por exemplo, uma doação de batatas estas serão necessariamente inseridas na refeição dos idosos. Juntamente com os idosos, os funcionários e voluntários podem almoçar no refeitório, sendo cobrados dois reais e cinquenta centavos de cada um pela refeição.

Em função do grande número de diabéticos, os sucos a serem servidos para os idosos são produzidos em duas versões: uma com açúcar e outra sem. Além disso, cabe ao funcionário que irá servir cada idoso conhecer as suas restrições alimentares a fim de evitar erros prejudiciais à sua saúde.

Um pouco mais tarde, às 14:30hs é servido o café da tarde, às 17:30hs o jantar e às 20:00hs mais um pequeno lanche, que pode ser um leite quente, algum tipo de biscoito ou mingau. Todas as atividades realizadas na e pela instituição têm de se adequar a essa grade de horários. Por um lado, a justificativa para tal baseia-se na necessidade de que uma grande instituição tenha regras para se organizar e funcionar corretamente e, por outro, pela importância dessa alimentação equilibrada e distribuída em pequenas porções ao longo do dia para a saúde dos residentes. Independentemente da razão, essa rigidez de horários revela-se uma característica das Instituições Totais descritas por Goffman (1974), diante da qual os residentes pouco podem fazer.

*Certo dia, Dona Diva – 81 anos – estava deitada em seu quarto, assistindo televisão. Dona Diva possui uma acompanhante em horário integral, que a ajuda em suas atividades básicas como o banho e alimentação. Às 11:00hs, a acompanhante pergunta à Dona Diva se quer que busque o seu almoço no refeitório, pois Dona Diva prefere almoçar em seu quarto. Ela responde que não, ainda não está com fome. Por volta de 12:30hs, Dona Diva pede à acompanhante que traga a sua refeição. Ao retornar ao quarto, a acompanhante traz um prato quase vazio, apenas com um pouco de arroz e feijão. “Não tinha quase nada lá”, ela disse. Não há nada a fazer, Dona Diva tem que aguardar a próxima refeição.*

Para além das refeições, o cotidiano dos idosos também é marcado pelos horários dos medicamentos prescritos pelos médicos e administrados pelo setor de enfermagem da instituição. Cada residente possui um prontuário com os medicamentos – quantidades e horários – fixado logo acima de suas camas. Cabe aos funcionários da enfermagem a atenção a essas especificações, o que nem sempre acontece.

*No espaço do forró, durante a ginástica em grupo que acontece às terças-feiras de manhã, um profissional da enfermagem chama o Senhor João para tomar sua insulina diária. Senhor João, bastante exaltado, se recusa a tomar o medicamento, alegando que já tinham passado trinta minutos do horário especificado. “Não vou tomar!”, enfatiza ele, “o meu médico falou que se não me desse na hora não era pra tomar! Eu avisei!”. O funcionário insiste dizendo que esse pequeno atraso não tem importância, mas o Senhor João se recusa a tomar a insulina. “Vocês querem me matar! Eu falei que tinha que ser assim! Todo dia é a mesma coisa”. Senhor João não tomou o medicamento.*

Várias atividades ocorrem no Lar ao longo da semana. Nas quartas-feiras à tarde acontecem os ensaios do coral, dos quais a comunidade é sempre convidada a participar, embora tal adesão seja relatada como ínfima pelos entrevistados. Nas quintas-feiras, também na parte da tarde, são realizadas as oficinas de artesanato que fazem parte de um projeto promovido por uma empresa local do ramo de confecções. Neste projeto, a empresa fornece retalhos para a produção de tapetes, chaveiros, almofadas e outros itens artesanais, além de arcar com os custos da professora que ensina e orienta os idosos na realização das atividades. As oficinas ocorrem semanalmente às quintas-feiras de 14:00hs às 17:00hs. Os participantes são em sua maioria mulheres e o número varia a cada semana.

Nas sextas-feiras, de 15:00hs às 17:00hs, ocorre o bingo. Tal atividade é organizada pelos próprios residentes e os brindes são doados pela comunidade. Esses presentes são geralmente sabonetes, pasta dental, entre outros artigos de higiene pessoal que agradam bastante aos idosos. O bingo acontece em uma sala que fica ao fundo do espaço da fisioterapia e a cada rodada um dos idosos participantes assume o papel de locutor, anunciando os números sorteados.

*Em mais uma sexta-feira o bingo se inicia com seis participantes. O Senhor Lázaro começa no papel de 'cantador' dos números, como ele mesmo diz. "O que vai ser?", Dona Vera pergunta, "Vamos de linha?", "Isso, vamos de linha" responde o Senhor Lucas. Com as regras acordadas começa o jogo. Nas primeiras rodadas venceram o Senhor Lucas, a Dona Vera e a Dona Chica. Na quarta rodada vence novamente a Dona Vera e mais uma vez ela pega o cesto de presentes para escolher o seu prêmio. Assim como a primeira vez, Dona Vera escolhe um sabonete e devolve a cesta para o centro da mesa. Assim que os demais viram o que ela tinha escolhido, chamaram-lhe a atenção: "Dona Vera, não pode pegar duas vezes o mesmo prêmio!". "Porque, Dona Chica?", "Porque assim outra pessoa pode ganhar isso também!". "Ah, entendi, é mesmo! Vamos fazer assim então, vou trocar!". Depois do diálogo e da decisão o jogo prosseguiu.*

Os idosos gostam muito do jogo e é possível identificar um grupo que o frequenta assiduamente. Por vezes eles vão até a sala da assistente social para verificar se os brindes já estão preparados para o jogo da semana. Pode-se perceber um grande envolvimento e motivação em participar, o que o torna uma atividade relevante no cotidiano desses sujeitos. São momentos de descontração em que os idosos interagem e se divertem juntos, além do prazer observado pelo fato de ser a única atividade que os próprios organizam.

Outra atividade ocorre quinzenalmente nas terças-feiras de manhã: é a ginástica na praça. Tal atividade consiste na realização de uma série de exercícios físicos ao ar livre, orientados e supervisionados por uma fisioterapeuta, em alguma praça da cidade. Para isso, os idosos que desejam participar são reunidos e levados até o local pelo automóvel da instituição. A praça a ser visitada é escolhida pela assistente social juntamente com a fisioterapeuta, as quais observam a infraestrutura do espaço para receber os velhos e, caso eles já tenham estado lá, se gostaram do lugar. Como na maior parte dos casos, forma-se um grupo que sempre participa da atividade, o que por vezes faz com que os profissionais deixem de tentar motivar os demais a participar.

A fim de comemorar os aniversários dos residentes, ao final de cada mês é promovida uma pequena comemoração. Nesta é servido um lanche diferenciado e às vezes um bolo, caso sejam conseguidas doações com empresas e outras instituições da cidade. São momentos importantes de

confraternização, em que quase todos os idosos são reunidos no salão do forró em torno de uma grande mesa, cantam os parabéns e comemoram “a vida uns dos outros”<sup>18</sup>.

Por fim, um evento realizado semanalmente na instituição que pode também ser incluído nas atividades corriqueiras de alguns idosos é o forró. Como mencionado anteriormente, o evento é conhecido na cidade como o “forró do asilo” e acontece nas terças-feiras e aos domingos. O entrevistado 4 contou um pouco sobre a origem desse evento

Na época da fundação a instituição era... quem mantinha os cuidados e mantinha tudo eram as irmãs da Igreja Católica. **Então, elas juntavam os idosos e levavam para o espaço onde hoje é o forró e levavam os idosos para lá dançar forró.** Aí elas chamavam uma pessoa para tocar sanfona e toda semana os idosos dançavam forró. Com o tempo, abriram as portas para quem quisesse visitar e ver os idosos dançarem forró...

Atualmente, o forró já tem 40 anos de existência e, como apontado, é uma das fontes mais expressivas de renda da instituição. Segundo um idoso que frequenta o evento assiduamente, cerca de 2.000 pessoas prestigiam o forró semanalmente, o qual sempre inclui apresentações de bandas conhecidas na cidade. Entretanto, embora inicialmente o objetivo dos encontros fosse voltado para a diversão dos idosos, ao longo dos anos pôde-se observar uma mudança fundamental em que, na realidade, o vínculo da festa com o Lar dos Idosos se dá prioritariamente pelo fato de ele ser realizado nas dependências da instituição. Pois, como argumenta o profissional 8 “A população frequenta muito. É muito popular mesmo. Os idosos são pouquíssimos. Hoje se a gente for pensar, apenas 2 ou 3 idosos participam do forró. Isso que eu acho interessante”. Nesse sentido, a baixa participação dos idosos pode ser explicada por essa espécie de ‘comercialização’ do forró, que perdeu o sentido original de recreação dos idosos.

Todos esses horários e atividades constituem o cotidiano no Lar dos Idosos. Conforme exposto no estatuto da instituição, os idosos possuem liberdade de circular pelas dependências da casa (caso tenham condição para tal) e podem optar por fazerem ou não alguma atividade. Entretanto, ainda que cada um possa organizar o seu dia, tal organização acaba por ser determinada pela rotina da própria instituição, especialmente o horário das refeições.

---

<sup>18</sup> Comentário de uma idosa em uma das comemorações dos aniversariantes do mês.

## 6.2.2 Era uma vez...

*Porque decaiu a arte de contar histórias?  
Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.  
BOSI*

Nesta seção apresentamos as trajetórias de vida de cinco idosos: Dona Vera, Sr. Lucas, Dona Lola, Sr. Lázaro e Sr. Sebastião. Tal apresentação é constituída em parte por palavras da autora e parte pela narração dos próprios sujeitos, cujas falas são ressaltadas no texto pelo recurso *Itálico*.

### 6.2.2.1 Dona Vera

*Envelhecer é ruim, só!*

Dona Vera, 76 anos, uma senhora de belos cabelos brancos, vive no Lar dos Idosos desde abril de 2010. Nascida em Carmópolis, zona rural, é uma mulher humilde, de *origem simples*. Seus pais viviam do trabalho na lavoura e do cuidado de animais, e foi assim que criaram suas quatro filhas. Após saírem da zona rural, Dona Vera e sua família se mudaram para a cidade de Oliveira e, posteriormente, para Divinópolis. Aos 22 anos de idade Dona Vera se casou e teve 8 filhos, 6 homens e 2 mulheres, sendo que um dos meninos faleceu antes do nascimento. Dona Vera relata uma vida de muito sofrimento ao lado do marido, que constantemente a agredia. Segundo ela, esse comportamento dele se dava pela forma como vivia a sua vida: *Numa mulherzada, numa cachaçada danada*. Pela fala de Dona Vera, pode-se perceber que as traições do marido eram recorrentes e ela nada podia fazer diante disso. Dona Vera diz que chegou a pensar em se separar do marido, mas seus pais se colocaram contra essa decisão: *Eu ia separar com dois meninos, mas meu pai e minha mãe não deixaram, disseram que eu tinha casado e tinha que viver a minha vida. Eu falei: Mãe, eu não quero...* No ano de 2011, fez 27 anos que Dona Vera ficou viúva, fato este de sua vida que ela acentua com um tom de alívio na fala e no olhar. *Ele me deu muito trabalho, eu sofri muito. Me batia, me tirou sangue, tentou me matar esperando o*

*segundo filho*. O tradicionalismo que marca a sua família fica evidente nas suas falas sobre a posição de seus pais em relação ao casamento e, principalmente, à separação. Para eles, o matrimônio consiste em um laço indestrutível, sob a pena de a mulher separada ser considerada de *honra duvidosa*. Apesar de se opor a esse pensamento, Dona Vera acaba o reproduzindo com suas filhas, o que fica evidente quando ela diz que *as meninas me deram muito trabalho só!* Esse trabalho, segundo ela, é porque *os filhos homens tudo casaram, só as duas não casaram. Tudo amigada...* Quanto ao trabalho, Dona Vera diz que começou bem nova na roça em que vivia com os pais, *oh minha filha que beleza, esse tempo não volta mais, bom demais. Plantava milho, plantava feijão, plantava café, plantava arroz... capinava, arrancava, ai que beleza!* Dona Vera conta que trabalhou na roça por muito tempo, quando seus filhos já estavam criados. Ela conta que chegou até a morar um tempo no interior de São Paulo, com um dos irmãos que comprou um pequeno sítio. *Acabei de panhar o café e fui quebrar milho, tinha que colocar um plástico assim e uma calça comprida pra não machucar... Cinco horas da manhã o cavalo já estava arriado e punha na carroça. Ih, eu adorava, mas depois o Lucas disse que isso não era serviço pra senhora mais não, e aí eu vim embora pra Belo Horizonte.* Dona Vera conta que após mudar para Belo Horizonte ainda trabalhou um tempo fazendo limpeza de residências e lavando roupas, *fui pra Belo Horizonte e fui lavar roupa pra fora, peguei muita mala de roupa pra lavar.* Depois disso, Dona Vera diz que morou com uma de suas filhas e a ajudava na produção de salgados para festas, mas lamenta ter tido que parar em função de sofrer de disritmia cardíaca. *Fiquei 6 anos com ela e adoeci, e o médico falou que eu não podia lavar banheiro, fazer nada...* Nesse momento, Dona Vera expressa muita tristeza no olhar, pois a doença representou para ela a vivência de grandes limitações, as quais ela teve de aceitar e se adequar a elas. Ao aprofundar nos relatos sobre a sua família, Dona Vera começa a descortinar uma realidade bastante conturbada, marcada pela presença de drogas, doenças e agressões. Para além de ter convivido por anos com um marido alcoólatra e violento, Dona Vera relata que tem netos envolvidos seriamente com o uso de drogas. Um deles, inclusive, foi assassinado com 17 tiros em uma favela em Belo Horizonte. *Ele ficou um mês na geladeira, como é que chama aquele trem? Não achavam a família, ele não tinha documento nenhum e fizeram DNA. Ela ficou louquinha, ele ficou pretinho da cor da sua blusa.* Dona Vera, triste com a situação de sua família, diz ter medo de que seu outro neto tenha o mês fim do irmão. Foi após um episódio de agressão desse neto que faleceu que Dona Vera foi obrigada a sair da casa de sua filha. *Eu tenho medo dele. Ele*

dizia “*eu mato você velha, eu mato o pai, a mãe e você*”. Após conversar com seus filhos, ela resolveu se mudar para um asilo. *Uai, morar sozinha meus meninos falaram que não podia. Uai, o único recurso é morar num asilo. Eu fui no Cajuru não tinha vaga, fui no Afonso Pena e o moço disse que não pois eu estava lúcida, aí eu arrumei a vaga aqui...* Ao ser questionada sobre os seus outros filhos, Dona Vera conta que também tem uma neta que está em tratamento de câncer e tem dois filhos pequenos que acabam sendo cuidados pela mãe, que é filha de Dona Vera. *Vão aposentar ela. Ela tem olho de vidro e não enxerga. Ela raspa a cabeça porque cai tudo quando faz a quimioterapia. Ela fica triste e chora.* Dona Vera, diante desse cenário, argumenta *é... sei que a vida é muito triste, mas logo corrige, não, aqui eu estou alegre. Eu vou lá almoço e vou embora.* Outra questão que preocupa Dona Vera é a doença de seu neto de apenas 14 anos. Sem saber exatamente qual é a patologia que o acomete, Dona Vera descreve episódios de convulsão frequentes, que exigem dos pais uma atenção constante. *Não fala. Andar ele anda, mas não fala não.* Por várias vezes Dona Vera expressou a vontade deste filho de levá-la para morar com ele, mas a doença de seu neto a incomoda no sentido de ela representar mais uma preocupação para eles: *Não... eu tenho medo de eu adoecer e ele adoecer também, o que eles vão fazer? Não sabe se corre comigo ou com o filho deles...* O asilo, para Dona Vera, representa segurança e tranquilidade, distância dessa realidade de sofrimentos e angústias que povoam sua história familiar. *Aqui qualquer coisa eles me levam para o pronto socorro, levam no posto... A minha pressão tem hora que tá baixa, tem hora que tá alta...* A preocupação com a saúde é muito presente no discurso de Dona Vera, e a segurança de morar no Lar se relaciona principalmente a essa certeza de ser sempre pronto atendida. Quanto à vivência no Lar, Dona Vera diz gostar bastante e ter feito muitas amizades. *Enfermeira, cozinheira, são tudo gente boa demais. As minhas colegas são gente muito boa.* Atualmente, Dona Vera mora em um quarto duplo, o qual divide com outra idosa. Ao longo deste período que está morando no asilo, já trocou de companhia por várias vezes, a maioria delas por problemas de adaptação e convivência. A sua última colega de quarto, Dona Iolanda, tem dificuldades de locomoção pelo excesso de peso e, conseqüentemente, precisava de ajuda para realizar a maior parte das atividades. A dependência em relação à ajuda dos outros e o alto volume do ronco noturno da colega passaram a incomodar a Dona Vera que solicitou a mudança de quarto. O resultado desse processo foi a mudança da Dona Iolanda para a enfermaria e uma nova idosa admitida foi encaminhada para o quarto de Dona Vera. Ainda que se preocupe com o perfil de sua colega de

quarto, a verdade é que Dona Vera passa a maior parte do tempo fora dele, pois participa de muitas das atividades oferecidas pela instituição, além da prática de exercícios físicos. Apesar da doença cardíaca que a deixa cansada e sem fôlego, sai para a sua caminhada diária pela cidade. Na posse de um crachá que contém o seu nome e o telefone do Lar dos Idosos, ela diz que vai para a cidade. *Ah, eu passeio. Sai sábado, domingo, segunda, ontem e hoje vou lavar minha roupa, mas amanhã vou sair. Eu saio sozinha, vou na cidade sozinha e Deus. Eles ficam com medo de eu atravessar a rua, mas eu sei atravessar a rua, gente! Não vou atravessar a rua quando vem um carro... Eu vou esperar o sinal.* A atividade que a Dona Vera mais gosta é o bingo: *Ah, adoro! Sexta-feira é dia de jogar.* Ela disse e deixa transparecer no olhar o gosto e o prazer sentidos ao participar do jogo e por ganhar prêmios como sabonetes, cremes hidratante para o corpo, roupas, por isso não falta nenhuma vez ao evento que ela própria ajuda a organizar. Ao longo do tempo, a importância de ganhar esse tipo de presente se torna compreensível pela dificuldade financeira de adquirir esses itens. Dona Vera é pensionista, recebe o benefício que pertencia ao seu ex-marido no valor de R\$540,00. Deste, 70% é pago mensalmente para o Lar dos Idosos, inclusive o décimo terceiro. *Graças a Deus eu tenho esse dinheiro pra mim, mas vai tudo aqui. É muito caro. Pra morar sozinha é R\$700,00, eu não dou conta de pagar...* Dona Vera lamenta muito as dificuldades financeiras que impedem que ela compre coisas que gostaria de comer e vestir, coisas que o Lar não oferece. Para suprir essas dificuldades, Dona Vera recebe dinheiro enviado por seus filhos todos os meses. Com esse dinheiro ela compra frutas, roupas e algum remédio que não seja ofertado pelo Lar. Dona Vera realmente adora itens de higiene pessoal, principalmente *os que são bem cheirosos.* Mas quando questionada sobre a imagem que vê ao se olhar no espelho, Dona Vera logo expõe uma expressão de desgosto *Nossa, ver essa muchibada?!? Eu trabalhei muito no sol.* Embora as marcas inscritas da velhice na pele e no corpo deixem-na chateada, por outro lado, certo orgulho é evidenciado na preservação dos cabelos brancos: *eu não deixo pintar de jeito nenhum!* Qual marca corporal da velhice é mais evidente que os cabelos brancos? Mantê-los pode dizer algo sobre a forma como ela encara esta fase de sua vida: não pintar o cabelo pode significar assumir essa realidade ou até mesmo resistir à campanha da sociedade narcisista atual (LASCH, 1973) de negar qualquer traço que denuncie a chegada da velhice. Tal resistência torna-se evidente no momento em que Dona Vera repreende o comentário de sua filha sobre o fato de ter pintado as suas unhas: *Ângela disse “mãe, a senhora velha e está com a unha pintada?” O que é que tem minha filha, eu não estou morta!*

Dona Vera, ao argumentar com a filha sua opinião, busca desconstruir o preconceito de que, por ser idosa, não pode mais cuidar de si mesma e ter vaidade. O convívio com a Dona Vera revela o quanto esse cuidar de si é importante para ela, não no sentido de disfarçar sua idade, mas para sentir-se bem. Sempre arrumada e de batom nos lábios Dona Vera está pronta para as atividades, levando a tiracolo sua garrafinha de água que, segundo ela, é *recomendação do médico*.

#### 6.2.2.2 Sr. Lucas

*É óbvio, o passado não volta.*

O Sr. Lucas tem 66 anos e vive no Lar dos Idosos desde fevereiro de 2011 sendo entre os homens, portanto, um dos membros mais recentes. Sr. Lucas é natural da cidade de Divinópolis, assim como sua mãe. Ele conta que seu pai é da cidade de Santos, São Paulo, e que seus avós maternos e paternos eram italianos, o que justifica em grande parte o seu gosto por massas e comidas do gênero. Logo de início o Sr. Lucas deixa claro ser portador de depressão crônica, a qual o atormenta há 25 anos. Seu quadro clínico se faz transparecer em sua expressão triste e cansada e no conteúdo de suas falas. Como é característico desse tipo de patologia, Sr. Lucas relata viver entre altos e baixos, momentos de bem-estar se intercalam com momentos de profunda tristeza. Para o Sr. Lucas, seu estado depressivo foi responsável, inclusive, pela sua separação da família: *Eu sou separado da família e acho que boa parte foi por causa da depressão mesmo.* Sr. Lucas relata que morou em várias cidades ao longo de sua vida, como Belo Horizonte e São Paulo. Casou-se no período em que morava em Divinópolis e teve 3 filhos homens, os quais estão atualmente com 44, 42 e 39 anos de idade. Ao falar dos filhos, lágrimas escorrem pelo rosto do Sr. Lucas, *eles são mais do lado da mãe, não sei por qual razão e eu não recebo visitas aqui. Vamos dizer que eu gostaria que eles viessem, mas gostar de uma coisa que você não consegue, tem dar jeito de esquecer.* Sr. Lucas sofre muito com a falta de sua família, de seus filhos e irmãos, os quais também raramente o visitam. Um aspecto relacionado ao seu filho mais velho que é ainda mais doloroso para o Sr. Lucas é o fato de ele ser usuário de drogas e estar atualmente preso. Como é de se esperar, isso o deixa muito preocupado e desgostoso, contribuindo para o mal-estar que sente frequentemente. Sobre o seu casamento e a separação, Sr. Lucas evita falar mais profundamente, alegando que o assunto causa-lhe muita dor. *Casei, separamos. Só que eu acho a vida muito vazia, mas achar uma segunda companhia eu não animo não. Isso eu não sei explicar direito. Como não deu certo, e o casamento foi muito constrangedor no final, eu tenho até pânico dessa situação.* Sempre ao tocar no assunto, era possível perceber o tamanho do desconforto sentido por ele, como se tocássemos em uma ferida ainda aberta. Por vários momentos foi preciso respeitar e recuar. Aos poucos Sr. Lucas foi delineando a figura de um casamento desgastado e

sem cumplicidade, cujo fim foi demandado pela sua então esposa, *não fui em quem quis acabar tudo, foi ela*. Fica muito claro na convivência com o Sr. Lucas que a questão familiar representa um grande impacto na sua vida, inclusive, no seu estado emocional. O fim do seu relacionamento foi um momento tão traumático na sua vida que a possibilidade de conhecer outra companheira é até o momento inimaginável. A separação ocorreu há um pouco mais de 7 anos, mas a dor ainda se faz presente como se tivesse ocorrido há pouco tempo. Sr. Lucas desabafa: *eu nunca esperei de chegar em uma certa idade e ficar assim sozinho. Eu acho muito ruim*. Termos como solidão e tristeza são muito frequentes no discurso do Sr. Lucas e se associam a um semblante sério e abatido. Mas quando conta sobre o trabalho com refrigeração, do qual disse ter sempre gostado muito, Sr. Lucas se mostra um pouco mais animado. Ele trabalhou na área desde os 12 anos de idade e diz ter aprendido a profissão com o pai. *Foi o ramo que fiquei a vida toda*. O gosto e o conhecimento pela profissão ficam evidentes quando ele dedica tempo a explicar a sua atividade: *a refrigeração ela se distingue em três categorias: a doméstica, a comercial que é mexer com freezer de supermercado e tem também a refrigeração industrial também que é esses grandes frigoríficos, almoxarifados e lugares de abate*. Além da refrigeração, Sr. Lucas também aprendeu a consertar relógios com um conhecido e por isso conserva em seu quarto uma pequena mesinha com materiais, peças e ferramentas. Sr. Lucas se aposentou após 35 anos de atuação profissional, com um benefício de R\$840,00, mas mesmo após a aposentadoria por tempo de serviço ainda continuou trabalhando por um período. Sr. Lucas esclarece que teve que parar de trabalhar em função do tipo de tarefa que realizava, *refrigeração eu parei porque era muito pesada*. Ele reclama que o valor de seu benefício não é suficiente para cobrir todas as despesas de uma pessoa de *forma digna*. Do total da aposentaria, R\$ 719,00 são pagos ao Lar dos idosos mensalmente, pois Sr. Lucas optou por viver em um quarto sozinho, assim como todos os homens que vivem nos quartos do Lar. *Sobra pra mim pouco, né? Sobra basicamente R\$120,00 e aí eu gasto um pouco com medicamentos e é um medicamento caro, de modo que tá dando pra tocar, mas apertado...* Sr. Lucas diz gostar de viver no Lar dos Idosos, mas sente falta de ter um cachorro, companhia que sempre apreciou ter. *E geralmente é fêmea, cachorra de porte médio, eu não gosto de pequenininha demais e nem grande. Sempre gostei de ter uma cachorrinha em minha companhia e tive que desfazer da minha última pra vir pra cá. Então parece uma coisa simples, boba, mas não é*. Sr. Lucas sempre se preocupa em expressar claramente o que sente e pensa, como o fez nesse momento tentando explicar que ter um animal como companhia é algo

significativo para ele, embora outras pessoas possam não compreender. Sr. Lucas diz que *por incrível que pareça, eu tenho uma ótima adaptação aqui dentro com funcionários e colegas que moram aqui*. Esta fala é um exemplo de como o Sr. Lucas se percebe sob um ponto de vista negativo, como uma pessoa problemática e de difícil convívio. Será que, de fato, ele é percebido assim pelos outros? Ao mesmo tempo que o Sr. Lucas relata ter uma boa adaptação em relação às pessoas com as quais convive no Lar, ele diz que os homens que vivem nos quartos, os quais se localizam todos no mesmo corredor do seu, são muito reservados e conversam pouco entre si. *Cada um no seu quarto. Agora aqui tem um colega que conversa um pouco mais comigo. Eu visito o quarto dele e ele visita o meu. De modo que a comunicação aqui entre colegas é um pouco restrita*. Quanto às atividades oferecidas pelo Lar, Sr. Lucas gosta de participar do bingo. Ele deixa claro que participar do coral faz muito mal a ele, porque as músicas lhe fazem lembrar o passado. *Não é bom pra mim*. Mais uma vez a questão da separação e da desintegração familiar se faz evidente como um evento marcante em sua vida. Outra atividade que imprime razão e oferece um apoio à vida do Sr. Lucas são os dois compromissos que ele realiza diariamente, *aqui eu tenho liberdade de sair, inclusive, 10:30hs eu saio daqui, busco os jornais e trago pra cá. 14:00hs eu vou na padaria e faço o café pra minha mãe todos os dias. Ai de mim se eu não saísse! Eu não posso ficar quieto, eu me deprimos mais*. E todos os dias, sem falta, Sr. Lucas deixa o Lar para buscar os jornais e, mais tarde, para preparar o café de sua mãe. Todos na casa já sabem dessa rotina. Sobre a velhice, Sr. Lucas diz não pensar sobre o assunto, que o problema é quando a pessoa está doente, pois se torna mais frágil e dependente. Para ele, o envelhecimento somente se apresenta nestas condições, já que se a pessoa está sadia não há porque pensar em velhice. *Se você encarar por esse lado aí é pior, eu não penso muito na velhice não, eu prefiro ignorar*. Essa resistência em relação ao pensar sobre o envelhecimento e, especificamente, sobre a velhice, pode ser resultado da forma pela qual o Sr. Lucas percebe que o idoso é tratado atualmente. *As coisas mudaram, eu lembro do meu tempo de menino o idoso era muito requisitado, muito procurado, os jovens até gostavam de tirar idéia com pessoas mais experientes e isso está acabando. O jovem não tem tempo pro idoso não*. Se ao idoso não é atribuído o devido valor, ou como disse o próprio Sr. Lucas, *acho que os jovens não entendem bem o que é o idoso*, é difícil assumir esse papel de discriminação. Sobre as circunstâncias que fizeram o Sr. Lucas se mudar para o Lar, trata-se de um capítulo muito triste de sua vida. *Eu tava morando ao lado de uma construção muito grande, numa garagem, de modo que a poluição sonora tava perturbadora*

*mesmo. Eu era obrigado a deitar mais cedo porque a construção começava cinco e meia, seis horas ligava a betoneira. Agora eu voltei e estou até obeso, mas lá eu cheguei a emagrecer muito no final, pois não estava dormindo direito, direito não, passava até duas noites sem dormir, mesmo com o cansaço e com os medicamentos. Foi uma fase muito difícil... depois que arrumou vaga aqui pra mim que eu consegui dormir, elas tiveram lá e fizeram sindicância, fizeram tudo. Segundo a assistente social, uma sindicância foi realizada após a solicitação de vaga feita pelo irmão do Sr. Lucas. Nesta, ele foi encontrado vivendo literalmente na garagem de uma casa: uma imagem deplorável. Sr. Lucas estava muito magro, descuidado de sua higiene pessoal e sem condições mínimas de sobrevivência. Pelo fato de haver vaga na casa e ele ter condições de pagar o valor estipulado, logo o Sr. Lucas foi levado para o Lar.*

### 6.2.2.3 Dona Lola

*Não tenho vergonha de contar meu passado não!*

Dona Lola tem 68 anos e há seis vive no Lar dos Idosos. O excesso de peso dificulta sua locomoção, mas não há como sua passagem pelo corredor ser despercebida em função de sua aparência particular e do forte cheiro de cigarro que exala. Dona Lola está sempre vestida com roupas coloridas, batom nos lábios, maquiagem, unhas pintadas e acessórios no cabelo: uma figura singular. Seu comportamento pode ser definido como inesperado, pois há dias em que passa pelo corredor, cumprimenta e conversa com as pessoas que ali estão, assim como há outros em que passa sem sequer olhar para os lados. Dona Lola tem uma história de vida marcada por momentos de muito sofrimento, a começar pela morte de sua mãe quando tinha apenas 10 anos de idade. *Quando minha mãe morreu virei escrava.* Ao ficar sozinha com o pai que não tinha condições financeiras de sustentá-la, foi enviada por ele para um hotel, no qual começou a trabalhar como doméstica em troca de moradia e alimentação. Ao contrário do que se espera do cotidiano de uma criança que frequenta a escola e despende seu tempo com brincadeiras, Dona Lola foi obrigada a se dedicar integralmente ao trabalho. O resultado dessa realidade é que Dona Lola não aprendeu a ler e nem a escrever. *Eu já passei maus bocados nessa vida.* Para além do serviço doméstico pesado, Dona Lola diz ter sofrido muitas agressões no seu primeiro trabalho no hotel. *Ela me batia com marmelo e depois... passava água com sal.* Os sofrimentos constantes parecem ter exigido de Dona Lola a construção de uma barreira contra o sofrimento: seus relatos são acompanhados de uma expressão de indiferença e até mesmo desprezo. Nada parece comovê-la. Não seria isso um escudo de proteção? O caráter da pessoa que a contratou no hotel vai se desvelando a cada vez que ela fala sobre a sua infância. *Do lado do hotel tinha uma fábrica de doce, que delícia! O pessoal sabia que eu gostava e sempre me chamava: Lola! Lola! Vem raspar o tacho! A Maria não deixava, mas eu ia assim mesmo! Era tão bom...* Dona Lola não tinha liberdade e nem dinheiro, pois todo o seu trabalho lhe era retribuído com moradia e alimentação. Mas Dona Lola revela algumas de suas estratégias para contornar essa situação. *Tinha uns moços que moravam na pensão. Eu comecei a arrumar a cama deles e a varrer o quarto, aí eles deixavam um dinheirinho debaixo do travesseiro...* Com esse serviço extra, Dona

Lola aproveitava uma pequena folga durante um domingo do mês e ia pra matinê. *Ai, eu adorava...* Ao sair desse hotel, quando já um pouco mais velha, viveu mudando constantemente de cidade, sempre trabalhando como doméstica. Dona Lola teve então uma filha que acabou sendo criada pelo pai, assunto este que Dona Lola não quis aprofundar em nenhum momento, pois parece ser algo que a incomoda bastante. E, de fato, o relacionamento com sua filha é bastante problemático, marcado por uma grande revolta por parte dela em relação à mãe. Aos 54 anos de idade, abandonada pelos familiares (pai e filha), Dona Lola tornou-se moradora de rua. Durante um ano ela viveu pelas praças da cidade, pedindo esmolas e dormindo cada dia em um lugar diferente. *Não tenho vergonha de contar meu passado não!* Aos 55 anos foi internada em um hospital psiquiátrico em Divinópolis, onde ficou pelo período de 2 meses e meio. Após receber alta do hospital, um sobrinho de Dona Lola alugou um barracão para ela, onde viveu sozinha durante 6 anos. Entretanto, com dificuldades para trabalhar e, portanto, sem condições de manter a casa, ficou por longos períodos sem fornecimento de água e luz. Quando o barracão em que morava foi vendido, ela voltou a viver nas ruas: *vivi de esmola no centro*. Por ficar sempre no mesmo lugar, Dona Lola tornou-se conhecida de algumas pessoas que se sensibilizavam diante da sua situação precária de sobrevivência. Estas pessoas aconselharam Dona Lola a procurar o Conselho do Idoso e fazer uma queixa de abandono familiar, a fim de conseguir condições melhores de vida. E foi isso que Dona Lola fez. Após 6 meses de processo, a promotoria exigiu que o Lar dos Idosos a aceitasse como residente, mesmo sem possuir fonte de renda alguma. *Aí eu vim parar aqui...* Atualmente Dona Lola vive em um quarto, sozinha, ao final do corredor da ala feminina. O quarto é cheio de artigos reunidos por ela e exala um forte cheiro de incenso misturado ao odor de cigarro: excêntrico, como a própria figura de Dona Lola. Dona Lola nunca recebeu visitas desde que se mudou para o Lar, o que evidencia ainda mais a sua situação de ausência de laços e vínculos afetivos. Sua filha, quando contatada pelo serviço social do Lar, se mostrou indiferente à situação de sua mãe, a qual nem considera uma pessoa da família. Grande rancor pode ser observado na fala da filha de Dona Lola, que a acusa de ter trabalhado como prostituta, algo que lhe causaria grande vergonha. No cotidiano do Lar, Dona Lola está sempre sozinha e não participa de nenhuma das atividades disponíveis. Ela frequentemente reclama de muitos problemas de saúde que geram um grande mal-estar e desconforto. Por vezes é possível encontrá-la sentada no corredor dos quartos femininos, sempre muito atenta ao movimento dos funcionários e dos demais residentes. A única atividade que mobiliza Dona Lola é o cuidado com

as plantas da instituição. Ela está sempre com a mangueira aguando o jardim que se localiza à frente do Lar, e também as plantas que estão à volta e dentro da gruta que fica no pátio. Para os profissionais, Dona Lola é *uma pessoa muito difícil*, o que faz com que eles se afastem dela, deixando de convidá-la para as atividades e eventos que ocorrem na instituição.

#### 6.2.2.4 Sr. Lázaro

*Eu vim porque quis, eu sei o que estou fazendo ainda, né?*

Sr. Lázaro tem 74 anos e em 2012 completará 5 anos de vivência no Lar. Sempre bem arrumado e com uma disposição invejável para qualquer pessoa de menos idade, é fácil encontrá-lo pelos corredores, jogando sinuca e interagindo com os demais residentes. Nascido nos arredores da cidade de Itaúna, a aproximadamente 40 km de Divinópolis, Sr. Lázaro é de uma família grande, composta pelos pais e mais dez irmãos, além dele. Ele conta que atualmente apenas dois desses dez irmãos estão vivos e também moram na cidade, no mesmo bairro em que foram criados após terem deixado a zona rural de Itaúna. *A vida era difícil*, comenta Sr. Lázaro ao descrever sua infância em meio à colheita e ao cuidado de animais. *A nossa vida lá na roça, a gente tinha um terreninho, criação, mas para comer era difícil, porque naquele tempo você colhia e tinha que limpar arroz no pilão, café tinha que moer no pilão, torrar e socar de novo pra virar pó, sabe como é?* Sr. Lázaro observa a diferença entre seu tempo de infância e os dias atuais, principalmente no que se refere às facilidades provenientes da tecnologia. Outra questão frequentemente mencionada por ele é a diferença no uso do dinheiro: *dinheiro, quase não se via dinheiro! Dinheiro era só quando se vendia uma criação ou trabalhava para alguém para ganhar um dinheirinho. Dinheiro... quase não se via dinheiro!* Sr. Lázaro se mudou para Divinópolis com 15 anos de idade, e desde então nunca mais saiu da cidade. Ele conta que chegou, tendo estudado apenas até o primeiro colegial, mas que teve a oportunidade de concluir o segundo colegial na escola da polícia. *Tentei ser polícia, não passei. Ai me colocaram para estudar na escolinha lá dentro.* Sr. Lázaro se considera privilegiado por ser pai de três filhos *bem sucedidos*. O mais velho se formou em administração de empresas, o do meio é advogado e o mais novo, embora não tenha concluído os estudos, tornou-se chefe de acabamento em uma fundição de alumínio da cidade. O orgulho pelos filhos se faz evidente nas conversas com o Sr. Lázaro, o qual exalta o tempo deles nas empresas em que trabalham, os cargos ocupados e o estilo de vida que levam. Sr. Lázaro diz ser aposentado, mas não gostar da ociosidade. Ele relata que, antes de se mudar para o Lar, trabalhou muito tempo como ambulante, vendendo produtos pelas ruas da cidade. Sobre esse trabalho ele fala com muito orgulho e revela com detalhes os

conhecimentos que o tornaram um bom profissional: *se você me der esse vestido aí, eu vendo!* Com um grande sorriso de satisfação no rosto, Sr. Lázaro diz ter atuado em muitas profissões antes de se aposentar: *Já fui motorista, barbeiro, trabalhei em balcão...* Além dessas, ele conta que é o responsável pelo corte do cabelo e da barba dos homens que residem no Lar. *Eu sou barbeiro aqui, às sextas-feiras eu faço o cabelo e a barba dos meninos aqui.* Sobre as razões que o levaram a se mudar para o Lar, Sr. Lázaro diz ter sido obrigado, em função da impossibilidade de continuar vivendo em sua casa. *Eu vim pra cá obrigado. Eu tinha três casas em Niterói em um terreno só, com 400m de terreno. E eles esconderam droga lá dentro do que é meu, eu morava sozinho. Alugava um barraco e no outro eu guardava ferramentas. O lote era grande. Se você fosse capinar lá os traficantes ficam de olho na gente. Se achasse droga lá eles queriam matar a gente. Aí ficou perigoso, e se a polícia achasse droga lá também ia falar que era minha, porque tava no que era meu! Então eu tive que sair de lá, quebraram tudo lá.* É com muito pesar que Sr. Lázaro relata a necessidade de abandonar seu terreno, mas rapidamente as conversas mudam de foco e se voltam para momentos de alegria e satisfação. Após meses convivendo com essa realidade de drogas e crimes, Sr. Lázaro pediu ao seu irmão que solicitasse uma vaga pra ele no Lar. *Eu pedi ao meu irmão, ele veio aqui e arrumou pra mim. Eu quis vir, porque tem gente que vem empurrado, né?* Ele faz questão de deixar claro, em vários momentos, que a decisão por morar no Lar foi tomada por ele, uma decisão autônoma decorrente das vantagens percebidas de viver em uma instituição como essa: *Aqui eu tenho companhia. Tenho tudo na mão: almoço, roupa lavada, passada, né?* Sr. Lázaro reforça a autonomia de sua decisão dizendo que não consultou os filhos sobre a mudança para o Lar. *Eu não avisei pra nenhum deles que eu vinha pra cá não. Eles vieram pra cá para eu escolher morar com algum deles e pediu pra eu escolher com quem eu queria morar. Eu falei que já tinha escolhido morar aqui e vou ficar por aqui mesmo.* É com grande satisfação que Sr. Lázaro relata esse momento de sua vida e diz não ter se arrependido de sua decisão. Segundo ele, viver com os seus filhos seria muito difícil: *Morar com a família eu acho meio difícil, e eles já tem as mulheres deles, tem os filhos. Eu chego lá tem o homem e a mulher que manda, depois tem os filhos e só depois eu vou ser o último, sabe? Então eu fico por aqui tenho o meu quarto e sou eu quem mando.* É evidente na fala de Sr. Lázaro que a perda da autonomia e do ‘poder’ de decisão dentro de casa seria algo extremamente incômodo para ele. Sr. Lázaro diz reconhecer que o Lar tem os seus problemas, mas que estes existem em qualquer lugar. *Aqui tem uns probleminhas, mas eu já sei driblar.* Em contrapartida, Sr. Lázaro

sempre ressalta as atividades que gosta de fazer: *eu jogo baralho aqui, eu jogo dama e jogo mais ou menos bem. Então pra mim é bom, todo dia eu jogo dama, baralho, sinuca.* Para ele, a velhice pode ser encarada de duas formas, a positiva e a negativa. *A velhice tem dois tipos: tem aquele velho negativo que não quer nada com a dureza e o positivo que faz de tudo um pouquinho, tipo eu. Gosta de dançar, gosta de jogar, gosta de fazer caminhada, gosta de namorar. Agora tem uns que não gostam de nada, ele só come, quer ficar só deitado, não quer tomar banho, nem trocar de roupa. Então tem dois velhos...* e ele logo completa *eu sou do lado pra cima. Porque eu penso que a gente tem que ser assim, até pra morrer a gente tem que ter coragem.* Sempre muito animado e presente na maior parte das atividades propostas pelos profissionais na instituição, a forma pela qual Sr. Lázaro se define é claramente perceptível na convivência com ele. Ele também conta com orgulho o fato de ter uma namorada que vive fora do asilo. A história do casal completou 4 anos em 2011, ou seja, iniciou-se quando Sr. Lázaro já vivia no Lar. *Ela veio no forró e eu cheguei perto dela, e as mulheres me chamaram para fazer artesanato e no outro dia eu vim. E eu vim e ela me contou, se eu queria namorar com ela...* Entre gargalhadas Sr. Lázaro conta que a iniciativa foi dela, algo considerado muito moderno para a sua época, mas que o deixa bastante vaidoso. Ela tem 68 anos e vive em uma casa próxima ao Lar. Dois filhos dela vivem em casas no mesmo lote que ela, o que faz com que sua casa esteja sempre cheia de netos. *Eu vou lá todo dia...* Sobre a possibilidade de morar com ela, Sr. Lázaro diz que prefere as coisas como estão, embora ela já tenha lhe feito este convite: *A gente faz de tudo um pouquinho. Ela queria que eu fosse morar com ela, mas eu pensei que morar com os outros é ruim. Morar sozinho é melhor. Eu tenho a casa aqui e ela tem a casa dela. Depois também eles aqui não aceitam quem já esteve aqui voltar não.* Sr. Lázaro descreve sua namorada como nervosa, mas as situações que ele descreve são na realidade evidências de ciúme, principalmente no forró. Feliz com a forma pela qual está vivendo, Sr. Lázaro ainda ressalta que se por alguma razão seu namoro for desfeito, ele deseja ter outras relações. *Se ela me largar eu arrumo outra!* Como ele mesmo definiu, namorar despertou nele *um novo espírito*, do qual ele não pretende abrir mão. Ao falar sobre a morte, Sr. Lázaro a pincela com tons que refletem a mesma positividade, *eu já estou acostumado. Nenhum vai ficar pra semente e tanto morre antes de nascer, morre depois que nasceu, e a morte não é o fim da vida, porque se você tem fé em Deus você vai ter a ressurreição lá do outro lado. Então morrer é uma coisa natural, tanto é natural a morte quanto o fato da gente ir almoçar daqui um pouquinho. Agora eu estou por aqui, pensei em não mexer com mais*

*nada e arrumei uma namorada!?! A preocupação do Sr. Lázaro é com o agora, pensar na morte como sofrimento é para ele uma perda de tempo, tempo este precioso para aproveitar as coisas boas da vida.*

#### 6.2.2.5 Sr. Sebastião

*Enquanto não pagar as contas não morre não!*

Um dos moradores mais antigos do Lar, Sr. Sebastião de 90 anos de idade tornou-se residente da instituição há 12 anos. Com idéias peculiares e muita disposição para prostrar, Sr. Sebastião é um homem esguio, interessante e curioso. Está sempre bem vestido em seus trajes sociais e com um boné na cabeça, observando atentamente o que acontece a sua volta. Sr. Sebastião nasceu no município de Joaquim Felício, próximo à cidade de Montes Claros, em Minas Gerais. Assim como outros idosos viveu sua infância na zona rural: *então a gente foi criado assim, você tinha que trabalhar, plantar, criar galinha, porco, aquele movimento da roça*. Sr. Sebastião diz ter estudado pouco, pois a escola do local onde vivia somente oferecia até a quarta série. Apesar de pouco estudo formal, Sr. Sebastião reconhece que aprendeu bastante ao longo de sua vida, e se considera uma pessoa muito inteligente. Ele conta que apenas uma irmã está viva e por isso ficou um pouco sozinho no mundo, *o pessoal daquela geração já foi todo mundo embora*. Ainda jovem ele mudou-se para Divinópolis e não mais saiu da cidade. Teve um relacionamento com uma mulher viúva de um conhecido seu, mas não se casou com ela legalmente. Eles tiveram uma filha, a qual Sr. Sebastião se refere com muita frequência. *Eu fui morar com ela e saiu essa menina, mas a gente não queria não*. Segundo ele, é ela quem lhe dá alguma assistência quando precisa, sendo a responsável por ele perante a instituição. Sr. Sebastião relata que sua vida conjugal foi muito conturbada, principalmente pelos desentendimentos com um dos filhos do primeiro casamento de sua companheira: *com licença da palavra ele era gay, bebia cachaça, fumava maconha e os outros ensinaram ele a roubar, como você vai morar com ele dentro de casa?* Os atritos com o filho de sua esposa são parte relevante de sua história, pois como ele mesmo afirma: *ele estragou a minha vida*. Sr. Sebastião conta que tentou suportar essa situação até que sua filha se casasse, o que ocorreu quando ele tinha cerca de 56 anos. Após o casamento, Sr. Sebastião saiu de casa e foi morar sozinho, situação esta em que ficou por 22 anos. *Uma mãe não vai contra o filho, então saí eu que era emprestado! (risos)...* A situação de rivalidade com o rapaz chegou a um nível insustentável: *Ai nós brigou lá dentro. Eu perguntei a ela se ela queria*

que eu matasse ele pra ela ver. Eu tinha uma enxada debaixo da mesa, quer ver eu matar seu filho? Entrei pra dentro do quarto e fechei a porta, ele virou um bicho e tirou a fechadura da porta. Eu disse que se ele entrasse lá eu cortava ele todo no facão. A partir de então o Sr. Sebastião saiu de casa e passou a viver sozinho, eu fiquei nessa de mora dali, mora aqui, mora dali. Mas ao adoecer e ter que ser operado, sua filha sugeriu que ele fosse viver em uma instituição, pois não tinha mais condições de viver sozinho. A Dênia que falou quando eu adoeci lá no Belo Vale, depois que eu operei: Vai pai, se não o senhor vai morrer! Atendendo ao pedido da filha, Sr. Sebastião se mudou para o Lar no ano de 1999. Sobre a sua situação de residente, Sr. Sebastião deixa claro que preferia ainda estar vivendo com sua companheira: *então estou aqui por causa disso, se não estava com ela até hoje*. Sr. Sebastião conta que esse mesmo filho com quem ele brigou, se suicidou ingerindo veneno alguns anos antes de ele se mudar para o asilo, mas mesmo depois do falecimento do filho não foi possível restabelecer a relação. Com o passar do tempo, sua companheira casou-se novamente e ele continuou vivendo sozinho. O sofrimento por essa situação é bem evidente nas conversas com o Sr. Sebastião, que relata a situação sempre com muita revolta e desgosto. Ainda sobre a vida na instituição, ele diz: *Moro aqui porque não tenho casa. Seu eu tivesse a minha casa eu morava lá, não é porque os funcionários são ruins não, os funcionários são tudo bão. O problema aqui são os moradores*. Sr. Sebastião diz gostar muito da forma como é tratado pelos funcionários dentro do Lar, entretanto, revela ter problemas de convivência com alguns residentes. Ele tem muitas críticas ao catolicismo e diz seguir uma religião diferente: *eu acredito na espiritualidade, aquilo que a gente não vê... não tem aquela tempestade? É o espírito maligno. E aquela brisa boa é o espírito do bem*. Em função dessa forma de pensar, ele encontra dificuldades em se aproximar dos outros moradores: *então esse lugar aqui não é pra mim não. Não bato papo com ninguém, eles não sabem entender... gosto do Lázaro e do Lucas, mas o povo aqui tem o espírito atrasado*. Embora tenha essa dificuldade em lidar com os demais moradores, Sr. Sebastião está sempre pelos corredores, conversando com funcionários e observando. Presente em todas as comemorações, passeios, aulas de ginástica, Sr. Sebastião é muito participativo e já faz parte da própria história do Lar. Nas conversas envolvendo a questão do trabalho, Sr. Sebastião relata que dedicou grande parte de sua vida ao trabalho na prefeitura e isso é essa esfera de sua vida lhe dá profundo orgulho. Nos passeios pela cidade, ele sempre aponta as praças, pontes e ruas que ajudou a construir, revelando um grande amor pela cidade. Ele conta que foram mais de 40 anos de trabalho e que, portanto, presenciou

grandes mudanças em Divinópolis. A única, porém expressiva, decepção relacionada ao seu trabalho se deu no momento de sua aposentadoria, *a prefeitura me deu prejuízo... eu pedi dois recursos mais perdi. O meu salário é R\$545,00, mas eu devia ganhar mil e tanto, mas a prefeitura me roubou...* A questão do dinheiro se mostra uma inquietação muito grande para o Sr. Sebastião, acarretando um sentimento de impotência: *eu não tenho casa, não tenho dinheiro, não tenho nada...* Para ele, essa questão também influenciou o fato de sua companheira não ter retomado a relação após a morte do filho, assim como influencia na possibilidade de ele construir uma nova relação: *mulher eu vejo as vezes que não precisa aturar homem porque elas ganham pra elas, elas falam muito isso por aí, que não precisa de favor de homem. A gente nessa idade, a mulher não vai querer, mas seu eu tivesse muito dinheiro...* Diante dessa questão, ele considera que gasta muito com a instituição, *ai meu dinheiro fica tudo aí, porque é caro, e eu fico sem nada...* Sr. Sebastião conta que os 30% que resta do seu benefício em suas mãos ele dá para a sua filha, assim como o décimo terceiro salário, *ela não pode trabalhar por causa dos meninos...* Assim, se ele precisa de algo além do que é fornecido pela casa, ele pede a sua filha que providencie. Para ele, é o governo que deveria fornecer a moradia aos idosos: *uai... os idosos deviam ser tratados de graça, né? O governo tinha que tratar tudo de graça e não trata.* Dentro da instituição, a atividade que mais desperta interesse no Sr. Sebastião é o forró. Ele está presente todas as terças e domingos, conhece a maioria dos artistas que se apresentam e gosta muito de dançar. Mas Sr. Sebastião é muito exigente e diz que a maioria das mulheres que frequentam o evento não sabem dançar ou, pior, sua aparência não lhe agrada: *vou dançar com você porque você é bonita, tá certo. Mas não danço com resto, elas não sabem dançar não, é restoio*<sup>19</sup>! Sr. Sebastião alerta que a sinceridade é uma de suas características: *uai, se eu tiver que falar alguma coisa de você, falo com você. Vou falar por trás?!?* Outra característica é a sua fascinação pela natureza e pelos ensinamentos que dela podemos tirar. Segundo ele, se observássemos a natureza seríamos pessoas mais sábias. *Você já olhou os insetos? Qualquer inseto do planeta terra come, bebe, veste, conversa um com o outro e tem medo de morrer. Você já viu isso?* Sua característica de observador se faz presente em vários momentos, sobre tudo ele pergunta a origem, como fez, de que forma fez. Para ele, a morte não é uma questão inquietante: *o ser humano não precisa ter medo da morte não, é zip! Você nem vê... ela não escolhe lugar não, cada um tem a sua hora, pode ser de dia, de noite, onde estiver morando.* Especialmente sobre a

<sup>19</sup> Sr. Sebastião utiliza o termo “restoio” para designar resto, porcaria.

perda de seus colegas, ele diz que já se acostumou: *cada um tem seu dia e sua hora, a gente não pode ficar lastimando, reclamando, é ruim. O asilo é que nem soldado no exército, um sai, outro entra.*

### 6.2.3 Um mergulho nas subjetividades

Nesta seção empreendemos uma análise sobre elementos relevantes do ponto de vista da subjetividade dos sujeitos, os quais emergiram em suas falas ao tratarem da velhice, da institucionalização e da morte. Nesse sentido, a questão norteadora da análise foi: *Como tais histórias recolhidas podem contribuir para o entendimento da realidade sob a qual versa a pesquisa?* Para tanto, as discussões foram organizadas em quatro categorias, a saber: a entrada na velhice; o fantasma da dependência; os suspiros de autonomia e o enfrentamento da morte. Tais categorias relacionam-se diretamente aos objetivos da pesquisa, pois dizem respeito ao modo como os sujeitos vivenciam subjetivamente a velhice em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos.

#### 6.2.3.1 A entrada na velhice

Retomando a perspectiva de Messy (1999) e Mannoni (1995), a definição sobre a quem devemos chamar de velho é algo muito particular a cada um, pois essa fase seria inaugurada por uma perda objetal brusca, a partir da qual o sujeito deixa de se perceber como objeto de desejo para o Outro. Nos casos dos sujeitos dos quais recolhemos as trajetórias de vida, alguns fatos se mostraram rupturas importantes que resultaram em transformações no modo de se ver e ver o mundo à sua volta. Interpretaremos cada um desses momentos separadamente.

No caso de Dona Vera, a velhice se apresentou no momento em descobriu possuir disritmia cardíaca. A partir do adoecimento, que a impediu de continuar a trabalhar e a impossibilitou de realizar até mesmo as tarefas domésticas, Dona Vera começou a sentir-se improdutiva. “Envelhecer é ruim minha filha, as doenças...”, diz ela ao comentar sobre como percebe essa fase de sua vida. Fica claro, ao conversar com Dona Vera, que a descoberta da doença e suas limitações trouxeram grandes mudanças à sua vida, não só físicas, mas também psíquicas. Quando descobriu seu quadro clínico, Dona Vera vivia com sua filha e a ajudava com as tarefas domésticas e com a produção de salgados e doces para festas. A impossibilidade de permanecer ajudando imprimiu em Dona Vera o sentimento de não lugar, como se sua condição não a

tornasse mais apta a continuar vivendo com sua filha. Foi por volta dos 70 anos que, segundo ela, sentiu o peso da velhice.

Já para o Sr. Lucas, a velhice se apresentou bem mais cedo, quando ele estava com menos de 60 anos. O marco na vida dele foi a separação de sua esposa e a consequente, como ele mesmo diz, desestruturação familiar. A importância desse fato para vida do Sr. Lucas se faz evidente por várias razões, dentre as quais a presença recorrente do tema no seu discurso, ainda que esteja tratando de outros assuntos. O próprio Sr. Lucas reconhece que sua vida se transformou negativamente após a separação, e que sentimentos como solidão e vazio passaram a atormentá-lo cotidianamente: “Eu acho a vida vazia”. A força com a qual esse fato marcou a vida do Sr. Lucas se mostra ainda mais evidente quando ele comenta sobre a possibilidade de construir novos relacionamentos afetivos: “Achar uma segunda companhia eu não animo não! De jeito nenhum!”. Nesse contexto, ele se mostra sempre arredio, como se o trauma proveniente da forma pela qual seu casamento se desfez, e as marcas que deixaram, o impedissem de vislumbrar que outras experiências diferentes podem ser vividas.

No caso de Dona Lola a ruptura vivenciada da mesma forma que o Sr. Lucas ocorreu antes dos 60 anos de idade, quando se tornou moradora de rua. Mais uma vez é a recorrência e a carga emocional envolvida no relato dessa situação que nos aponta sua relevância para o sujeito. Ainda que em meio a uma trajetória em sua maior parte escrita por momentos de sofrimento e dificuldades, a perda do lar e a vida nas ruas parece ter sido para ela o pior dos sofrimentos: “Eu já passei muita coisa nessa vida, morar na rua... ah, você nem imagina o que é isso...”. Em termos psíquicos, o mecanismo encontrado por ela para suportar essa realidade é a negação do sofrimento e uma aparente indiferença pelo que passou. Entretanto, é por meio de comportamentos, comentários, gestos e olhares que Dona Lola deixa transparecer que, por trás dessa aparência exótica e da forma rude de se comunicar com as outras pessoas, existe um sujeito fragilizado e marcado por cicatrizes profundas.

Já no que diz respeito ao Sr. Lázaro, a entrada na velhice se mostrou um pouco mais tranquila e sem grandes marcas no âmbito de sua subjetividade. Embora tenha passado pelo fim de um relacionamento afetivo, esse fato aparenta ser bem resolvido em sua vida. A perda objetal que

mais incomodou Sr. Lázaro foi a de seu lote, onde havia sua casa e mais dois barracões, um em que guardava suas ferramentas e outro que alugava. Nas conversas com Sr. Lázaro, o fato de ele ter sido obrigado a sair de sua casa em função da violência decorrente do tráfico de drogas na região o deixa muito chateado, principalmente pelo fato de ele ter vivido sua vida toda no mesmo bairro, pelo qual tem um carinho enorme. Entretanto, ainda que com pesar pelo acontecido, Sr. Lázaro não deixa transparecer, como nos outros casos, que essa perda tenha afetado sua percepção de si mesmo como objeto de desejo: ele não se sente diminuído, reconhece o amor dos filhos, dos amigos e da namorada. Nesse sentido, Sr. Lázaro se considera velho muito mais pela imposição social de que aos 74 ele o é, necessariamente. A fim de amenizar a carga negativa que recai sobre tal denominação, ele diferencia dois tipos de velhos, o positivo e o negativo, alegando que ele certamente é do tipo positivo.

No caso do Sr. Sebastião, a aposentadoria emerge como a ruptura que demarcou sua entrada na velhice. Para ele, a injustiça cometida pela prefeitura – local em que trabalhou por mais de 40 anos de vida – em relação ao valor de seu benefício, foi a responsável pela forma como sua vida se desenvolveu: “Se eu tivesse dinheiro... eu não tava aqui”. De forma mais específica, a perda a que se refere Sr. Sebastião é da autonomia proveniente de uma condição financeira mais favorável, a qual permitiria que ele escolhesse outro local para viver, por exemplo. Quando ele relata a história das desavenças com o filho de sua ex-companheira, por vezes o dinheiro aparece como pano de fundo, pois ele seria, por exemplo, uma forma de mudar de casa e amenizar a situação. Mais uma vez a questão financeira aparece como obstáculo, na visão do Sr. Sebastião, ao tratar da possibilidade de construir novos relacionamentos afetivos. Diante desse aspecto, Sr. Sebastião dá sinais de que ele se percebe como reduzido e fragilizado, “a gente fica sem saída”.

Os elementos destacados nas histórias desses sujeitos como marcas de entrada na velhice despertam questões interessantes. A primeira delas diz respeito à fragilidade do rótulo de que velhos são os sujeitos com mais de 60 anos. Na perspectiva de que esse momento estaria muito mais relacionado a uma perda objetal brusca, é interessante ressaltar o respeito às especificidades das histórias de vida dos sujeitos, abrindo espaço para o entendimento de que pode ocorrer em idades as mais diversas possíveis. Reconhece-se que no que tange aos aspectos legais, a marca dos 60 anos se justifica pela necessidade de se estabelecer um ponto de partida para o acesso a

direitos fundamentais. Entretanto, no âmbito da subjetividade, esse marco perde o sentido e é incapaz de explicar as diferenças entre sujeitos e realidades.

Outro ponto de destaque refere-se à perspectiva partilhada neste trabalho da indissociação entre o sujeito e o social. Um dos aspectos levados em consideração neste debate sobre a inserção na velhice é o sentimento de deixar de ser um objeto de desejo para o Outro. Nas histórias apresentadas, esse sentimento se traduziu em percepções de inferioridade, de improdutividade, de não pertencer ao lugar em que estava, de não ser benquisto, de impotência, dentre outras. Não se pode negar que parte dessas percepções são apontadas socialmente como exigências: ser produtivo, ter boas condições financeiras, *status*. Nesse sentido, percebemos o social influenciando o psíquico, isto é, a forma como esses sujeitos vivenciam esses momentos está diretamente ligada às imposições do que é bom e certo sob o ponto de vista da sociedade contemporânea. Tal entendimento é corroborado por Messy (1999, p. 30), “o velho não se sente, não se vê mais como objeto de desejo, impressão confirmada pela sociedade, que lhe sinaliza o quanto ele é agora improdutivo, inútil”.

#### 6.2.3.2 *O fantasma da dependência*

Um dos aspectos que mais incomodam os idosos é a questão da dependência, principalmente do ponto de vista dos próprios cuidados físicos, como a alimentação e higiene pessoal. As diferenças entre dependentes/independentes se fazem claramente perceptíveis dentro da instituição, se observadas as realidades vivenciadas nos quartos e nas enfermarias. Enquanto nos quartos os idosos se movimentam, alimentam, tomam banho e vestem-se sozinhos, nas enfermarias essas atividades são realizadas em grande parte (ou em sua totalidade) pela equipe de enfermagem. Como exposto na entrevista com os profissionais, há uma preocupação com a reserva de vagas na enfermaria para os idosos que estão nos quartos atualmente, pois a evolução para a condição em que há a necessidade de cuidados integrais seria um processo natural.

A gente tem que guardar a vaga pro nosso pessoal aqui. **Um dia eles vão subir, não tem jeito!** (Profissional 2)

Ao longo da observação realizada na instituição, foi possível perceber que este processo de *subir* revela-se um fantasma na vida dos residentes. Para além da mudança de quarto e da falta de privacidade – apontada como a grande diferença entre o quarto e a enfermaria – a mudança representa um processo de decadência que tem como ponto final inevitável a morte. O imaginário que prevalece no que diz respeito à *subida* é de que se está, de fato, um andar mais próximo da morte. Diante desse cenário, os idosos argumentam que não querem se mudar para enfermaria, mas a realidade é que, nesse aspecto, a vontade deles não é levada em consideração.

Durante os seis meses de observação, presenciamos o caso de uma idosa que vivia no quarto e foi transferida para a enfermaria. O processo se iniciou com as reclamações de sua colega de quarto de que ela não estaria mais conseguindo fazer as atividades sozinhas, principalmente em função do excesso de peso. Suas dificuldades acabavam gerando incômodos para a colega como, por exemplo, mau cheiro no banheiro pelo uso inadequado do vaso sanitário. As reclamações associadas à avaliação da equipe de enfermagem sobre a necessidade de maiores cuidados com a idosa fizeram com que fosse tomada a decisão de sua *subida*. Tal decisão foi então informada para a idosa que logo manifestou seu descontentamento. Gozando de boa saúde mental, a idosa por vários momentos mostrou-se contrária à decisão:

Eles querem me levar lá pra cima... não quero ir não! Aqui tenho as minhas coisas, minha geladeira, **lá é tudo misturado!** Não quero ir não... mas fazer o que, **não tenho dinheiro... eu vou morrer lá...**

A idosa chama a atenção para o desconforto com as mudanças, principalmente por mais uma vez ela ter de abrir mão de pertences, os quais conferem ao ambiente uma maior proximidade à ideia de um lar. Ao argumentar que “lá é tudo misturado!”, ela está justamente apontando o fato de que na enfermaria os quartos são maiores e reproduzem, em certa medida, o cenário de uma enfermaria hospitalar. Embora alguns pertences pessoais sejam colocados justamente para amenizar esse cenário, a imagem ainda permanece. Em sua fala, a idosa atribui sua aceitação à falta de dinheiro que, segundo ela, faria com que ela permanecesse no quarto, pois poderia contratar uma acompanhante. Outro ponto importante que emerge na fala da idosa é a questão da morte como uma afirmação de que esse será o seu futuro, aqui acelerado por essa mudança indesejada.

Semanas após a mudança da idosa para a enfermaria, pôde-se perceber o sofrimento por ela estar vivendo onde não gostaria de estar. Instalada em um quarto com uma divisória que separa sua cama da de outra residente, ela reclama do calor, do excesso de luz e da solidão. Sua nova companheira de quarto está bastante debilitada e passa a maior parte do tempo dormindo. Por vezes, ao passar na porta do quarto é possível vê-la sentada em sua cama com um olhar perdido e triste. Diante desse tipo de situação, em que não há lugar para os desejos e que a vontade do Outro se sobrepõe totalmente ao Eu, como é possível suportar e manter a saúde psíquica?

Um elemento de fuga importante identificado em muitos idosos é a fantasia. Como expõe Nasio (2007, p.7), “A fantasia é a encenação no psiquismo da satisfação de um desejo imperioso que não pode ser saciado na realidade”. E o autor continua

A fantasia tem como função substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível. O desejo é então parcialmente saciado sob a forma de uma fantasia que, no cerne do inconsciente, reproduz a realidade. Eis porque Freud qualificou a fantasia de *realidade psíquica*. Em outros termos, quando um desejo incestuoso não encontra seu objeto na realidade concreta – e, insisto, ele nunca encontrará –, o eu inventa e cria integralmente em sua imaginação (NASIO, 2007, p.11, grifos do autor).

A principal fantasia identificada nos idosos é o que chamaremos aqui de fantasia do resgate. Em inúmeras situações os idosos expõem o desejo de saírem da instituição, seja para retornarem ao seio familiar ou mesmo para viverem sozinhos. Entretanto, para alguns deles esse desejo se traduz na fantasia de que esse fato certamente irá acontecer: “Meu irmão vai me tirar daqui”, diz frequentemente uma idosa que vive na enfermaria, “ele disse que não vou morrer aqui...”. Para um dos profissionais, a fantasia desenha um quadro angustiante: “é uma espera eterna”.

Para outra idosa, a fantasia do resgate e sua conseqüente espera possuem um efeito de estagnação. Isso porque, ao ser convidada a participar das atividades, ela sempre justifica sua ausência por estar à espera de seu filho, filho este que nunca aparece. Ainda que servindo como escudo de proteção, a fantasia nesse caso abre espaço para o agir da pulsão de morte, uma ação destrutiva que deixa marcas no próprio corpo que é sacrificado. Como expõe Nasio (2007, p. 11), “[...] seja qual for a defesa escolhida pelo eu (recalque ou fantasia), o resultado é sempre o mesmo: um compromisso entre um eu temeroso e um desejo que permanecerá irremediavelmente insaciado”.

No caso dos idosos que narraram suas trajetórias de vida, essa questão do temor em relação à dependência pode ser considerada como o pano de fundo de seus relatos. Especificamente para a Dona Vera, o Sr. Lázaro e o Sr. Sebastião isso foi extensamente trabalhado a partir da reafirmação constante de sua autonomia, elemento que será mais explorado na subseção seguinte. O que se percebe é que reafirmando sua condição autônoma esses sujeitos afastam – ou pelo menos tentam afastar – o fantasma da dependência. Nesse sentido, eles buscam reforçar a idéia de que não se identificam com essa imagem do idoso dependente, o que é evidenciado em:

Eu faço tudo **sozinha!** (Dona Vera)

Eu ainda **sei o que estou fazendo**, né? (Sr. Lázaro)

Eu não tô **vegetando** que nem eles... (Sr. Sebastião)

Já no caso do Sr. Lucas, especificamente, foi a dependência emocional que ganhou destaque ao longo de toda a sua narrativa. Tendo em vista o papel central ocupado pelo rompimento dos laços familiares/afetivos em sua história, é a esse tipo de dependência que ele se refere ao analisar sua condição depressiva atual. Ao atribuir a esse fato a causa de um profundo sofrimento com o qual encontra dificuldades em lidar, em certa medida ele manifesta a dependência em relação a esse amor e presença dos familiares para a manutenção de sua saúde psíquica. Enquanto para os demais essa ausência causa tristeza e até mesmo certo descontentamento, para o Sr. Lucas ela assume o *status* de causa do adoecimento. Neste cenário, não há espaço na fala desse sujeito para a reflexão sobre outros tipos de dependência, como a física, pois é a emocional que mobiliza toda a sua energia.

Para Dona Lola, a dependência, assim como é o caso do Sr. Lucas, já se apresenta como uma realidade. Fica evidente em sua fala, bem como no convívio diário com ela, que a institucionalização já se caracteriza como a mais explícita situação de dependência, situação esta com que lidou ao longo de sua vida na medida em que sempre contou com a ajuda de terceiros para sua sobrevivência. Grande revolta pode ser percebida na fala de Dona Lola que constantemente critica os funcionários e os demais residentes. No que tange às fantasias desenvolvidas como estratégia de manutenção para o equilíbrio psíquico, nela identificamos o posicionamento de indiferença em relação aos fatos que marcaram sua história. Nitidamente um

mecanismo de defesa, Dona Lola se diz superior a esses acontecimentos, como se nenhum deles lhe causassem sofrimento.

### *6.2.3.3 Suspiros de autonomia*

Outra questão importante no âmbito da subjetividade dos idosos que vivem no Lar diz respeito aos espaços de expressão da autonomia. Retomando o posicionamento onto-epistemológico no qual se baseia esta pesquisa, faz-se importante resgatar o papel fundamental atribuído à autonomia dos sujeitos. No que tange a psicanálise, a ideia de autonomia perpassa pela conquista do autoconhecimento, por meio da reflexão e do reconhecimento da existência da dimensão inconsciente, que escapa ao controle do sujeito. Relacionada a essa perspectiva, tem-se a visão da teoria crítica de que a autonomia vincula-se diretamente ao conceito de emancipação, e é parte da luta dos sujeitos para superarem as condições de opressão às quais estão submetidos.

Como discutido anteriormente, no caso do velho essas condições opressoras são resultados de uma sociedade fundamentada em uma cultura narcisista em que não há lugar para aquele que não se enquadra em seus padrões. Especificamente no contexto das ILPI's, a opressão se intensifica na medida em que se vive claramente um cotidiano de regras e determinações, traços característicos das instituições totais descritas por Goffman (1974). Contudo, em meio a esse cenário é possível observar momentos – ainda que sutis – de expressão de autonomia dos idosos, ou seja, momentos em que eles se reafirmam como sujeitos e tomam para si a responsabilidade por decisões que lhes dizem respeito. Muitos desses momentos funcionam como válvulas de escape dessas subjetividades, de modo que elas possam resistir frente ao aprisionamento que lhes é imposto.

Ao longo da análise, vários desses momentos de “suspiros de autonomia” foram pincelados, mas alguns serão retomados aqui nesta seção. O primeiro deles diz respeito às atividades básicas do cotidiano, como a organização do quarto e a alimentação. Como tratado na seção anterior, a perda de controle sobre essas atividades básicas gera uma queda brusca na auto-estima dos idosos,

perda esta que é geralmente acompanhada da indesejada mudança dos quartos para a enfermaria. Nesse sentido, percebe-se na fala dos sujeitos uma satisfação muito grande em cuidar e organizar o seu próprio espaço, deixando a cargo dos funcionários da limpeza apenas as atividades mais pesadas. Alguns idosos dizem preferir lavar eles mesmos as suas roupas, também como forma de manter e reforçar sua condição de independência.

Outra expressão de autonomia é a possibilidade dos idosos independentes poderem servir sua própria comida, podendo decidir sobre o que e quanto servir. Para isso, a refeição é disposta no refeitório no estilo *self-service* e cada idoso se serve à vontade. Um profissional relatou que antes era um funcionário que servia os pratos para os idosos, mas que eles pediram para que esse sistema fosse modificado. Nesse ponto, a própria mobilização em torno de um objetivo comum indica uma expressão de autonomia, algo que não acontece com frequência na instituição.

A saída do Lar para a realização de alguma atividade é outra forma de expressar a autonomia, muito valorizada pelos idosos independentes. Entre os idosos que narraram suas trajetórias isso pôde ser claramente percebido. Dona Vera, por exemplo, se ausenta da instituição todos os dias para realizar sua caminhada indicada pelo médico. Assim como ela Sr. Lázaro gosta de passear pela cidade, além de dormir na casa de sua namorada alguns dias durante a semana. Como relatou em sua trajetória, Sr. Lucas considera sua ida diária à casa de sua mãe para o preparo do café um remédio no combate ao seu quadro depressivo. Para esses idosos, a possibilidade de sair reafirma a idéia de que eles não estão presos dentro da instituição e que, portanto, podem decidir sobre sair ou não quando desejarem. O mesmo não ocorre com os idosos dependentes ou semi-dependentes, afinal, estes somente se ausentam da instituição se forem levados por algum familiar ou responsável.

No que tange às atividades, é na realização do bingo que os idosos podem exercer de forma mais evidente sua autonomia. Como descrito anteriormente, essa é a única atividade que eles mesmos organizam, estipulam as regras e realizam. Por conseguinte, trata-se do evento que eles mais apreciam e se mobilizam a participar. Mais uma vez, tal participação é em sua maioria de idosos que vivem nos quartos, apenas esporadicamente participam idosos que vivem na enfermaria. Dentre os sujeitos de pesquisa, apenas Dona Lola não participa do bingo, pois diz não gostar da

atividade. Dona Vera, Sr. Lucas, Sr. Lázaro e Sr. Sebastião frequentam assiduamente e dizem adorar o jogo que se estende por cerca de quatro horas. Além do interesse pelos brindes, os sujeitos apontam a distração e a emoção ao jogar como pontos positivos: “Ai, eu adoro! Fico naquela agonia quando tô por uma pedra!”, diz Dona Vera. Mas é justamente a mobilização para o jogo que desperta atenção, pois não há nenhuma interferência da instituição. Já no que diz respeito às demais atividades, a autonomia dos sujeitos somente se expressa pela possibilidade de escolher se deseja ou não participar. Entretanto, duas situações desrespeitam esse direito de escolha e serão melhor explorados a seguir.

A primeira delas é quando há uma insistência muito grande por parte dos profissionais para a participação, o que faz com que o idoso por vezes aceite a fim de evitar conflitos ou para não desagradar alguém que ele estima. Até que ponto o convite não passa a ser uma imposição? Por vezes foi possível perceber que idosos estavam participando de alguma atividade contra a sua vontade. Um exemplo dessa situação se deu em um ensaio para uma apresentação que seria realizada durante a festa junina da instituição. Nesta, houve uma mobilização muito grande para que todos participassem da dança, a qual foi constituída por idosos tanto dos quartos quanto da enfermaria. A multiplicidade de condições – idosos cadeirantes, outros com dificuldades de locomoção, alguns com deficiência auditiva – fez com que os profissionais encontrassem dificuldades em organizar a apresentação: o que fazer? Como fazer? A falta de preparação para lidar com esse cenário gerou muitos constrangimentos, pois os elementos de dança propostos de um lado eram entediantes para os idosos independentes e, ao mesmo tempo, eram muito exigentes para os idosos debilitados. Em um desses momentos, uma idosa se aproximou e disse:

Olha, essa ‘rodação’ ta me deixando tonta! Machucou o meu braço... **eu disse que não queria participar!** Eu preferia assistir ou fazer outra coisa! (Dona Chica).

Outra situação de desrespeito à autonomia se dá quando, por exemplo, o idoso escolhe participar de alguma atividade como um passeio promovido pela instituição e ele não é, por alguma razão, levado. Tal situação ocorreu nas comemorações da semana do idoso, na qual várias atividades foram propostas, como uma volta pela cidade de trenzinho e a ida ao cinema. Especificamente nesta última, os idosos foram avisados que o automóvel da instituição sairia à tarde, mas sem marcar um horário específico. Sendo assim, os idosos que desejavam ir ao cinema foram, após o

almoço, se arrumando e aguardando na portaria da instituição. Entretanto, como não foi estabelecido um horário, alguns idosos ficaram prontos para sair primeiro, enquanto outros não. Tendo em vista a confusão, apenas esses idosos que já estavam prontos foram levados, enquanto os outros foram deixados para trás. Mais tarde, ao tomar conhecimento de que alguns idosos estavam na porta da instituição aguardando o início do passeio, estes foram então buscados, perdendo parte das atividades.

Apesar desses obstáculos, outros episódios de expressão de autonomia puderam ser vivenciados nos meses de observação participante na instituição, como foi o caso da recusa do Sr. Antenor em receber sua injeção de insulina por ter passado do horário recomendado pelo médico. Outro exemplo é a opção de algumas mulheres em não pintar os cabelos embranquecidos: uma negação dos padrões de beleza da sociedade contemporânea. Enfim, assim como esses, outros momentos foram presenciados e demonstram essa necessidade dos sujeitos de ao menos por instantes assumirem realmente a posição de *sujeitos*.

Todos esses acontecimentos suscitam a questão: Qual a relevância da autonomia no contexto específico dessa pesquisa, para os idosos institucionalizados? Como explicitado por Mucida (2006, p. 86, grifo nosso) nessas instituições vigora “a mesma prática do apagamento das diferenças; mesma comida, horários pré-determinados para as refeições, banho e outras atividades. (...) A demanda é de que os sujeitos **apaguem seus traços particulares a favor do bom funcionamento da mesma**”. Posteriormente, a autora completa: “Essa representa (sobre a entrada no asilo-exílio), sobretudo, para muitos a “aposentadoria” da possibilidade de desejar” (MUCIDA, 2006, p. 89). Nesse contexto, os “suspiros” chamam a atenção como resistências dessas subjetividades frente a essa pressão padronizadora, demonstrando uma realidade diferente: são sujeitos que ainda guardam desejos a serem realizados.

#### 6.2.3.4 O enfrentamento da morte

A morte é um dos assuntos mais inquietantes para o ser humano e, nesse sentido, acaba sendo negada como algo real e inevitável. Tal postura de afastamento reflete no despreparo em lidar com o fenômeno, o que faz com sua vivência culmine em um sofrimento profundo, muitas vezes patológico. Como exposto anteriormente, a velhice seria a fase da vida em que a morte é percebida de forma mais natural, até mesmo porque ela passa a ocorrer com maior frequência entre os amigos e familiares. Entretanto, Rosenberg (1992) chama a atenção para o fato de que, embora nesta fase essa questão esteja mais presente, isso não significa que esses sujeitos sintam menor temor e angústia ao vivenciarem a perda de algum ente querido ou mesmo ao refletirem sobre a própria finitude. Sob o ponto de vista psicanalítico, Abuchaim (2009) chama a atenção para a relevância da certeza da finitude para o entendimento das dinâmicas que marcam o funcionamento de nosso aparelho psíquico, principalmente se concebê-la como uma inesgotável fonte de angústia.

Nesse sentido, ao buscar compreender a vivência subjetiva da velhice dentro de uma ILPI, a investigação sobre os significados e sentimentos em relação à morte se mostrou um passo fundamental. Assim como encontramos uma diversidade de sentidos associados à velhice, diferenças também puderam ser observadas quanto à postura frente à morte. Sobre a perda de um companheiro, alguns idosos alegaram ser um momento de muito sofrimento, em que as lembranças geram muitas saudades.

Durante o período de observação participante realizado na instituição, presenciamos o falecimento de uma idosa que vivia na enfermaria. Na condição de semidependência, esta gostava de participar das atividades oferecidas pelos profissionais: passeios, oficinas, eventos. Sempre com um sorriso no rosto, era uma pessoa querida entre os demais idosos e os funcionários. Na ocasião do falecimento, o velório foi realizado em uma das salas próprias para este fim localizadas na instituição. Vários idosos foram até o velório despedirem-se dela. Sobre esse dia, Dona Vera comentou:

Ela estava linda! Com as unhas tudo pintada e o rosto tranquilo... Fiquei triste, tadinha, ela era muito boa, eu ia muito lá no quarto dela...

Outra idosa que vivia com ela no mesmo quarto da enfermaria, chorou copiosamente ao lembrar a companheira durante uma das atividades que ela costuma participar. A saudade da colega de quarto logo abriu espaço para o temor sobre a própria morte. A idosa dizia em voz alta:

**Não me leva meu deus! Não me deixe morrer aqui!**

Dona Vera também comentou o seu medo em relação ao desconhecimento sobre o que sentirá no momento exato de sua morte:

Eu tenho medo, **eu tenho medo de morrer!** Igualzinho uma mulher que tinha lá no Sidil, meu cunhado também tem medo! **Eu penso assim que dá muito trabalho pra morrer...** A Carminha fala: “Mãe! O coração parou, acabou! A senhora não vai ver ele parar não!”. Aí eu fico olhando assim (com a mão sobre o coração)...

Apesar do sofrimento pela perda dos colegas, alguns idosos se apoiam na religiosidade para viver esses momentos de forma mais tranquila, como no caso do Sr. Lázaro, por exemplo, que ao relatar sua trajetória expôs sua fé de que outra vida o aguarda após a morte. Na convivência com eles, é possível perceber que a religiosidade é realmente muito presente e funciona como um suporte para lidar com a ideia de que a finitude, além de ser uma realidade, está próxima. Outra forma de lidar com a morte observada em alguns idosos que vivem no Lar é através da crença de que poderão assim reencontrar seus familiares e pessoas queridas que já faleceram. Entretanto, é errôneo pensar que essas crenças consigam de alguma forma eliminar a angústia vivenciada por eles, atuam mesmo como instrumentos de conforto e possibilitam o alcance de um mínimo necessário para a manutenção do equilíbrio psíquico.

Outro aspecto relevante observado refere-se à outra dimensão da morte: a morte em vida. Kovács (2002) chamou atenção para o quanto esse jogo de palavras morte/vida pode revelar questões de significados profundos. Para ela, a “esmagadora presença da morte” na vida dos sujeitos pode atuar como um agente restritivo, de tal modo que “o sujeito fica tão acuado que parece não viver” (KOVÁCS, 2002, p. 3). Essa realidade se faz evidente na observação relacionada à ociosidade

vivenciada pelos idosos dentro da instituição. Não seria a apatia, a desistência e a ausência de projetos manifestações da morte em vida?

As conversas envolvendo a temática da morte revelaram uma multiplicidade de sentidos e estratégias para lidar com a angústia da finitude. Para alguns idosos, tratar do assunto mostrou-se algo mais tranquilo, enquanto para outros, foi preciso interromper as conversas e retomar a questão em outras oportunidades. O que se pôde observar em comum nas discussões sobre a morte é a presença da angústia e do sofrimento, e a diferença está na forma como cada um lida com esses sentimentos. Qual seria o papel da instituição nesse processo? O que se pôde perceber é que hoje, definitivamente, esse papel é indefinido.

#### 6.2.4 A experiência das oficinas de artes: escrevendo certo por linhas tortas...

Ainda com o intuito de acessar as subjetividades dos idosos, propusemos à diretoria da instituição a realização de algumas oficinas intituladas: “Entre traços e pincéis, como eu vejo o mundo”. Ao todo foram realizadas quatro oficinas, todas em segundas-feiras pela manhã. Após a explicação da dinâmica das oficinas, o presidente autorizou a sua realização, mas nos alertou:

Olha, você pode fazer, tá autorizado, **mas isso não vai dar muito certo não**. Já tentaram isso aqui... Os idosos querem coisas que eles se sintam importantes, ter uma responsabilidade.

Apesar da colocação do presidente, prosseguimos com o projeto da oficina tal qual ele foi originalmente elaborado. O primeiro encontro foi realizado no dia 08/06/2011 e contou com apenas cinco participantes. O tema desta oficina foi a seguinte questão: Quem sou eu? O objetivo da atividade foi compreender como os idosos se percebiam e de que forma retratariam isso nos desenhos, pinturas ou gravuras recortadas de revistas e jornais. Assim como qualquer atividade na instituição, esta se iniciou pela organização das mesas e materiais, pelo convite aos idosos e acompanhamento deles até o local. Com os idosos reunidos no local, explicamos a eles a proposta de refletir sobre a questão e expressá-la por meio da arte.

A reação dos participantes foi de apreensão: “Mas o que é pra fazer?” Tal questão foi recorrente ao longo da oficina, cuja duração foi de uma hora e trinta minutos. Após uma explicação individual para cada idoso, eles iniciaram a atividade. Uma idosa optou pelo desenho, e os demais pela seleção de gravuras. “Eu não sei desenhar!”, “Não sei por onde começar”, “Não vou nem tentar”, “Tem algo pronto aí?”, “Que cor tenho que usar?”. Ao final da dinâmica, **pouco material**<sup>20</sup> havia sido **produzido**. Muitos se distraíram apenas olhando as revistas e outros conversando.

Diante dos resultados dessa primeira oficina, sentimos uma grande frustração por não ter, ao menos aparentemente, **atingido o nosso objetivo**. Prosseguimos então com o projeto com a expectativa de que a segunda experiência fosse **mais produtiva**. Esta ocorreu no dia 13/06, tendo como pano de fundo o tema profissões. A idéia por trás desse tema era trazer à tona os sentimentos relacionados ao mundo do trabalho: gostos, desejos, realizações, aposentadoria, dentre outros. Como um recurso adicional, optamos por levar para os idosos desenhos diversos envolvendo profissões, para o caso de eles optarem apenas por pintar e/ou colorir. As escolhas, neste caso, seriam discutidas com os próprios idosos, a fim de compreender que sentimentos essas suscitavam.

Mais uma vez várias dificuldades foram encontradas. Ao contrário da primeira oficina, a qual ocorreu no salão do forró, a segunda foi realizada ao lado da sala de fisioterapia. Nesta ocasião, o número de participantes cresceu, pois houve um apoio dos fisioterapeutas para a realização da atividade. Pela facilidade do local, eles foram levando os idosos da enfermaria para participar, alguns deles acometidos gravemente pelos efeitos de doenças como Alzheimer e Parkinson. O grande número de idosos, associado às diferentes condições físicas e mentais, tornou a atividade um pouco confusa e, mais uma vez, esta foi avaliada por nós como **pouco fértil**.

---

<sup>20</sup> As expressões ou termos em negrito nesta seção representam as avaliações da pesquisadora realizadas ao longo do desenvolvimento da dinâmica. Estas estão em destaque porque são elementos importantes para a análise dessa etapa da pesquisa.

Nesse contexto, era preciso ajudar aos idosos com mais dificuldade e ao mesmo tempo orientar os demais sobre a intenção de que eles refletissem sobre as profissões. Apesar dessa sensação de infrutuosidade, permanecemos realizando a observação de todos os passos da dinâmica: os gestos, as reações, as escolhas, etc. Mais uma vez a questão “O que eu devo fazer?” foi incessantemente repetida, como se eles demandassem um modelo, uma ordem. A resposta para essa questão sempre perpassou a idéia de que eles utilizassem a criatividade e se expressassem livremente dentro do tema escolhido.

A terceira oficina foi realizada quinze dias após a segunda, pois, no dia 20/06/2011, os idosos estavam ausentes da instituição participando de um passeio a uma cidadezinha próxima a Divinópolis. Sendo assim, a terceira e a quarta oficinas foram realizadas em 27/06/2011 e 27/07/2011, respectivamente. Diante da falta de respostas aos temas escolhidos, propôs-se nestas duas últimas o tema livre, ou seja, os idosos poderiam escolher sobre o que gostariam de desenhar, pintar ou fazer montagens. Mesmo com a ausência de um tema preestabelecido, a reação dos participantes se manteve similar: questionamentos sobre o que fazer, certo desânimo quando solicitados a criar algo, abandono da atividade antes do término do tempo, dentre outros comportamentos. Percebe-se aqui que, apesar da liberdade em relação ao tema, a atividade em si (*o que fazer*) se manteve.

Por outro lado, essas duas últimas dinâmicas chamaram a atenção em termos de mobilização: foi satisfatório observar vários idosos reunidos em torno da mesa em meio aos lápis de cor, gizes de cera, pincéis e revistas. Mas em termos dos objetivos da dinâmica e o interesse em captar as subjetividades, o sentimento ainda era de **insucesso**. Contudo, ao longo das vivências provenientes do período de observação participante, bem como o aprofundamento nas reflexões teóricas, os elementos de subjetividade que emergiram nessas dinâmicas puderam ser reconhecidos.

A primeira questão refere-se à própria reação dos idosos: não seria o comportamento apático uma manifestação de resistência dos idosos frente às demandas de produtividade impostas nas oficinas? As palavras em negrito – **pouco material, pouco produtivo, objetivo, insucesso** – revelam a nossa avaliação inicial sobre os resultados das dinâmicas, justamente por nos basearmos em um

modelo preconcebido de *como deveriam ser* as oficinas e *quais deveriam ser* os seus resultados. Não houve, nesse sentido, espaço para a voz dos sujeitos, afinal, seriam as oficinas algo que despertaria o interesse dos idosos? É uma atividade de que eles, de fato, gostariam de participar? Embora fundamentando-nos no potencial já discutido dessas metodologias para o alcance da subjetividade, percebemos que mais do que resultados materiais, foram as dinâmicas em si que ofereceram uma riqueza de elementos para a compreensão desses sujeitos.

A partir do entendimento de que, nesse caso, a subjetividade poderia ter se manifestado não nos **materiais produzidos** nas dinâmicas, mas nos comportamentos, falas e ações dos sujeitos, alguns elementos interessantes puderam ser identificados. No decorrer das dinâmicas foi possível identificar a extrema baixa autoestima dos idosos, pois a todo o momento eles diziam não saber ou conseguir fazer terminada atividade e, quando a faziam, o resultado era sempre avaliado por eles como muito ruim. Nesse sentido, os desenhos, os coloridos e as montagens eram por vezes rasgados ou então desprezados pelos seus próprios autores, que diziam ser incapazes de realizar algo belo e interessante. Tal sentimento de baixa autoestima do mesmo modo se revelava no constante pedido de desculpas por parte dos idosos. Esse comportamento, observado não só nas oficinas, mas em todas as atividades realizadas com a participação deles, demonstra esse sentimento de estar a fazer algo errado e de não atender às expectativas.

Tal comportamento de frequentemente se desculpar pelos seus atos considerados falhos ou insuficientes desperta a atenção para o sofrimento desses idosos frente às situações a que são muitas vezes expostos, ainda que com objetivos de recreação e/ou reabilitação. Estariam as atividades respeitando os desejos, limites e possibilidades desses sujeitos? Nesse contexto, o Eu se faz diminuído perante o Outro, não estabelecendo, entretanto, uma relação positiva de construção (Eu e Outro), mas sim de resignação. Essa submissão ao Outro se faz evidente quando a questão “O que eu devo fazer?” presente nas atividades se torna um obstáculo paralisante. Nada acontece antes que a “ordem” seja dada. Essa necessidade de saber exatamente *o que fazer* remete justamente a essa preocupação em atender às expectativas de quem propõe determinada atividade ou tarefa, dando início ao sofrimento de não conseguir atendê-las.

Outro cenário nos ajuda a compreender o comportamento desses idosos. A questão da falta de autonomia resultante das perdas objetivas vivenciadas por cada um – casa, família, dinheiro, posição social – acaba por colocar o sujeito em uma condição inferior aos demais, questão esta amplamente discutida sob o ponto de vista da exclusão do idoso na sociedade narcisista contemporânea. Nesse sentido, ao reconhecer sua condição como inferior, resta ao sujeito a submissão, seja aos horários, regras e imposições da instituição total (GOFFMAN, 1974), seja nas outras esferas da vida, como no próprio lazer.

Não obstante essa realidade observada de submissão dos sujeitos, por vários momentos puderam-se identificar – ainda que sutis – expressões de afirmação da condição de sujeitos pelos idosos. Uma delas seria a própria negação em participar das oficinas, ou até mesmo a ação de abandoná-las antes do término previsto. Outras manifestações se deram ao longo das dinâmicas, principalmente pela realização de uma atividade diferente da proposta da atividade, pela recusa do tema ou dos materiais escolhidos.

**Eu vou fazer só se for um desenho pra eu mandar pro Papa. (Carminha, 99 anos)**

**Não quero desenhar nada não, hoje vou só colorir... (Lázaro, 76 anos)**

**Ah, hoje quero ficar só olhando, tá? Não quero fazer nada... (Alice, 90 anos)**

Outro aspecto relevante observado nas dinâmicas diz respeito à própria interação entre os residentes. Conforme explorado anteriormente, tal interação não ocorre de forma intensa, principalmente entre os idosos que vivem nos quartos e aqueles que vivem nas enfermarias. A partir da segunda oficina, em que as atividades passaram a ser desenvolvidas na sala ao lado da fisioterapia, a convivência entre os idosos em condições físicas e psíquicas diferentes foi estimulada. Se por um lado isso acarretou em maiores dificuldades na condução das tarefas, por outro tornou possível a realização desse contato que se mostrou bastante interessante.

Por vezes foi possível observar um idoso ajudando outro em alguma parte da atividade, na escolha da cor do lápis a ser utilizado ou mesmo opinando sobre o que mais poderia ser feito. Quando algum se destacava na produção de uma figura ou desenho, os outros paravam para apreciar e elogiar: “Que lindo! Olha como ela é boa nisso!?!”. O reconhecimento dos colegas

atuava como uma injeção de ânimo e vários sorrisos podiam ser observados. Alguns aproveitaram os momentos para desenhar elementos que remetiam à infância, em sua maioria vivida na zona rural. Sem interferência ou demanda dos organizadores, idosos contavam suas histórias para o colega ao lado a partir de fotos encontradas nas revistas ou desenhos feitos por eles mesmos. Cada dinâmica foi diferente, única, assim como os idosos que delas participaram. Esses momentos de troca e diálogo demonstraram que poucos espaços como esses existem atualmente na instituição. Ainda que vivendo no mesmo local, percebemos que muitos não se conhecem, não se comunicam.

As oficinas revelaram, portanto, elementos importantes que permeiam a subjetividade desses sujeitos. Suas contribuições, tanto em termos de operacionalização quanto da própria dinâmica em si, permitem reflexões interessantes sobre as atividades oferecidas aos idosos dentro da instituição. Até que ponto essas atividades são capazes de mobilizar os idosos? Porque razão a falta de interesse prevalece na maior parte desses eventos? A resposta para esses questionamentos perpassa pela ausência de significado dessas atividades para os idosos, afinal, que sentido, desejos, emoções e lembranças elas fazem despertar? Para alguns idosos, a atividade de colorir desenhos parece ter despertado lembranças da infância, da falta de compromisso com o respeito aos contornos e à diferença entre o real e o imaginário. Para esses, o momento foi de diversão. Mas para outros, esse efeito não existiu e a atividade se mostrou enfadonha: uma obrigação. Diante das imposições, a resignação dos sujeitos aparece então como resposta porque não dizer a uma naturalização – nós sabemos o que é bom para eles – que acaba por colocá-los em condição semelhante à de crianças, a quem se deve guiar, orientar e decidir por elas.

### 6.3 Eixo III – Sujeitos e Instituições: Encontros e Desencontros

Os dois eixos anteriores foram dedicados ao aprofundamento em relação à realidade institucional e ao universo das subjetividades, respectivamente. Neste eixo, por sua vez, objetivamos problematizar o confronto entre o que foi observado em cada um deles, de modo a refletir sobre em que medida essas duas ‘visões’ se aproximam e/ou se distanciam. De forma geral, identificamos que são muitos os *desencontros*, explícitos ou não, os quais acabam por gerar um afastamento prejudicial para a instituição – em relação ao alcance dos seus propósitos – mas, principalmente, para os sujeitos.

Passemos primeiramente pelos *encontros*. O cuidado com a assistência básica – aqui leia-se alimentação balanceada, cuidados de higiene pessoal e atenção à saúde – mostrou-se a preocupação principal da instituição. Na totalidade das entrevistas com os profissionais essa questão apareceu como o grande benefício oferecido àqueles que vivem no Lar, em função da qualidade desses serviços. Do ponto de vista dos sujeitos tal assistência é percebida, de fato, como um ponto extremamente positivo, o que para alguns até mesmo justifica a permanência na instituição. Interessante observar que esse cuidado desperta sentimentos nos idosos como de segurança e proteção, fortalecendo o vínculo afetivo. De forma mais específica, o controle dos medicamentos e a atenção constante às necessidades médicas e fisioterapêuticas são em grande parte responsáveis por esses sentimentos, uma vez que estão diretamente ligados à preservação da saúde, algo tão caro para os idosos.

O desenvolvimento do vínculo afetivo entre os residentes e os profissionais revelou-se outro ponto de *encontro*. Se por um lado os funcionários argumentaram que o amor pelos idosos funciona como um elemento motivador para o trabalho, por outro, os residentes relataram ter boa convivência com a maior parte dos profissionais. Pela observação, foi possível perceber que, de fato, para alguns idosos os funcionários tornam-se membros da família e são muitas vezes o único elo de contato com o mundo fora da instituição. Nesse aspecto, a comunicação entre instituição e sujeitos se mostrou bastante fluída e direta, o que faz com que, se essa relação de

afetividade ou, no mínimo, de cordialidade for por alguma razão desfeita, tanto o profissional quanto o idoso são advertidos. Sendo assim, prevalece um ambiente de respeito e carinho mútuo.

Já no que diz respeito aos *desencontros*, começemos pelo que talvez seja o principal deles: o silenciamento da voz dos sujeitos. Quando observadas as atividades realizadas no Lar, uma questão suscita preocupação: alguém questionou os idosos se eles desejavam a criação dessas atividades? Alguém lhes perguntou sobre o que eles gostariam de fazer? Assim como as oficinas de artes lhes foram impostas, as demais atividades também surgiram da mesma forma. Onde está o espaço para o desejo, se a instituição foi criada para esses sujeitos? Esse silenciamento do sujeito é reafirmado em cada evento e atividade: eles não participam da organização das festas, não opinam sobre os passeios que realizam e nem sobre outras decisões que lhes dizem respeito. Como algo natural, essa falta de interação é despercebida e constantemente reforçada.

Como exposto anteriormente, esse silenciamento relaciona-se em grande medida à visão do idoso como um *ser de cuidados*, assim como a criança. Ao assumir essa posição, ainda que não de forma declarada, a instituição se coloca como detentora do saber: saber como cuidar, saber o que se deve fazer, saber sobre o que é melhor para cada um deles. Nesse sentido, as decisões competem a quem detém esse saber. Ainda que imbuído de boas intenções, esse comportamento representa um desrespeito à condição autônoma desses sujeitos e tem reflexos perceptíveis, por exemplo, em termos da queda da autoestima. Sentimentos negativos são também desenvolvidos em relação à própria vivência na instituição, já que a falta de autonomia a descaracterizam, aos olhos dos idosos, como a casa (o lar) de cada um.

A imposição das atividades acaba por resultar no desinteresse por parte dos idosos, os quais muitas vezes optam por não participar. Aqui mais um *desencontro* se concretiza, uma vez que a não participação é traduzida institucionalmente como falta de força de vontade e apatia. Como em um círculo vicioso, essa percepção resulta na pouca oferta de atividades por parte dos profissionais e, conseqüentemente, um ambiente de ociosidade se instala na instituição. Sob o ponto de vista das pulsões, esse tempo livre desprovido de significados abre espaço para o agir da pulsão de morte, pois não há com o que se envolver, não há objetos com os quais a energia possa se mobilizar.

Mais um *desencontro* é observado no que tange ao setor de psicologia da instituição. Embora também sempre apontado como uma das vantagens e diferenciais da instituição, poucas ações foram observadas. Foi possível perceber que o setor não conta com uma linha de trabalho estabelecida, ficando a cargo do profissional definir suas atividades. Especificamente na entrevista com o ocupante do cargo no período da pesquisa, a indefinição se mostrou evidente:

O meu trabalho é muito dinâmico. Eu faço muitas coisas... (Como é o seu dia de trabalho?) Então, eu faço muitas coisas, as minhas atividades elas são... é... junto com o serviço social eu dou apoio a todas as atividades... Existe também o atendimento individual... enfim, são muitas coisas.

Interessante observar que em vários momentos das conversas com os demais profissionais, questões foram elencadas por eles como de responsabilidade do setor de psicologia, mas nenhuma dessas foi explicitada pelo profissional como tal. Isso indica que, na realidade, essas questões não estariam, portanto, sendo tratadas. Um exemplo claro diz respeito ao questionamento da pesquisadora sobre a existência de algum trabalho com os idosos sobre a temática da morte. A maior parte dos funcionários atribuiu essa tarefa logicamente ao setor de psicologia, mas mais uma vez o profissional em questão não soube explicitar detalhadamente quais seriam as ações nesse sentido. Na convivência com os idosos, esse suposto trabalho em relação ao assunto não pôde ser identificado, o que contribui para o entendimento de que ele não existe ou é pouco expressivo.

Sob o ponto de vista da relevância desse setor para os idosos, o que se percebe é uma carência de ações que dêem suporte às diversas questões que permeiam a vida dentro da instituição: a questão do abandono familiar, a baixa autoestima, a ausência de projetos, o temor em relação à morte, a solidão, as frustrações pelo não realizado, dentre diversas outras. No que tange à saúde psíquica, trabalhar essas questões se torna fundamental para que essas pessoas consigam, de fato, se perceber como sujeitos e vislumbrar as positivities que circundam essa fase de suas vidas. Ao não encontrar esse suporte, o adoecimento se apresenta como uma das saídas: é comum identificar nos idosos traços característicos de transtornos como depressão, pânico, transtornos obsessivos compulsivos, dentre outros. Como lidar com as angústias? Como vislumbrar possibilidades, se a finitude insiste em marcar a sua presença? Como lidar com o sofrimento

diante da ausência dos familiares? Não é difícil perceber que o suporte aos idosos é algo fundamental.

Associado a essas questões, ao longo da pesquisa o despreparo dos profissionais revelou-se mais um *desencontro*. Até que ponto os funcionários da instituição estão prontos para lidar com o idoso e suas especificidades? Importante destacar aqui que não se trata de uma crítica ao conhecimento técnico desses profissionais, mas da ausência de um conhecimento específico em relação ao público idoso. Como exposto anteriormente, quando da discussão do sentido do trabalho na instituição, foi possível perceber que muitos profissionais se sentem frustrados com sua atuação por não atingirem seus objetivos. Serão esses objetivos compatíveis com a realidade do idoso? A observação realizada chamou a atenção para o fato de que o idoso tem o seu tempo, suas limitações e peculiaridades. A ausência desse entendimento culmina em interpretações errôneas como a de que ele é, via de regra, preguiçoso e desmotivado.

Retomando a questão da morte, mais uma vez o despreparo é evidente. O assunto se mostrou doloroso para todos os profissionais, principalmente quando se trata dos idosos com os quais convivem diariamente e têm laços de afetividade. Conforme discutido, a dor diante da morte do outro também é penosa na medida em que desperta a angústia da própria finitude, angústia essa que perturba todos os seres humanos em maior ou menor grau. Entretanto, como profissionais de uma instituição em que a morte é um evento cotidiano, saber como lidar com ela torna-se fundamental para a preservação da saúde psíquica tanto do próprio profissional como dos idosos. Nesse sentido, esse preparo não deve se restringir exclusivamente ao setor de psicologia, como apontado pelos próprios profissionais, mas sim deve se estender a todos que se inserem nesse contexto.

A autora Maria Júlia Kovács corrobora essa perspectiva, chamando a atenção para a importância de uma “Educação para a Morte”, principalmente no que diz respeito aos profissionais como médicos, enfermeiros, psicólogos e outros que trabalham em organizações onde há esse convívio diário com a perda. Em sua obra “Educação para a Morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação”, de 2003, a autora relata a experiência da criação de disciplinas sobre o assunto no Instituto de Psicologia da USP no nível de graduação e pós-graduação, justamente

com o objetivo de introduzir o tema para os futuros profissionais. Na visão da autora, mais do que simplesmente abordar a questão faz-se necessária uma formação que permita com que eles possam enfrentar e contribuir no sentido de amenizar o sofrimento proveniente desses momentos de perda.

O despreparo dos profissionais associado ao foco nas questões assistenciais básicas pode ser elencado como uma possível razão para outro *desencontro*, este relacionado à falta de atenção quanto a questões que interferem subjetivamente na vida dos idosos. O primeiro exemplo refere-se aos efeitos danosos das diferenças financeiras entre os residentes. Uma ocasião específica foi descrita na seção sobre o financiamento da instituição, em que a pintura dos quartos dos idosos foi condicionada a sua condição de arcar com os custos da obra. Assim como esta, em vários outros momentos essas diferenças se fazem evidentes e causam desconforto aos idosos que se sentem diminuídos em função de sua falta de recursos. Nesse sentido, a preocupação da instituição no que tange à sua manutenção, acaba sendo percebida pelos idosos que se sentem discriminados. Sobre uma idosa que não se adaptou ao Lar nos três meses iniciais de institucionalização, uma residente comenta:

Hum, metida! Olhou o banheiro e fez cara ruim, não gostou do quarto, de nada, você tinha que ver... **Mas eles puseram ela porque tinha dinheiro, né?!?** Isso aqui (fazendo um gesto com mãos) é que manda!

Na medida em que os idosos percebem que os recursos influenciam diretamente nas decisões da instituição e que possuí-los ou não influenciará na forma como ele será tratado, essa questão acaba por se configurar uma fonte de sofrimento. A falta de preocupação com a manutenção de uma equidade dentro da instituição acaba por reproduzir no seu interior as desigualdades vivenciadas na sociedade. Nesse contexto, para alguns idosos a segregação ocorre em dobro, pois além de estar em uma instituição que o retira do convívio social, ainda sofre discriminação dentro desse próprio grupo. Do ponto de vista institucional, essa questão não se mostrou relevante a ponto de gerar mudanças ou foi sequer reconhecida como um problema a ser solucionado.

Nesse mesmo sentido, o segundo exemplo dessa falta de sensibilidade institucional diz respeito ao fenômeno da *subida* explicitado anteriormente, no Eixo II. No caso específico apresentado, a idosa mostrou-se insatisfeita com a decisão de se mudar para a enfermaria, mas ainda assim o

fato ocorreu. Para além da necessidade da mudança em função das condições especiais de atendimento oferecidos na enfermaria, não se levou em consideração o simbolismo que envolve esse momento de passagem do quarto para a enfermaria. Assim como em relação às diferenças sociais, a falta de atenção sobre os impactos que estas questões exercem sobre a subjetividade desses sujeitos somente contribui para o adoecimento não somente mental, mas também físico.

Nesse contexto, um *desencontro* travestido de *encontro* se evidencia: a perspectiva da velhice. Em termos institucionais assim como entre os sujeitos, os significados apreendidos foram variados e certamente relacionam-se a vivência de cada um em relação ao tema. Contudo, a perspectiva que prevaleceu em ambas “visões” foi a da velhice como perdas (MESSY, 1999) e, nesse sentido, há um aparente *encontro* das perspectivas. Como exposto na discussão teórica, essa se caracteriza pelo enfoque dado às faltas experimentadas pelos sujeitos ao longo da vida, às suas perdas objetais. Nesse sentido, a velhice nada mais seria que o momento da vida em que nos deparamos com o maior número de perdas. Todavia, por outro lado também é possível pensar na velhice como aquisições, como o acúmulo de experiências e identificações que se reúnem na construção do ser tal como ele é. Aqui, o tempo vivido assim como a história construída assumem um papel de destaque, que deve ser lembrado e ressignificado.

No olhar da velhice como aquisições, o sentido da vida se constrói na busca por acumular essas identificações e experiências. Nesse contexto, quais são as oportunidades oferecidas pela instituição para que esse processo de acumulação possa continuar? Até que ponto as atividades e o próprio cotidiano vivenciado permitem que isso aconteça? A partir do momento que o próprio entendimento institucional – traduzido pelos seus profissionais – é de que a velhice, de fato, é o resultado de prejuízos constantes, como motivar os idosos para que contabilizem suas conquistas e não somente suas perdas? Mais uma vez a questão do respeito à autonomia revela sua importância. Como é possível perceber a condição de velho como positiva se eles são tolhidos em sua autonomia? Na medida em que a instituição não se mobiliza no sentido de ressignificar essa visão negativa da velhice, ela apenas reproduz a concepção predominante no seio da sociedade narcisista contemporânea. Nesse sentido, ao não buscar essa ressignificação, a instituição gera um *desencontro*, principalmente do ponto de vista do seu papel de oferecer aos idosos uma velhice

saudável e equilibrada: como essa visão pode ser compatível com a perspectiva da velhice como perdas?

Associado a essa visão negativa da velhice está em certa medida o posicionamento da instituição em conceber o idoso como um *ser de cuidados*. Nesse sentido, a privação da individualidade e da autonomia são consequências desse posicionamento, em que a condição do velho é equiparada a de uma criança. Se esta visão predomina, então o cuidado envolve o entendimento de que o idoso não tem condições de fazer determinadas atividades sozinho, que depende da orientação e da tutela de um adulto, que não tem consciência sobre o que é melhor para si mesmo, dentre outros. Tem-se aqui mais um *desencontro*. Ao contrário dessa visão, as próprias trajetórias de vida revelaram o desejo de autonomia e a capacidade de reflexão dos idosos sobre si mesmos e sobre o mundo à sua volta.

Conforme apontado inicialmente, foram muitos os *desencontros* identificados ao longo da pesquisa. Em certa medida, o que eles nos indicam é que realmente existem as duas 'visões' aqui apresentadas inicialmente apenas como ferramenta de estruturação da análise, ou seja, existe o que podemos chamar de uma visão da instituição e uma dos sujeitos. Mais que isso, é possível perceber que em vários pontos essas 'visões' se distanciam como se elas, na verdade, não falassem de uma mesma realidade da qual fazem parte. Quais as consequências desses *desencontros*? O resultado desse distanciamento não poderia ser diferente: interpretações equivocadas, atividades consideradas improdutivas, atitudes que causam dor e sofrimento. No momento em que a instituição não consegue perceber, e mesmo compreender essas subjetividades, ela se afasta assumindo a postura de detentora de um suposto saber que a tudo serve como justificativa.

Sob o ponto de vista dos sujeitos, esses *desencontros* significam a vivência de um cotidiano em que por vários momentos se sentem desconfortáveis, diminuídos em sua condição de sujeitos desejantes. Percebeu-se que isso é de tal forma naturalizado que eles, na maior parte das vezes, não se opõem e ainda pedem frequentemente desculpas pelo que consideram suas falhas. Nesse sentido, cabe repensar a questão: qual é o papel da instituição? Se a resposta se resumir à idéia de abrigo, talvez esses *desencontros* não façam sentido. Mas se a idéia é de um acolhimento que

propicie a esses sujeitos uma vida permeada de sentidos, tal como parece ser o desejo do Lar, percebe-se que um longo caminho ainda precisa ser percorrido.

Diante dos *desencontros* identificados, faz-se necessário refletir sobre quais são as possibilidades frente a esse cenário. Como amenizar esses problemas? Claramente sem uma intenção prescritiva, mas sim reflexiva, alguns elementos serão aqui discutidos. Um primeiro aspecto seria a importância de um setor de psicologia mais proativo, ou seja, um setor que não se restringisse a atividades pontuais, mas que estivesse atento às questões que afetam a subjetividade dos sujeitos, como as que emergiram ao longo da pesquisa: o envelhecimento como perdas e ganhos, o enfrentamento da morte, o dilema da *subida*, dentre outros. Como trabalhar essas questões? Como contribuir, dentro dessa área de conhecimento, para que a vida na instituição seja, de fato, saudável e feliz para os idosos? Uma atuação proativa remete justamente a essa ideia de não ser apenas responsiva, reagindo aos problemas e demandas identificados, mas sim propositiva.

Associado a essa postura pró-ativa do setor de psicologia, um aspecto interessante seria a proposição de trabalhos psicoterapêuticos em grupo para os idosos. Ao longo da pesquisa, explicitou-se que atendimentos individuais são realizados, principalmente quando demandados pelos idosos. Entretanto, as discussões e temáticas que emergiram na investigação demonstraram inquietações partilhadas por vários sujeitos que, se por alguma razão não procuram o setor em questão, acabam por vivenciar essas angústias e sofrimentos isoladamente. Assim como se pôde perceber em relação à morte, um assunto silenciado na instituição, percebe-se que as demais questões como o sentido do envelhecimento, os sentimentos em relação à família, o temor em relação à dependência, todas essas acabam da mesma forma passando por um processo de silenciamento, como se não falar sobre elas as fizessem desaparecer.

Mas qual seriam os benefícios dos grupos terapêuticos? O primeiro deles refere-se à possibilidade de partilhamento das angústias, ou seja, a possibilidade de que cada idoso perceba que as suas questões não são unicamente suas, mas que seus colegas também as vivenciam, ainda que manifestadas de formas diferentes. Outro benefício está diretamente relacionado à criação de laços entre os idosos a fim de que eles consigam se perceber como uma comunidade e, conseqüentemente, que a instituição se torne menos impessoal e estranha a eles. Por fim, estes

grupos podem funcionar como pontos de apoio aos idosos, principalmente àqueles que não mantêm mais contato com seus familiares. A existência de um suporte que amenize o sofrimento proveniente da solidão e do sentimento de abandono pode representar uma fonte de segurança para os idosos.

Outro aspecto relevante diz respeito à possibilidade de uma maior participação dos idosos nas decisões relativas às atividades sugeridas pelos profissionais. Porque não perguntar a eles sobre as atividades de que eles desejariam participar? Onde gostariam de ir? Tal atitude de pensar as ações em conjunto com os idosos, ao mesmo tempo respeita e estimula a autonomia, dando a eles a oportunidade de influenciar as decisões que lhes dizem respeito. Tal atitude pode resultar em uma participação mais significativa dos idosos nas atividades, uma maior integração entre eles e também com os funcionários. Essa construção conjunta com os idosos pode significar a criação de espaços que sejam, de fato, espaços significativos para os sujeitos, que estimulem investimentos libidinais e ocupem o lugar do agir da pulsão de morte em sua versão destrutiva.

Outro aspecto que se fez evidente por meio da investigação foi o despreparo dos profissionais para lidarem com os idosos. Tal despreparo se manifestou não em termos técnicos, mas no que diz respeito ao entendimento sobre as especificidades que marcam esses sujeitos. Como resultados dessa situação podemos apontar o sentimento de insucesso no trabalho por parte dos profissionais, a percepção de que exercem uma função inferiorizada, a crença de que os idosos são sujeitos apáticos e sem força de vontade, enfim, são vários os reflexos desta que consideramos ser uma falta de preparo para lidar com esses sujeitos. Como contornar esse cenário? De fato, um caminho para a mudança é a formação, ou seja, a conscientização de que o trabalho com os idosos depende da superação de preconceitos, de um conhecimento profundo sobre quais são as inseguranças, questões, sofrimentos e desejos que marcam essa fase da vida. De forma adjacente, o conhecimento do contexto sócio-histórico que marca o envelhecimento também se faz indispensável para compreender o porquê de determinados comportamentos cristalizados, reproduzidos cotidianamente.

Para além da necessidade de formação específica dos profissionais que desejam se inserir como profissionais que lidam com idosos, a pesquisa chamou a atenção para a necessidade de que a

sociedade como um todo passe a refletir sobre a velhice. Tratada claramente como algo distante, ser velho ainda causa temores na maior parte das pessoas. Como lidar com questões inexoráveis como a velhice e a morte? Lidar implica, necessariamente, em não negar sua existência. Um fato que ocorreu no Lar ilustra claramente esse afastamento, principalmente, das crianças e adolescentes:

Engraçado, um dia que veio uma turma de adolescentes de uma escola aqui da cidade. Um das meninas disse pra mim: **“então é assim que é ficar velho! Eu não quero ficar velha!”**. Aí eu disse para ela: **“então, minha filha, você vai ter que morrer jovem”**. Ela disse logo: **“Ai, padre! Mas eu não quero morrer, não!”**. Aí eu falei: **“Uai, então você vai ficar velha! Não tem outra opção!”** (risos).

O relato do Presidente chama a atenção para esse distanciamento das pessoas em relação à velhice e à morte. Tendo em vista a realidade do envelhecimento da população mundial, quais serão as consequências dessa negação? O que pode ser feito diante disto? Uma possibilidade interessante seria a inserção da velhice como tema de estudo nas escolas, desde o nível fundamental. Discutir essas questões ao longo da formação escolar é reconhecê-las como importantes no processo de crescimento dos sujeitos, que ao entendê-las como naturais para o ser humano, podem se preparar melhor para enfrentá-las como menos sofrimentos, angústias e preconceitos. Para além dessa inserção nas grades curriculares, a promoção dessas visitas a ILPI's podem se revelar oportunidades de aproximação e de experienciar essa realidade que, se por um lado envolve limitações e sofrimentos, por outro significa memória, sabedoria e história.

Como exposto anteriormente, estas possibilidades foram apresentadas aqui como ponderações a partir de alguns problemas ou dificuldades observadas ao longo da pesquisa. Esperamos que elas sejam apenas pontos de partida para o surgimento de alternativas e novos modos de pensar a realidade tanto dos velhos na sociedade contemporânea, como dos residentes de Instituições de Longa Permanência para Idosos. A pesquisa revelou que constantes reflexões se fazem necessárias a fim de que esses *desencontros* se tornem novos e frutíferos *encontros*.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*[...] De tudo ficaram três coisas: a certeza de que se está sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.*

*Fernando Pessoa*

As questões que mobilizaram esforços nesta pesquisa foram: Como velhos que residem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos vivenciam subjetivamente a experiência da velhice? E como esta vivência dos sujeitos é percebida pela ILPI e influencia suas práticas? Ao longo do processo de pesquisa percebemos que para responder a essas questões seria necessário imergir cada vez mais no cotidiano dos idosos pesquisados, cultivar relações de confiança com os sujeitos de pesquisa e conhecer mais profundamente o funcionamento da instituição. A investigação descortinou uma realidade extremamente complexa, razão pela qual optamos por conjugar várias técnicas de coleta de dados, como a observação participante, as entrevistas e o recolhimento de trajetória de vidas.

Buscando atingir o objetivo proposto, mantivemos a perspectiva da teoria crítica como postura onto-epistemológica e utilizamos a psicanálise como moldura teórica, elencando algumas categorias como *sociedade narcisista*, *desejos*, *pulsões* e *angústia* para analisar o fenômeno da velhice dentro de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. O resultado foi a constante busca por desvelar as condições de opressão que permeiam a realidade estudada, bem como a evidenciação dos momentos de expressão autônoma dos sujeitos. Ainda dentro dessa perspectiva, algumas ações foram vislumbradas e apontadas no Eixo III como possibilidades frente aos *desencontros* identificados na pesquisada.

Quanto à visão da instituição, foi possível observar claramente uma grande preocupação com os cuidados em relação à saúde e alimentação dos idosos, atenção essa percebida como diferencial de qualidade da instituição. De fato, nesses aspectos, observou-se no cotidiano grande zelo por parte da instituição, ainda que falhas tenham sido presenciadas, como por exemplo, o atraso do

remédio do Sr. Antenor. A questão principal que emerge desse foco predominante nessa que chamamos de atenção básica, é que a instituição como um todo acaba por funcionar no sistema de hotel, em que há os horários estabelecidos para a alimentação e para os medicamentos. Afinal, o que a diferencia do hotel é exatamente essa atenção mais completa ao idoso para que ele veja a instituição realmente como seu lar, onde encontra apoio e afeto para sua sobrevivência.

No que tange aos sujeitos, observou-se que a instituição abriga as mais diversas histórias de vida, histórias que se cruzam em um determinado tempo e espaço: a velhice no Lar dos Idosos. As trajetórias especialmente descritas nesta pesquisa falam sobre diferentes origens, personalidades e formas de inserção na instituição. Essas histórias por si só permitiram conhecer um pouco melhor o universo dos idosos institucionalizados. O aprofundamento nessas biografias e a aproximação das subjetividades propiciaram a identificação de sentidos e sentimentos em relação à velhice e à morte. O temor da dependência e a busca por espaços de expressão da autonomia são alguns exemplos desses aspectos identificados ao longo da pesquisa.

Ao confrontar as duas perspectivas, instituição e sujeitos, puderam-se identificar inúmeros desencontros que trazem prejuízos para a instituição – no que diz respeito ao alcance dos seus objetivos, mas principalmente para os sujeitos, os quais sofrem constantemente com o cerceamento de sua autonomia e com a negligência de aspectos que os afetam subjetivamente. Embora definidas as duas visões, inicialmente apenas para efeitos de apresentação da análise, ao final as diferenças se fizeram evidentes, demonstrando que, de fato, existem duas visões que coexistem na realidade do Lar dos Idosos e que essas visões estão distantes uma da outra, culminando em desentendimentos, equívocos e ações esvaziadas de sentido.

Cabe aqui então retomar as questões que orientaram essa pesquisa: Como velhos que residem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos vivenciam subjetivamente a experiência da velhice? E como esta vivência dos sujeitos é percebida pela ILPI e influencia suas práticas? Sobre a primeira questão encontramos uma realidade extremamente complexa, em que coexistem sofrimentos e prazeres. Não há, portanto, como definir como é essa vivência subjetiva, particular a cada sujeito e a cada história de vida, mas foi possível encontrar sentidos e temores compartilhados que revelam sujeitos muitas vezes abalados em sua autoestima e submissos à

imposição social de que são realmente seres desprovidos de valor. Em meio a esse contexto, identificamos resistências: momentos em que os velhos se reafirmam como sujeitos e demonstram sua condição de seres desejantes. Quanto à segunda questão, o que se observou foi que há uma percepção distorcida por parte da instituição em relação aos sentimentos e vivências dos sujeitos, o que faz com que por vários momentos essa incongruência se traduza em atividades consideradas fracassadas, desmotivação de alguns funcionários, dentre outros.

A pesquisa despertou, portanto, atenção para a necessidade de aproximação dessas visões, para que de fato a instituição possa alcançar os seus propósitos de constituir-se um Lar digno e saudável para os residentes, e para que estes possam ressignificar essa fase de suas vidas, reconhecendo o seu valor para além de suas fragilidades físicas, psíquicas e econômicas.

Outra questão interessante reforçada pela pesquisa diz respeito à imagem de Instituições Totais associada às Instituições de Longa Permanência para Idosos. De fato, ao longo do trabalho, por diversos momentos aspectos dessa tipificação foram apontados, entretanto, por outro lado, rejeita-se a adoção dessa classificação como definitiva e inquestionável. Isso porque a investigação empreendida demonstrou diversos pontos positivos da instituição, a qual se revela na maior parte das vezes a única solução para a sobrevivência desses idosos. Nesse sentido, para além de defini-la como instituição total e fazer recair sobre ela uma série de determinações, esta pesquisa se dedicou a pensar sobre ela de modo a questionar sim os seus significados, mas também refletir sobre mudanças que possam torná-la melhor.

Por fim, sugere-se que mais pesquisas possam ser realizadas nesse sentido de refletir sobre a estrutura e funcionamento das Instituições de Longa Permanência para Idosos, principalmente para além das questões funcionais, mas levando em conta que se trata de um espaço repleto de subjetividades.

## REFERÊNCIAS

- ABUCHAIM, A. Olhar a finitude: Um olhar psicanalítico da morte. Porto Alegre: Dublinense, 2009.
- ADORNO, T. Crítica Cultural e Sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002a.
- ADORNO, T., HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ARAÚJO, C. L. O.; SOUZA, L. A.; FARO, A. C. M. Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. (s/d).
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- ARIÈS, P. Une histoire de la vieillesse? *Communications*, n. 7. Paris: Seuil, 1983.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEAUVOIR, S. *A Velhice*: Realidade Incômoda. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1990 [1970].
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BOSI, E. *Memórias e Sociedade*: Lembranças de Velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Regulamento técnico para funcionamento das instituições de longa permanência para idosos. Resolução da diretoria colegiada – RDC 283 de 26 de setembro de 2005. 9p.
- BRYMAN, A. *A Research Methods and Organization Studies*. London: Unwin Hyman, 1992.
- BURREL, G.; MORGAN, G. *Sociological Paradigms in Organizational Analysis*. London: Heinemann Books, 1979.
- CAMARANO, A. M.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 27, nº1. Rio de Janeiro, p. 233-235, 2010.
- CARVALHO, A. S. Gestão de Pessoas e Envelhecimento: Sentido do trabalho para o Idoso. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 33, São Paulo, 2009. *Anais...* São Paulo: 2009. CD-ROM.
- CAVEDON, N. R. *Antropologia para administradores*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

- CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do séc. XXI: problemas, projeções e alternativas. *Revista de Saúde Pública*, v. 31, n.2, 1987. pp. 184-200.
- COMTE, A. Curso de Filosofia Positiva. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1842].
- COUTRIM, R. M. E. *A velhice invisível: O cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte*. São Paulo: Annablume, 2010.
- CZARNIAWSKA, B. *A Narrative Approach to Organization Studies*. v 43. London: Sage publications, 1998.
- DEBERT, G. G. A reinvenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.12, nº34, p. 39-56, 1997.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEVIDE, S. P. Velhice... Espaço Social de Aprendizagem: Aspectos relevantes para a Intervenção da Educação Física. *Revista Motriz*, v. 6, n. 2, jul./dez. 2000. pp 65-73.
- DIAS, M. O. R. L. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. Colóquio Internacional Formação, Pesquisa e Edição Feministas na Universidade. Brasil, França e Québec. *Anais...* Rio de Janeiro: 1994.
- DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. C. L. (Org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 17-35.
- DURKHEIN, E. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976 [1897].
- DUSSEL, E. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ENRIQUEZ, E. O indivíduo preso nas armadilhas estratégicas. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 18-29, 1997.
- ESTATUTO DO IDOSO. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. 68p.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, L. H. F. Preparação para aposentadoria: desafios a enfrentar. In: VERAS, R. P. Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1999.

FREUD, S. *Luto e melancolia* (1914-1916). In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XVIII Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*.(1921). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, V. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

FURIATI, A. E. Aposentadoria e Subjetividade: Uma pesquisa com aposentados pela Usiminas na Cidade de Ipatinga – MG. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 34, Rio de Janeiro, 2010. *Anais...* Rio de Janeiro: 2010. 1 CD-ROM.

GARCIA-ROZA, A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Editora Zagar, 2008.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução D. M. Leite. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOLDENBEG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista Katálogo*, v.10, nº especial. Porto Alegre: p. 83-92, 2007.

GONZÁLEZ REY, F. *Sujeito e Subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

GRAEFF, L. Instituições Totais e Questão Asilar: uma abordagem compreensiva. *Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento*, v.11. Porto Alegre, p. 9-27, 2007.

GUERREIRO RAMOS, A. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1981. 209p.

HABERMAS, J. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HADDAD, E. G. M. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. São Paulo: Ed. Cortez, 1993.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990 [1937].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050 – Revisão 2008*. 2008. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/default.shtm). Acessado em: 14/10/2010.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. 2011. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110524\\_comunicadoipea93.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110524_comunicadoipea93.pdf). Acessado em: 24/05/2011.

KELLY, L. T. S.; RIBAS, J. R.; COSTA, I. S. A. Atividades físicas, educativas e de Dança: Um estudo dos valores dos consumidores idosos. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 34, Rio de Janeiro, 2010. *Anais...* Rio de Janeiro: 2010. 1 CD-ROM.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. L. Rethinking Critical Theory and Qualitative Research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 1994.

KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KURY, M. G. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MANNONI, M. *O nomeável e o inominável: A última palavra da vida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

MARCUSE, H. *Razão e Revolução*. Tradução: Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARRE, J. L. História de vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.

MENCHEN, D. Dados preliminares do censo 2010 apontam envelhecimento da população. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/805298-dados-preliminares-do-censo-2010-apontam-envelhecimento-da-populacao.shtml>. Acessado em: 14/10/2010.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: ALEPH, 1999.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- MINERBO, M. *Neurose e Não-Neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- MIZOSCKY, M. C.; ANDRADE, J. A. Uma crítica à crítica domesticada nos Estudos Organizacionais. *Revista de Administração Contemporânea*, vol.9, n. 1, jan./mar., 2005
- MORAGAS, R. M. *Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MORI, M. M. *Aposentadoria e trabalho: investigação sobre a (re)inserção do idoso no mercado de trabalho*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- NASIO, J. D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.
- NASIO, J. D. *Fantasia: O prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.
- NEVES, L. A. Memória, história e Sujeito: substratos da identidade. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.3, junho de 2000.
- NOBRE, M. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Ed., 2004.
- PAÇO-CUNHA, E. Estatuto Filosófico da Organização ou Para uma Crítica aos Estudos Organizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2008, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: 2008. 1 CD-ROM.
- PAES de PAULA, A. P. *Teoria Crítica nas Organizações*. 1ed. São Paulo: Thompson Learning, 2008.
- PAES de PAULA, A. P.; PALASSI, M. P. Subjetividade e Simbolismo nos Estudos Organizacionais: Um Enfoque Histórico-Cultural. In: CARRIERI, AL. DE P.C; SARAIVA, L. A.S.(Orgs). *Simbolismo Organizacional no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2007, p.199-228.
- PAGÈS, M. *et al. O poder das Organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. São Paulo: Atlas, 1987.
- PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. (Ed.) *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: FGV, 2008.

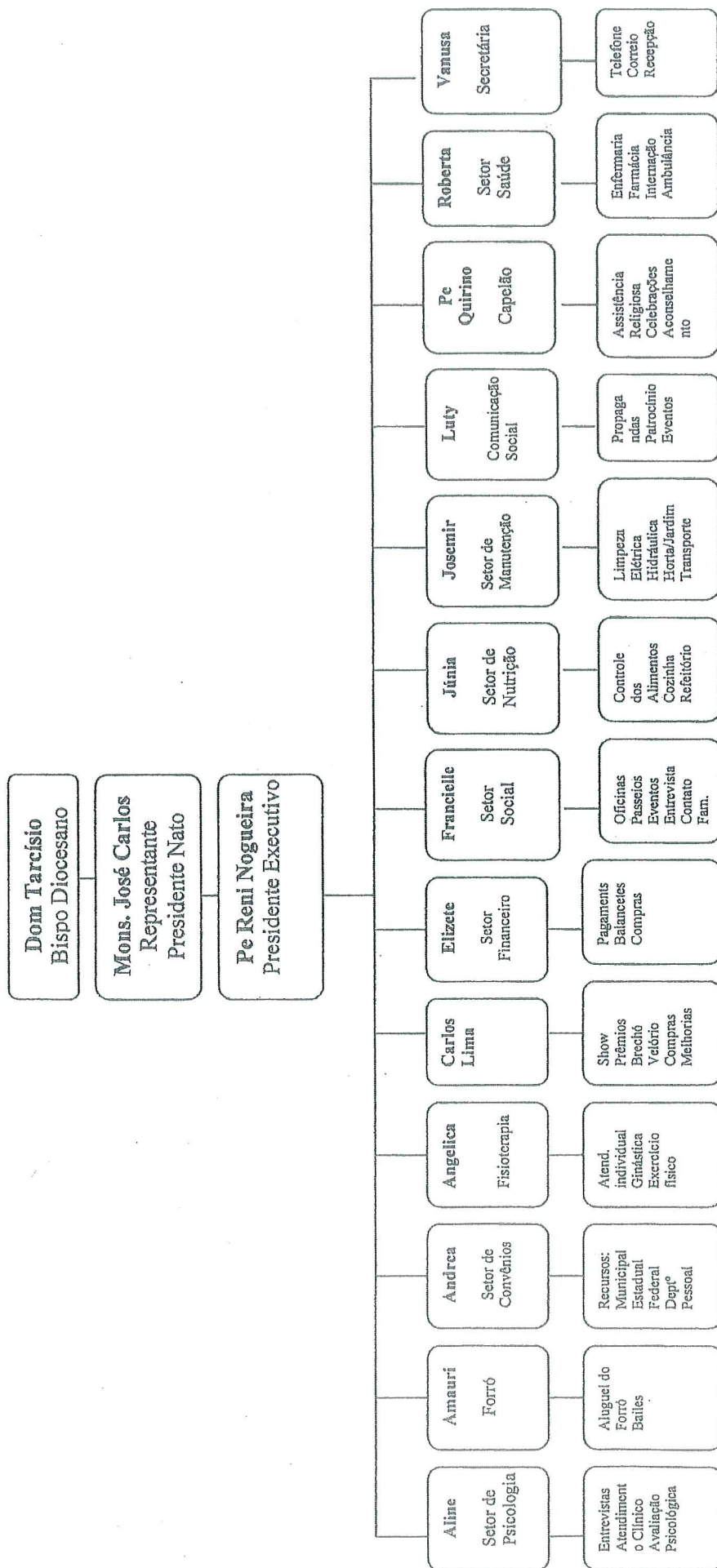
- PERES, M. A. C. *Velhice, Trabalho e Cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social*. 2007. 372f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RAMOS, A. G. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1981. 209p.
- RESENDE, A. C. Azevedo. Subjetividade em tempo de reificação: um tema para a psicologia social. *Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás*. v. 28, n. 4, p.511-538. Jul. Ago. 2001.
- RESENDE, A. C. Subjetividade e Educação: um não tão novo desafio para um não tão novo tempo. *Educ-ativa UCG*, v. 6, n. 2, p. 311-322. Jul.Dez.2003
- ROCHA, Z. *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta, 2000.
- ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. *Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração: guia para Estágios, Trabalhos de Conclusão, Dissertações e Estudos de Casos*. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999. 301p.
- ROSENBERG, R. L. *Envelhecimento e morte*. In: M. J. Kovács. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 58-89.
- ROUANET, S. P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- RUBIN, H.J. & RUBIN, I.S. *Qualitative Interviewing: The Art of the Hearing Data*. Califórnia: Sage Publications, 1995.
- SALGADO, M. A. Aposentadoria e ética social. In: *Série Terceira Idade*. São Paulo: SESC, 1997.
- SILVA, C. A.; CARVALHO, L. S.; SANTOS, A. C. P.; MENEZES, M. R. Vivendo após a morte de amigos: história oral de idosos. *Texto Contexto Enfermagem*, v. 16, n° 1. Florianópolis, p. 97-104, 2007.
- SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.
- SOUZA, J. L. C. *Asilo para Idosos: o lugar da face rejeitada*. Belém, ano 4, n°1, p. 77-86, 2003.
- TRAGTENBERG, M. *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Moraes, 1980.
- XIMENES, M. A.; CÔRTE, B. A instituição asilar e os seus afazeres cotidianos: um estudo de caso. *Revista Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento*, v. 11. Porto Alegre, p. 29-52, 2007.

- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- WANDERLEY, A. A. R. Narcisismo contemporâneo: Uma Abordagem Laschiana. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 9, nº 2. Rio de Janeiro, p. 31-47, 1999.
- WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. *Revista Brasileira Estudos Populacionais*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2006.
- ZACARELLI, L. M.; GODOY, A. S. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. *Cadernos da EBAPE. BR*, v. 8, nº 3, artigo 10. Rio de Janeiro, set.2010.

ANEXO A

**OBRAS ASSISTENCIAIS NOSSA SENHORA APARECIDA – LAR DOS IDOSOS**

**ORGANOGRAMA ADMINISTRATIVO DO LAR DOS IDOSOS**



*Pe Reni Nogueira*  
 Pe Reni Nogueira dos Santos  
 Presidente Executivo